

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)

Das influências teóricas às referências práticas



Carlos Manuel Galante Mendes

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

sob orientação do Professor Doutor Carlos Martins

Departamento de Arquitectura da FCTUC

Julho de 2016

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)

Das influências teóricas às referências práticas

Agradecimentos

Ao professor Carlos Martins, pela orientação, pela paciência, pelo interesse desde o primeiro momento e pela dedicação na procura do melhor caminho a seguir.

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo apoio permanente, pelo sacrifício, pela confiança, por acreditarem.

À minha família, em particular, à minha avó, à minha tia e aos meus primos, pelo incentivo.

Ao Jorge, à Lia, à Maria e à Micaela, pela amizade e carinho ao longo destes anos.

Ao meu avô, a quem dedico esta dissertação.

A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico (2009).

Resumo

A presente dissertação pretende fazer uma análise do *Arranjo da Zona Central de Aveiro* (1962-67) da autoria do arquitecto Fernando Távora (1923-2005). A análise envolve não apenas a dimensão arquitectónica mas também a dimensão urbana. Foca as questões espaciais, formais e programáticas, de um plano elaborado por alguém que sabia estar atento ao tempo em que vivia e ao que se fazia na arquitectura e urbanismo portugueses e mundiais. É um plano que conjuga harmonicamente duas ideias tão distintas: a preservação do ambiente histórico da cidade, mas ao mesmo tempo a sua transformação, com a finalidade de dar à cidade de Aveiro uma nova identidade.

Para fazer a análise do plano de pormenor de Távora é necessário identificar a sua base e toda a evolução da cidade até ao momento da intervenção. Como é imprescindível o estudo das várias influências durante o processo de planeamento. Influências que tanto podem ser de cariz teórico como também assumir a forma de exemplos concretos.

O estudo das influências/referências garante que a análise do plano é mais completa. É também importante para uma melhor compreensão das propostas e do pensamento do arquitecto aquando do processo de planeamento.

Palavras-chave

Aveiro, Fernando Távora (1923-2005), planeamento urbano, zona central de Aveiro.

Abstract

The present dissertation intends to do an analysis of the *Aveiro`s Centre Renovation (1962-67)* made by portuguese architect Fernando Távora (1923-2005). The analysis involves not only the architectural dimension but also the urban dimension. Focuses the spacial, formal and programmatic questions, of a plan prepared by someone that showed to be aware and conscious of the portuguese and international architecture and urban planning of his time. It is a plan that conjugates two distinct ideas softly: the preservation of the historical environment of the city, but at the same time its transformation, with the purpose of giving the city of Aveiro a new identity.

To analyze Távora`s urban plan it is necessary to identify its base and the evolution of the city until the o moment of the intervention. As it is essential to study the influences during the planning process. These influences that so much can be of theoretical face just as assume the form of real examples.

The study of the influences/references guarantees that the analysis of the plan is more complete. It is also important for a better understanding of the proposals and the thought of the architect at the planning process

Keywords

Aveiro, Fernando Távora (1923-2005), urban planning, Aveiro`s Centre.

Sumário

Introdução	15
1 Aveiro - evolução e organização	23
1.1 Antepiano(s) de urbanização da cidade de Aveiro (1948-60)	
2 O Plano Director da Cidade de Aveiro, de Robert Auzelle (1962-64)	43
2.1 “Previsões de arranjo urbanístico”	
2.2 “As grandes linhas do plano director”	
3 Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)	67
3.1 O “Esquema” do Plano Director	
3.2 Infraestrutura viária	
3.3 Torre e Centro Comercial	
3.4 Requalificação da Praça da República	
4 Das influências teóricas às referências práticas	107
4.1 Kevin Lynch	
4.2 Veneza	
4.3 Viagem aos EUA (1960)	
Considerações finais	129
Bibliografia	135
Fontes das Imagens	145

Introdução

Fernando Távora é um dos arquitectos portugueses mais influentes do séc. XX, mestre de uma geração de arquitectos que com ele contribuíram para afirmação da arquitectura portuguesa no mundo, como é o caso de Álvaro Siza. Fernando Távora tem diversos projectos de arquitectura com a sua assinatura, bem como obras escritas, que embora escassas em número, são ricas em conteúdo.

Um desses projectos é o denominado “Arranjo da Zona Central de Aveiro”, plano de pormenor para a área central da cidade de Aveiro, elaborado entre 1962-67. Para simplificar, a partir deste ponto o plano surge conotado por “plano de pormenor”, “plano de Távora” ou “plano de Aveiro”.

O grande objectivo desta dissertação é estudar, de forma analítica e aprofundada, a *proposta final* do Plano de pormenor de Távora. Marcado pela grande quantidade de desenho na sua fase de projecto, é uma das primeiras abordagens de Távora no que respeita ao planeamento urbano. Nesse sentido, parece-me importante tentar perceber qual a posição de um dos arquitectos portugueses mais determinantes do séc. XX, no que respeita à intervenção numa área importante da cidade de Aveiro, a sua zona central, tendo em atenção a época em questão e as condicionantes da intervenção.

Apesar da importância deste plano no conjunto da obra de Fernando Távora, não existe nenhum trabalho monográfico que analise o plano de Aveiro com profundidade. O plano de Aveiro surge apenas referenciado em diversos livros e ensaios sobre a arquitectura portuguesa.

O estudo do plano de Távora é complementado com a investigação sobre as possíveis influências/referências ao nível do processo de planeamento. Na presente dissertação tenta-se perceber como o arquitecto Távora faz a conjugação entre o seu modelo projectual, as influências/referências que utiliza e o Plano Director da Cidade de Aveiro, de Robert Auzelle (1962-64), base clara do plano de Aveiro.

Antes de se avançar para a análise do plano de pormenor de Távora, importa, para melhor entender o seu *pensamento*, o estudo de três obras escritas da sua autoria:

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

Em *O problema da casa portuguesa*, escrito em 1947, Távora apresenta um discurso arquitectónico que pretende promover a conciliação do regionalismo com o Movimento Moderno. É contestado e questionado o nacionalismo, como travão à modernização. Távora reflecte também sobre o papel da casa portuguesa na herança da arquitectura nacional, ao mesmo tempo que remete para um necessário estudo aprofundado e científico da arquitectura popular em Portugal.

Em 1962, produz um ensaio para efeito de prova de dissertação para o concurso de professor do 1º grupo da Escola Superior de Belas Artes do Porto, *Da organização do espaço*. Neste ensaio, Távora indica um conjunto de problemas presentes na arquitectura da década de 60 e refere ainda como é que o arquitecto se deve posicionar perante esses mesmos problemas. Távora começa por tratar alguns aspectos gerais da organização do espaço e ao longo do ensaio este tema vai-se tornando mais definido e limitado até chegar à análise do “*espaço português contemporâneo em matéria de arquitectura e urbanismo.*” (1962, p.9)

Da organização do espaço é uma obra importante para o desenvolvimento desta dissertação. Tem grande relevo na compreensão do que é o pensamento de Távora, sendo uma das suas obras escritas mais emblemáticas. Em *Da organização do espaço* tratam-se algumas questões gerais sobre a arquitectura, mas também se aborda o papel do arquitecto na organização do espaço. Também a altura em que é escrita (1962) é decisiva para a sua análise, porque a obra é escrita momentos antes da elaboração do plano de Aveiro; é uma base teórica e ajuda a melhor compreender o plano.

O *Diário de “bordo”*, editado em 2012 no âmbito da Guimarães Capital Cultura, faz uma compilação do diário da Viagem que Távora faz aos Estados Unidos e Japão, em 1960. Com os desenhos elaborados por Távora, em conjunto com a escrita detalhada de cada dia da sua viagem, o diário mostra um texto intimista, sem grandes preocupações formais, são “*impressões verdadeiras do autor, sem propaganda ou preocupação em passar uma mensagem sobre uma qualquer ideologia ou sobre o próprio viajante, a outros. É um texto autêntico.*” (Mesquita, 2007, p.6)

O ponto de partida para a análise do plano de pormenor de Távora é o material documental do projecto, onde se incluem os desenhos finais, memórias e desenhos

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

de processo. Inclui-se, também, como suporte à análise, a leitura de alguns trabalhos bibliográficos, relacionados com a história da cidade ou relacionados com as possíveis influências, ao nível teórico e prático, do projecto.

Por um lado, a análise do plano é feita, principalmente, a partir do estudo da proposta final, incluindo as propostas que se materializam mas também as que não saem do papel. A memória descritiva e justificativa do projecto serve de base para a análise das intenções de Távora. A análise estende-se também aos desenhos rigorosos das propostas finais (plantas, cortes e alçados), sendo que se faz em confronto com o que existe hoje, para melhor percepção do que muda mas também do que se mantém. Na presente dissertação estuda-se a proposta final do *Edifício Municipal*, com vista a perceber, com detalhe, a sua organização interior, modelo compositivo das fachadas, etc. O processo de projecto da Torre de escritórios e Hotel, elemento representativo da proposta final, também é analisado.

A dissertação está dividida em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo faz um percurso da evolução urbana da cidade de Aveiro desde a formação da laguna até ao início da década de 60, do século XX. Se há lugar onde a geografia física portuguesa se altera ao longo dos séculos é na zona de Aveiro, ao ponto da sua população diminuir cerca de 12.000 para 4.000 habitantes em 2 séculos. A principal causa para tal diminuição de população, num tão curto espaço de tempo, é o problema relacionado com a barra de Aveiro: a dificuldade em impedir a progressão do cabedelo para sul e a contínua degradação das condições da barra e da baía lagunar de Aveiro.

Com o século XIX e a fixação definitiva da barra, a cidade de Aveiro entra num período de desenvolvimento económico e industrial, em que se destacam as construções de alguns edifícios públicos e da Avenida Lourenço Peixinho. Apesar da instituição do Plano Geral de Urbanização (1934) em Portugal, as pequenas intervenções em Aveiro não se inserem no diploma. Só a partir do fim da década de 40 é que surge, em Aveiro, a primeira proposta de planeamento urbano, o Antepiano de Urbanização (1948-60). O Antepiano é pioneiro, mas ainda assim falha no essencial, que é a apresentação de propostas concretas para resolver os problemas da cidade e, talvez por isso, não é totalmente executado.

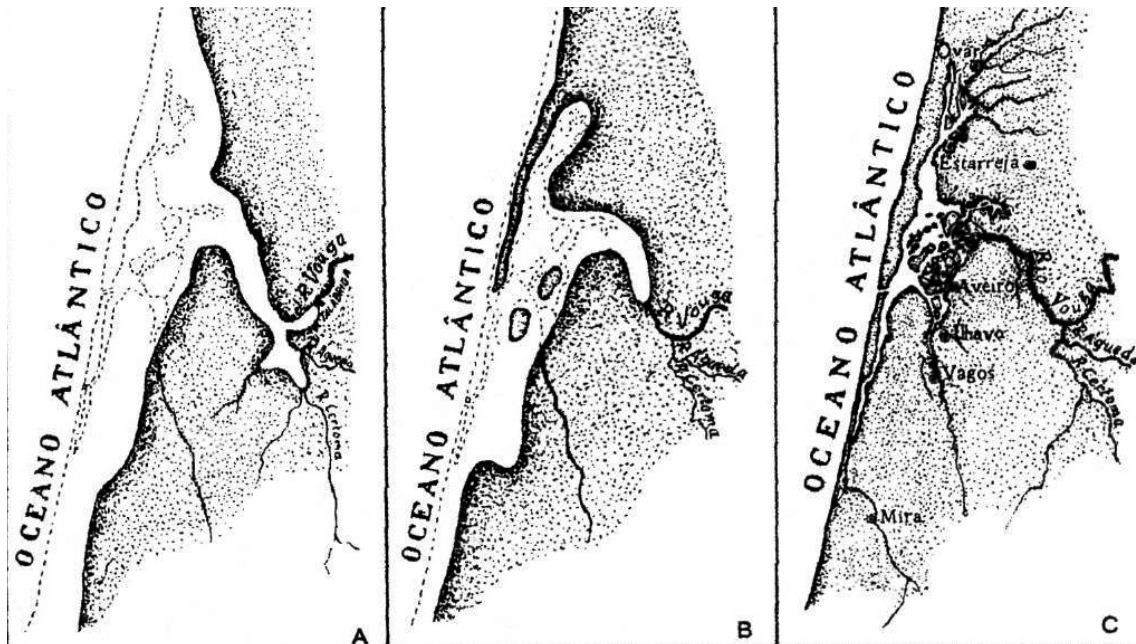
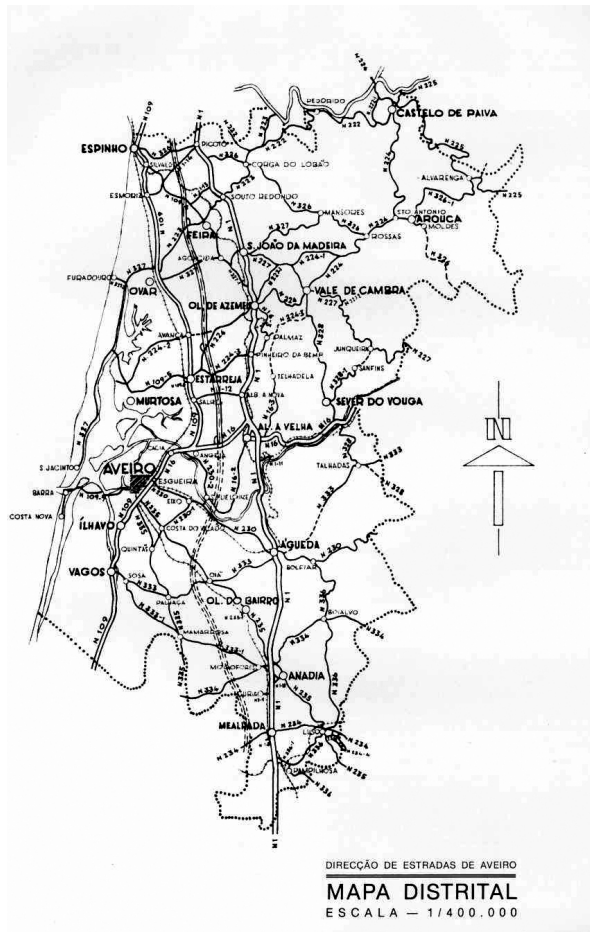
O segundo capítulo faz um estudo detalhado do Plano Director da Cidade de

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

Aveiro, de Robert Auzelle (1962-64). Durante a década de 60, surge em Portugal um aproveitamento de algumas qualidades dos Anteplos (estudos e inquéritos) e organizam-se equipas, em muitas cidades, para a elaboração de Planos Directores Municipais que apresentam ideias globais para o crescimento das cidades e definem áreas a intervir em plano de pormenor. O Plano Director da Cidade de Aveiro, publicado em 1964, é o primeiro plano a propor uma solução global para o crescimento da cidade, com a criação de um sistema de infra-estruturação e de tecido urbano pensado e coerente. O segundo capítulo faz a análise dos vários problemas urbanos da cidade e região de Aveiro apontados pelo Plano Director, bem como analisa as projecções de evolução da cidade. A análise estende-se, também, à proposta de conjunto e às determinações gerais do Plano Director.

A terceiro capítulo dedica-se à análise mais detalhada do Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67), com mais ênfase na proposta final e nos vários elementos que a constituem. O capítulo começa com a referência à estrutura base que o Plano Director de Auzelle sugere para a zona central de Aveiro, e investiga quais as alterações introduzidas pelo arquitecto Távora no plano de pormenor. A análise das propostas finais do plano de pormenor parte da solução global (infraestrutura viária) e culmina com o estudo mais pormenorizado e detalhado sobre a requalificação de dois núcleos urbanos da zona central de Aveiro: área da Torre e Centro Comercial e o quarteirão da Praça da República.

O quarto capítulo faz a investigação de algumas possíveis influências no processo de planeamento do Plano de Aveiro, algumas de índole mais teórico e conceptual, outras provenientes de exemplos concretos.



1 | Mapa do distrito de Aveiro | Sem data

2 | Evolução do litoral de Aveiro | A- Quando a linha de costa formava uma bala em que desaguava o rio Vouga. B- No decurso da fase deltaica e proto-lagunar. C- Fase lagunar actual

1| Aveiro - evolução e organização

“Cidade marítima, imensamente ligada à ria que tem o seu nome e a fragmenta, erguida em terrenos de aluvião, a uma cota baixíssima, é, talvez, a nossa única cidade de planície.”¹

A laguna de Aveiro, chamada vulgarmente de Ria de Aveiro, é um espaço geográfico do litoral português, formado por um cordão arenoso que se fixa na zona de Espinho e se desenvolve para sul, cuja expressão morfológica próxima da actual só se forma em meados do século XVII. Antes da formação da laguna de Aveiro, o que existe é um golfo marinho que se estende entre a zona de Espinho (a norte) e o Cabo Mondego (a sul). Segundo Dias, Ferreira & Pereira (1994, p.189), os primeiros registos escritos e documentais do cordão arenoso surgem durante o século X. O cordão arenoso vai-se desenvolvendo gradualmente para sul: no século XII já se encontra próximo da actual Torreira, e durante o século XV atinge a zona de São Jacinto.

Em finais do século XVI surge a necessidade de criar uma foz artificial, de modo a promover a ligação mar-laguna. De acordo com Dias et al. (1994, p.189), dada a acumulação de sedimentos existentes que se regista, há uma tendência natural para a colmatação do canal de comunicação com o mar (barra), de tal forma que a reabertura artificial apenas serve para manter a barra aberta por um curto espaço de tempo. A laguna de Aveiro tem a sua formação completa em meados do século XVIII, com o cordão arenoso a se prolongar até ao areal de Mira.

Assim, o local onde inicialmente se fixa a povoação de Aveiro passa por diversas transformações, essencialmente pela deslocação do cordão arenoso e as modificações do rio Vouga. A povoação de Aveiro assenta em terrenos sedimentares pouco adequados à prática da agricultura. Com esta actividade posta de lado, a povoação apropria-se da situação geográfica em que se encontra. A existência de terrenos alagados é aproveitada pela povoação para o desenvolvimento de actividades relacionadas com a salicultura.

¹ Ferreira, A. (1995). *Aspectos da organização do espaço português*, p.60.

Já a proximidade da povoação com locais de actividade marítima, como a Figueira da Foz e a Foz do Douro, faz com que parte da população se dedique à pesca. Com o aumento dos habitantes durante o século XIII, Aveiro é elevada a categoria de Vila, com a população a fixar-se em torno da Igreja de S. Miguel, local actualmente ocupado pela Praça da República. Segundo Ferreira (2003, p.14), Aveiro é caracterizada, sobretudo até ao século XV, pela exploração de sal, única razão para a fixação de população.

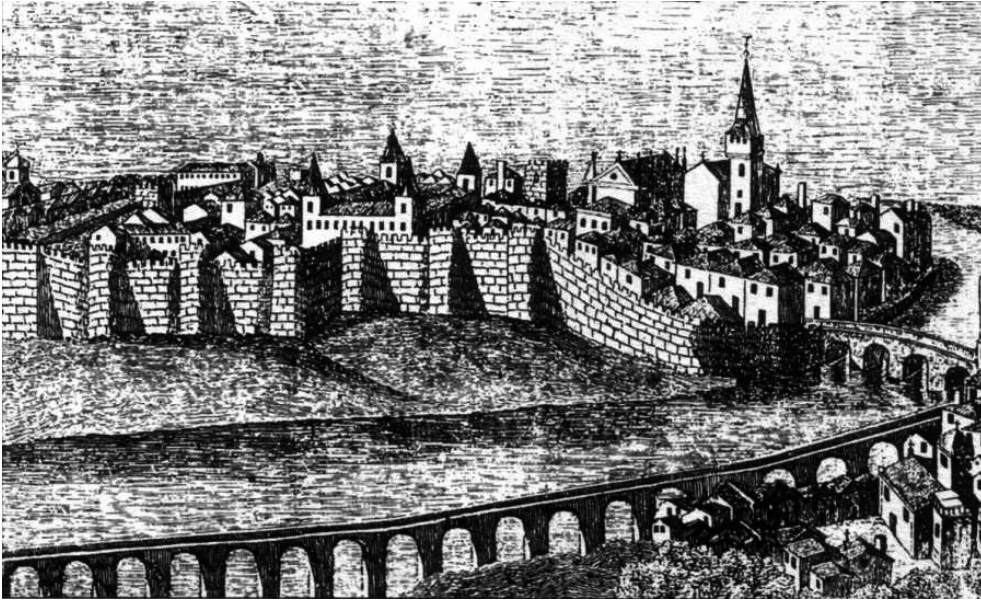
Após o final do século XIV, a população da Vila de Aveiro, suportada pelo desenvolvimento das actividades marítimas, expande-se de tal forma que o rei D. João I (1357-1433) manda edificar uma muralha em torno da vila. A muralha é constituída por “*oito portas, sendo as mais importantes a Porta da Vila e a da Ribeira. Ligadas pela Rua Direita e Rua Costeira, permitiam fazer a entrada por meio terrestre e marítimo, respectivamente.*”(Pina, 2014, p.23)

A área da muralha apresenta-se claramente superior à superfície construída da Vila, provavelmente prevendo-se a sua expansão futura. Ainda assim, dada a existência do esteiro das Azenhas, os muros não integram toda a área habitada. Dentro da muralha habitam principalmente os nobres, ao passo que fora da muralha habitam as pessoas com ligação “*(...) às actividades marítimas, exploração de sal, pescado e comércio marítimo.*”(Ferreira, 2003, p.16)

No início do século XV, motivado pelo aumento de população, a vila transpõe a muralha e surge a *Vila Nova*, a norte do esteiro central, que traz ao aglomerado uma nova centralidade, apoiada, sobretudo, nos novos estaleiros navais construídos. A ligação entre a Vila Nova e o corpo muralhado faz-se junto da Porta da Ribeira, através da ponte dos arcos. Se a zona central passa a ser habitada, em grande número, por pescadores e trabalhadores da construção naval, a ocidente e a sul surgem novos bairros, ocupados, na sua maioria, por habitantes estrangeiros. Um destes bairros, o bairro dos oleiros, assume especial relevância em grande parte do século XVI, devido à actividade cerâmica aí produzida.

Nos finais do século XVI a Vila de Aveiro mergulha em decadência. Para esta situação, em muito contribui a indefinição em relação à barra de Aveiro. As cheias e inundações de zonas baixas em redor da vila levam, em primeira instância, ao deslocamento

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



5 | Cidade de Aveiro nos meados do século XVIII

6 | Plano de Abertura da Nova Barra, de Luiz Gomes de Carvalho| 1803

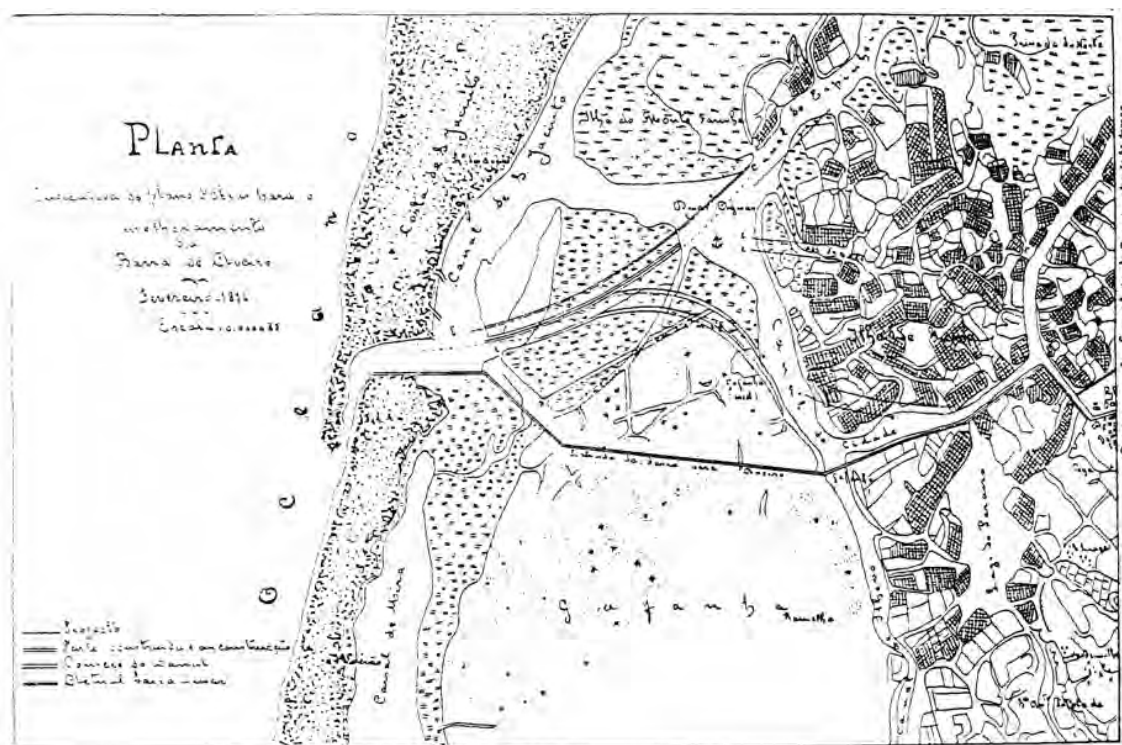
da barra para sul.

Entre o final do século XVI e início do século XIX, o encerramento intermitente da barra é a grande causa para a crise populacional de Aveiro, com a permanente migração para sul. Com a estagnação das águas, vem a perda de flora e fauna e proliferam-se várias epidemias, o que leva à redução drástica da população, com o aumento da taxa de mortalidade e com a partida de muitos dos seus habitantes, em função da quebra da economia, do comércio, da actividade naval e da salicultura.

Com o intuito de reerguer a Vila de Aveiro e fazer retornar a população, são tomadas algumas medidas: criação da Superintendência das Obras da Barra de Aveiro (1755), elevação da Vila de Aveiro a cidade (1759) e a construção de novos edifícios: o edifício da Câmara, a Cadeia e um aqueduto. Segundo Ferreira (2003, p.20), no século XVIII a cidade de Aveiro é constituída por dois grandes aglomerados: um espaço muralhado, a sul do esteiro central, e um aglomerado de malha ortogonal, do lado norte do esteiro, com as ruas a confluírem à Praça da Ribeira. Os dois aglomerados são divididos pelo Canal Central que se prolonga para Este, o qual é atravessado por duas pontes.

Ao longo do século XVIII processam-se diversas tentativas para abrir e fixar a barra de Aveiro, que neste período se desloca progressivamente para sul. Em 1757, a barra localiza-se na zona da Vagueira e, em 1782, encontra-se na zona de Mira. De acordo com Ferreira (2003, p.23), na procura da resolução do problema do assoreamento da barra, há quem defenda a realização de trabalhos de desassoreamento dos canais, solução rápida e económica. Contudo, parece ser necessário uma solução objectiva, que implique a fixação definitiva da barra e a sua reabertura.

No início do século XIX a barra encontra-se de tal modo assoreada que os campos estão praticamente todos submersos. O comércio praticamente não existe em Aveiro e a salicultura está praticamente extinta. A maior parte das habitações da cidade encontram-se abandonadas. É o período de maior decadência de Aveiro. Em 1802, face aos problemas existentes, os engenheiros militares Reinaldo Oudinot e Luiz Gomes de Carvalho são encarregados para procederem à elaboração de projectos para a abertura de uma nova barra. O plano apresentado por Oudinot, em 27 de Fevereiro de 1802, é aprovado, e consiste na abertura de um canal junto de São Jacinto, por intermédio de um



7 | Planta da Barra de Aveiro em Fevereiro de 1874, com o plano geral de melhoramentos de Silvério da Silva

8 | Estação do Caminho de Ferro| Aveiro| Cerca de 1920

dique transversal entre o Oceano Atlântico e a zona da Gafanha, interrompendo o canal de Mira. Em 1802, a falta de pedra, em Aveiro, é notória. Assim, o superintendente das obras da barra escreve ao Príncipe regente D. João, referindo-se à necessidade de usar as pedras da muralha na construção da nova barra. Como consequência, “*A 8 de Abril, foi aprovado o desmonte integral da muralha da cidade de Aveiro e a utilização da sua pedra para a obra da barra.*” (Martins, 2014, p.327). Após seis anos de obras, a nova barra, que se situa a cerca de 18 km para norte da barra existente em Mira, abre no dia 3 de Abril de 1808, sendo a mesma de hoje.

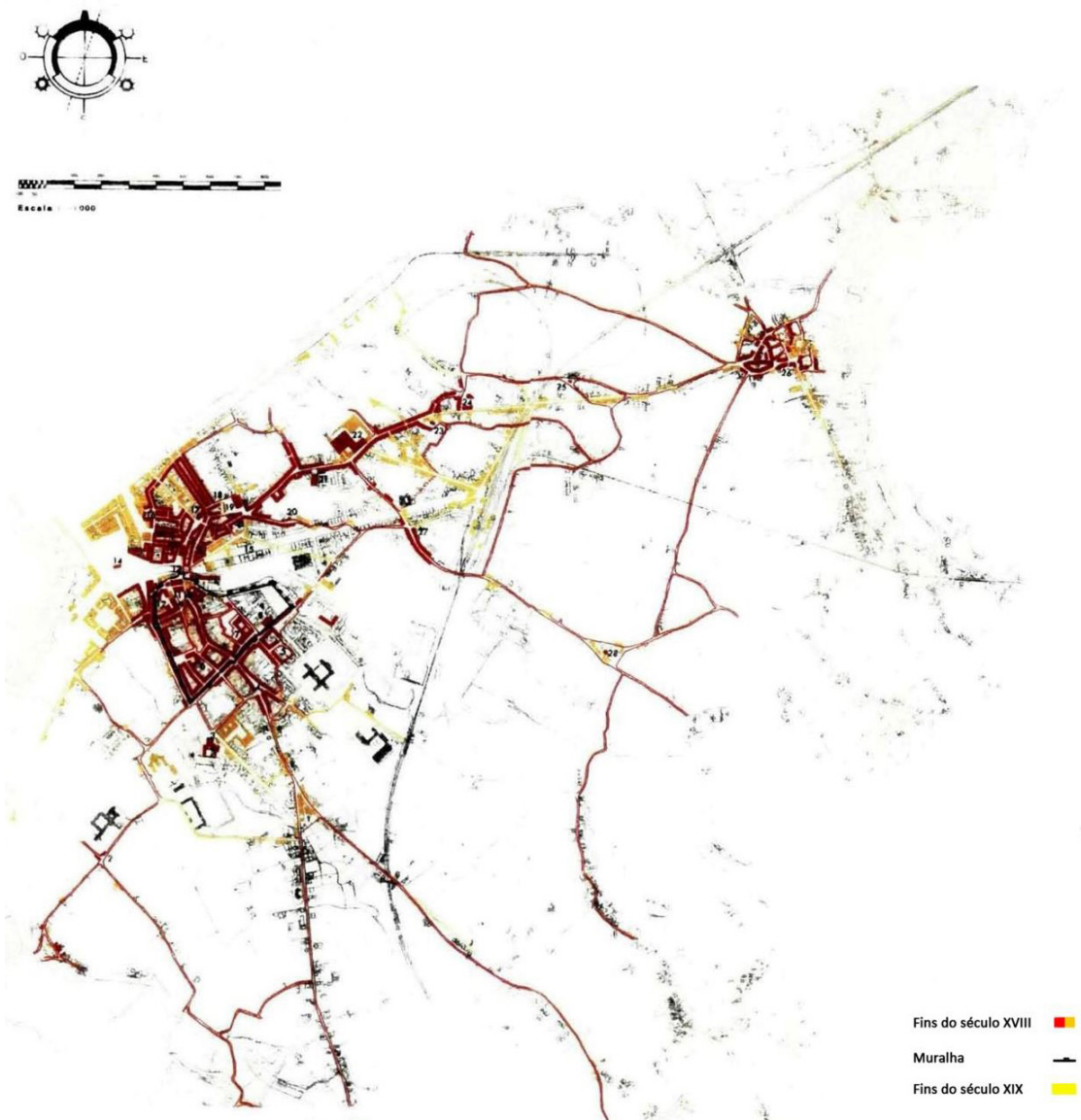
Apesar da construção da nova barra se revelar essencial para o ressurgimento económico e populacional de Aveiro, o problema da acumulação de sedimentos persiste, tornando menos eficazes as obras de manutenção da barra. De acordo com Dias et al.(1994, p.192), durante a segunda metade do século XIX, destacam-se algumas obras de construção dos molhes de fixação da barra. Exemplos disso são duas propostas: uma proposta que respeita o plano do engenheiro Luiz Gomes de Carvalho, com as indicações de John Rennie, em 1855; e um projecto de Silvério Pereira da Silva, em 1859.

Os resultados do projecto de Silvério da Silva, que se destaca pelo prolongamento do molhe sul e a construção do molhe norte, apesar de imediatos, não são duradouros. Em 1873, a barra obstrui-se novamente, mas Silvério da Silva não perde tempo e consegue a sua reabertura um ano depois. Em simultâneo, Silvério da Silva apresenta um “Projecto Geral de Melhoramento do Porto e da Barra de Aveiro” (1874). A barra continua a apresentar problemas, em menor ou maior grau, durante todo o século XIX.

A segunda metade do século XIX é também um período em que se assiste, na cidade de Aveiro, ao aumento de habitantes, devido ao desenvolvimento industrial e comercial da cidade. É neste período que surgem as primeiras intervenções de carácter urbano na cidade de Aveiro, preconizadas, em parte, pelo Ministério das Obras Públicas, criado a nível nacional em 1852 e liderado por Fontes Pereira de Melo. A criação deste ministério favorece a maioria das cidades em Portugal que passam a assumir uma nova dinâmica sustentada numa política de desenvolvimento das vias de comunicação e dos transportes.

Segundo Pina (2014, p.27), impulsionada pela criação do primeiro troço de

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



9 | Vista da Avenida Central | Cerca de 1920

10 | Expansões sucessivas da cidade de Aveiro

caminho de ferro entre Lisboa e o Carregado (1856), a linha férrea do Norte chega à cidade de Aveiro (1863), construindo-se de seguida a Estação do Caminho de Ferro. A estação localiza-se, contudo, longe do centro e dos espaços comerciais da cidade.

As obras na barra, a industrialização da cidade e a construção da linha férrea do Norte fazem com que a malha urbana da cidade de Aveiro apresente, no final do século XIX, diversas fábricas industriais. Assim, surgem dois núcleos industriais importantes em Aveiro: um núcleo ligado à indústria naval, junto do canal de S. Roque e um núcleo associado à cerâmica, junto do canal do Cojo.

As novas dinâmicas impregnadas na cidade levam à necessidade de se abrir e alargar arruamentos. Parte da solução passa pela demolição de alguns edifícios religiosos da cidade. As demolições, totais ou parciais, de alguns edifícios religiosos, mostram uma tentativa de dotar a cidade de espaços públicos dignos.

De acordo com Ferreira (2003), a construção do Parque Municipal (1862) e da Praça Marquês de Pombal, bem como de novos jardins públicos, contribuem para o enriquecimento de edifícios públicos que se constroem. Dentro destes edifícios destacam-se o Liceu de Aveiro (1855/1860) mandado construir por Fontes Pereira de Melo; o Teatro Aveirense (1857/1880); o Museu Regional de Aveiro (1911) e o Museu Nacional (1912). Todos os edifícios são determinantes na evolução da sociedade e na afirmação cultural da cidade.

Em 1907 dá-se a materialização de uma nova ligação entre o centro da cidade e a estação de caminho de ferro, a Avenida Central, hoje conhecida por Avenida Lourenço Peixinho. A ideia de construir uma Avenida na cidade vem desde o fim do século XIX, sempre com o principal objectivo de ligar a estação de caminho de ferro ao centro da cidade. Assim, a abertura deste arruamento vem alterar a percepção que existe sobre a organização base da cidade. Antes da abertura da Avenida, a cidade desenvolve-se segundo um eixo norte-sul, principalmente junto da zona central da cidade. Depois da abertura da Avenida, forma-se um novo eixo (oeste-este) que cria um novo modelo base de organização da cidade, que vai ser referencial para as intervenções urbanas que se seguem.

Em suma, no final do século XIX, a cidade de Aveiro encontra-se expandida para Norte e Oeste, em parte pelo surgimento do bairro dos Santos Mártires e do Rossio. Já no início do século XX, em virtude da abertura da Avenida, a cidade expande-se para leste em direcção à linha férrea.

No início do século XX, com o golpe militar de 28 de Maio de 1926, liderado pelo General Gomes da Costa, a República Portuguesa é substituída pela Ditadura Militar. As principais preocupações do novo regime são sobre questões relacionadas com a estabilidade económica e com a conservação do poder. António de Oliveira Salazar, ministro das finanças do regime ditatorial, é o grande responsável por terminar as “grandes” obras incompletas do país e por promover a construção privada. Parte das iniciativas são realizadas sob a alçada do novo Ministério das Obras Públicas e Comunicações (1932), dirigido por Duarte Pacheco. Salazar torna-se tão influente e indispensável ao Estado, que em Abril de 1933 assume o total controlo político do Estado Novo, nome intituado do novo regime, que vigora até 25 de Abril de 1974.

É durante o período do regime Salazarista que se dá a reformulação do Plano Geral de Melhoramentos (1865) e se cria a figura do Plano Geral de Urbanização (1934), pelo ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco. O diploma apresentado consiste no “zoning”, nova lógica de crescimento urbano para as cidades em Portugal. Os Planos Gerais de Urbanização conferem às Câmaras “*plenos poderes para assumirem a transformação do seu território como agentes activos e intervenientes, através de uma real política de solos.*” (Lôbo, 1995, p.35)

No caso de Aveiro, não deixa de ser curioso o facto das intervenções urbanas entre 1926 e 1948 não se inserirem na figura do Plano Geral de Urbanização. As várias intervenções não afectam significativamente a malha urbana da cidade, sobretudo dentro do antigo perímetro da muralha. Ainda assim, verifica-se que o espaço urbano é cada vez mais denso, a norte da Avenida Lourenço Peixinho.

De acordo com Ferreira (2003), entre 1926 e 1948, o que mais impulsiona o crescimento urbano de Aveiro são as obras portuárias e as intervenções ao nível do *edifício público*: a conclusão das obras do Hospital de Aveiro; o Mercado Manuel Firmino; a

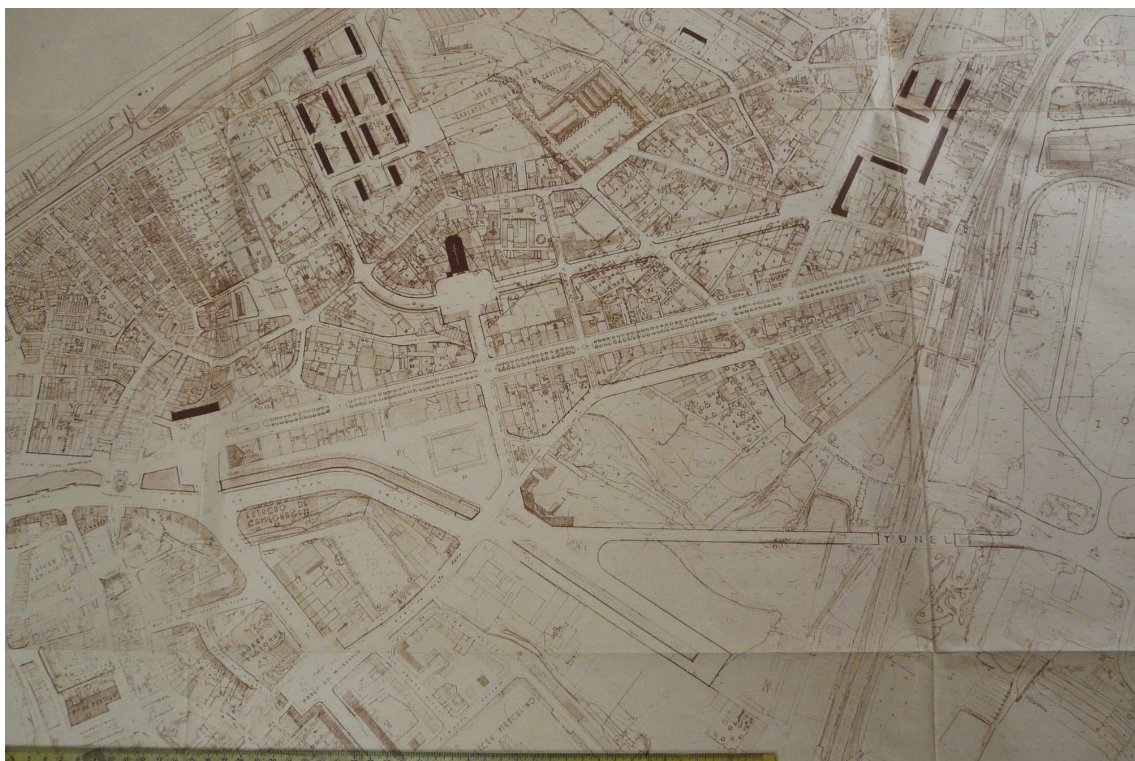
Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

Biblioteca Municipal² (1927); o Seminário de Santa Joana (1942) e o Estádio Mário Duarte (1942).

Com a cidade em contínua expansão para nordeste do Canal Central, exigem-se intervenções de planeamento urbano mais alargadas, ou seja, que não se foquem apenas nas renovações das áreas com edifícios públicos. Falta à cidade uma solução de conjunto para acompanhar o crescimento acentuado do seu aglomerado.

² A Biblioteca Municipal de Aveiro abre ao público em 1927, instalada no edifício da Santa Casa da Misericórdia. Anos mais tarde, como se verá mais à frente, os serviços da Biblioteca foram parte integrante do *Edifício Municipal*, localizado na Praça da República, projectado por Fernando Távora no Arranjo da Zona Central de Aveiro (1962-67). Actualmente, a Biblioteca Municipal está instalada num edifício próprio, junto da Rua Viana do Castelo.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



12 | Antepiano de urbanização da Cidade de Aveiro| Esboceto da Planta de Apresentação| 1960

13 | Antepiano de urbanização da Cidade de Aveiro| Esboceto de urbanização da parte central da cidade|1958

1.1|Anteplano(s) de urbanização da cidade de Aveiro (1948-60)

Com o Estado Novo em plano de fundo, é elaborado o *Anteplano de urbanização da cidade de Aveiro*, pelos arquitectos David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva. Este processo de planeamento divide-se em duas fases, que dão origem a duas versões apresentadas ao público. Em 1948 é apresentada a primeira versão, em que as propostas “*relacionam-se com as medidas comedidas que impunha o Estado Novo*” (Lôbo, 1995, p.35). Já a segunda versão é apresentada em 1960, com poucas alterações em relação à versão anterior, fruto de uma revisão ministerial.

O principal objectivo do Anteplano é desenvolver propostas que aproveitem as possibilidades e potencial de evolução urbana da cidade. Aveiro oferece “*óptimas oportunidades de experimentar situações novas e de aplicar outras já teóricamente conhecidas mas de difícil aplicação prática noutras circunstâncias.*” (Silva, 1960, p.4). Entende-se a cidade como um “tubo de ensaio”, importante para se introduzir novos modelos de organização, com vista ao desenvolvimento urbano, mas também económico e social.

Para a rede interna de comunicação propõe-se a sua hierarquização, para que possa responder aos requisitos urbanos e às necessidades do dia-a-dia da população. Dá-se uma grande importância às vias de comunicação não rodoviárias, tais como vias para velocípedes, sobretudo nas zonas de entrada e saída dos edifícios industriais, de escritórios, comerciais e desportivos.

Na análise aos problemas da cidade, feita pelos autores do Anteplano, salienta-se a inexistência de praças, com o mínimo de dignidade, em cada extremo da Avenida Lourenço Peixinho. Neste sentido, é proposta a ampliação da praça adjacente à estação de caminho de ferro e a criação de uma outra praça, na extremidade oeste da Avenida.

A construção da praça no extremo oeste da Avenida faz com que se determine no Anteplano a eliminação do edifício da Capitania e adjacentes, até ao Banco de Portugal, de forma a ser possível o prolongamento da rua mais a sul (Rua do Batalhão de Caçadores 10) até à nova praça. (Cruz, 2011, p.6)

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



14 | Vista sobre a Ponte dos Arcos| 1910-20

15 | Vista sobre a Ponte-Praça| 1955

O atravessamento do canal central, até então, fazia-se através de duas pontes. A primeira (Ponte dos Arcos), com um perfil completamente plano, apresenta grades em ferro no seu sistema de guardas. A segunda (Ponte das Almas), com um perfil irregular, apresenta-se com duas guardas opacas. Estas duas pontes estão construídas com um sistema em arco e têm acesso pedonal e automóvel simultâneo, pese embora que cada uma serve apenas um sentido de trânsito.

Uma das propostas do Anteplano é a substituição das duas pontes e a criação da Ponte-praça (1952). Não é uma praça que disponibilize toda a sua área para atravessamento de veículos e pessoas. Pela dificuldade em suportar todo o peso de uma ponte de planta quadrangular, é aberto um rasgo circular no seu centro. Ou seja, não é uma praça, mas uma rotunda que serve para a inversão de sentidos, atravessamento do canal e acesso aos vários arruamentos, em especial à Avenida. O perfil desta rotunda é, contudo, algo irregular. A ligeira diferença de cotas entre as duas margens do canal, especificamente nesta área, gerou uma pendente suave que, aliada ao carácter distribuidor de tráfego, impediu o funcionamento da ponte como praça e, portanto, não resultou como novo espaço público do centro de Aveiro.

Existe, contudo, no Anteplano, a interessante ideia de separar as vias de tráfego de veículos dos percursos pedonais. Até então, os arruamentos não apresentam passeios; a diferenciação de vias não existe. Nota-se, nos desenhos do Anteplano, a preocupação em dotar todos os arruamentos de passeios, sem esquecer ambas as margens do canal e as várias praças da cidade.

Sobre o tema da habitação, e para melhorar decisivamente as condições de vida dos habitantes da cidade, propõe-se no Anteplano a criação de novas zonas residenciais, inovadoras, actualizadas em relação à época em que se vive - o progresso parece ser a palavra de ordem. No entanto, assume-se que não se devem descurar as “*tradições, aspirações e possibilidades técnicas da cidade de Aveiro*” (Silva, 1960, p.11). Há uma certa contradição aqui presente. Por um lado, pede-se inovação, no diz respeito à construção de novas habitações. Por outro, reconhece-se que as propostas tem de ser cuidadosas, de acordo com a história e potencial da cidade de Aveiro. Não se vislumbram, ainda assim, propostas concretas que conjuguem essas duas ideias tão distintas; no fundo, que façam a mediação entre tradição e inovação.



16 | Vista aérea sobre a zona central e Ponte-Praça| Década de 60

O *Anteplano de urbanização da cidade de Aveiro* é sobretudo um plano de intenções e de zonamento. Percebem-se algumas boas intenções no que diz respeito a novos arruamentos e aos espaços verdes da cidade. E também em relação às habitações e algumas praças. No entanto, a maior parte das propostas, ou não se desenvolvem ou não contribuem para melhorar o funcionamento da cidade. Um dos casos é a Ponte-praça, uma das poucas propostas executadas. A Ponte-praça, pensamos, falha no seu objectivo de ligar os dois lados do canal, não acrescentando nada de positivo à organização viária da zona central.

Não existe uma visão global para o crescimento urbano de uma cidade que se apresenta com tão boas possibilidades e futuro. Investe-se apenas em pequenas intervenções, sobretudo ao nível das habitações, mas sem existir clareza nas propostas. Não é mais que “*o somatório de diversos projectos de intervenção parcelares, apoiados em estudos prévios de arquitectura realizados a uma pequena escala.*”(Cruz, 2011, p.21)

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



17 | Robert Auzelle em Portugal| 1955

18 | Planta de zonamento| Plano Director da Cidade de Aveiro| 1964

2| O Plano Director da Cidade de Aveiro, de Robert Auzelle (1962-64)

Iniciado no dia 1 de Julho de 1962 e apresentado em 28 de Julho de 1963, o Plano Director da Cidade de Aveiro foi elaborado no Gabinete de Urbanização Municipal por uma equipa coordenada por Robert Auzelle³ (1913-1983) e da qual faziam parte o Arquitecto José Semide, três desenhadores e um topógrafo desenhador. O Arquitecto José Semide, após conclusão do Plano Director, permanece na Câmara Municipal para melhor garantir a sua concretização.⁴

O Gabinete de Urbanização Municipal surge na sequência de um conjunto de 17 anos de estudos falhados por parte da Câmara Municipal de Aveiro, com vista à organização urbana e social da cidade de Aveiro. O problema não é o número de estudos, que são em abundância, o problema é a falta de integração dos estudos no âmbito necessário. Para Henrique Mascarenhas, presidente da Câmara Municipal de Aveiro entre 1961 e 1965, este gabinete deve estar “*côncio da natureza de todas as determinantes do problema, [que] o solucionasse, através [de] estudos e conhecimentos unicamente possíveis por uma total integração no meio.*” (1964, p.2)⁵

Entre o começo dos primeiros estudos e a apresentação do Plano Director passam cerca de seis meses, o que mostra a urgência em sintetizar uma solução geral para a cidade, mas tendo em conta o conteúdo vasto e muito rico do Plano Director, mostra também a competência das pessoas que nele trabalham.

³ Robert Auzelle nasce em Coulommiers, a 8 de Junho de 1913 e morre em Paris, a 22 de Dezembro de 1983. Foi um importante Arquitecto e Urbanista francês da primeira metade do séc. XX e a sua formação académica apontou, desde logo, para aquilo em que se iria tornar. Em 1932 ganha uma bolsa de estudo para a “École Nationale de Beaux Arts” (ENSBA) e mais tarde prossegue a sua formação académica no “Institut d’Urbanisme de L’Université de Paris” (IUUP). Enquanto estudante, Auzelle assiste “*à polémica sobre a cidade que, no essencial, opõe o estilo “internacional” às concepções, primeiro bucolicamente conservadoras e depois nacionalistas, daquilo a que os franceses chamaram “l’Art Urbain*”.” (Juncal, 2012, p.61). Forma-se em 1942 e três anos depois regressa à IUUP como professor. Posteriormente, também lecciona na ENSBA (1961). Colabora também no “Ministère de la Reconstruction et de L’urbanisme” (MRU). Entre 1947 e 1953 projecta o quarteirão de la Plaine à Clamart. Em 1958, com a colaboração de Ivan Jankovic, com quem escreve *Encyclopédie de l’urbanisme* (1952), apresenta uma proposta urbana para La Defense, em Paris. Torna-se conhecido, a partir desta altura, por ser o autor de vários cemitérios paisagísticos em redor de Paris. Torna-se responsável pelo Plano Director da Cidade do Porto (1956-62), importante na renovação e planeamento da cidade do Porto, que actualmente é até conhecido como o *Plano Auzelle*. Na sequência da elaboração do Plano Director da Cidade do Porto, é convidado, no mesmo ano, para ser o coordenador do Gabinete de Urbanização Municipal responsável pela elaboração do Plano Director da Cidade de Aveiro (1962-64).

⁴ Vitória, J. (1995). *Arquitecto Francês Robert Auzelle*.

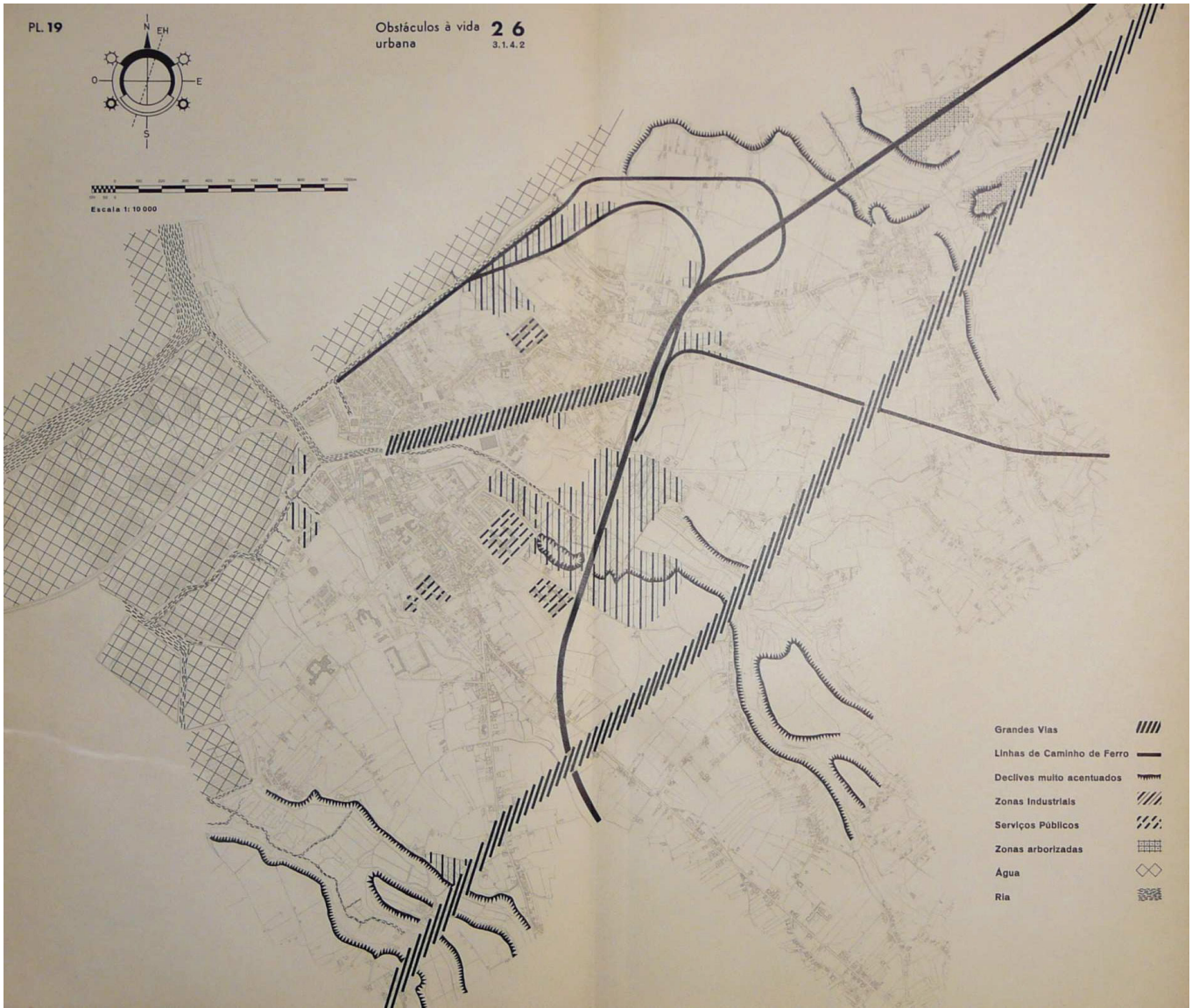
⁵ Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

O documento do Plano Director apresenta-se com dois volumes: um volume com peças escritas e um volume com peças desenhadas. O volume das peças escritas está organizado em duas partes principais que conjugam as ideias principais e os objectivos fundamentais do Plano Director. A primeira parte, além de descrever alguns estudos efectuados, apresenta os fundamentos das medidas do Plano Director. A segunda parte apresenta as medidas do Plano Director: as determinações e as linhas estruturantes da solução de conjunto.

O Plano Director faz uma análise de evolução urbana da cidade e apresenta uma intenção clara de criar uma nova imagem para a cidade e o seu território. Um dos objectivos é substituir o traçado antigo que acompanha o contorno do canal da cidade, por um novo, que melhore as conexões entre os vários pólos importantes da cidade: Centro - Avenida Lourenço Peixinho - Estação de caminho de ferro.

Os inquéritos e estudos que levam à concepção da base do Plano Director, mostram, entre outras questões, os problemas urbanos da cidade e da população de Aveiro que o Antepiano não consegue resolver e as medidas mais urgentes que é necessário aplicar para a resolução desses mesmos problemas.



19 | Obstáculos à vida urbana | Plano Director da Cidade de Aveiro | 1964

2.1| “Previsões de arranjo urbanístico”

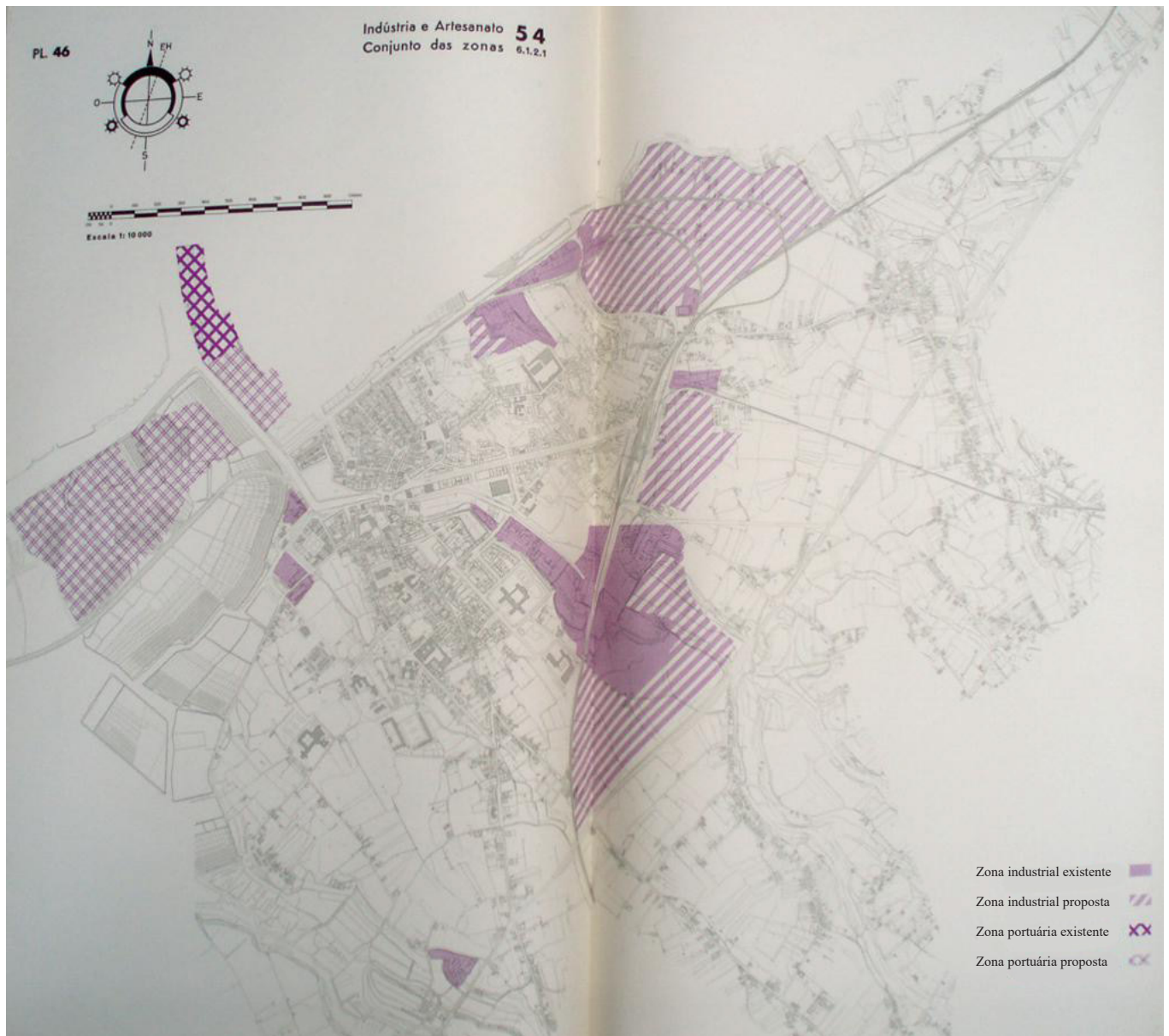
O capítulo sobre os estudos e as previsões do Plano Director mostra como a equipa do Gabinete de Urbanização Municipal chega à orientação mais adequada para o desenvolvimento urbano e populacional de Aveiro. Para isso é indispensável estudar a cidade, de modo a se enquadrar favoravelmente a estrutura a propor para a ordenar. Ao mesmo tempo tenta-se descortinar os vários problemas urbanos que a cidade apresenta e, numa escala mais abrangente, apontar para alguns dos problemas a nível regional. Está no horizonte um Plano Regional⁶ ao qual o Plano Director não é alheio. Por isso, algumas das previsões de evolução da cidade e da população se referem a uma área mais abrangente, em que não só as soluções arquitectónicas e urbanas estão em cima da mesa. De facto, as boas perspectivas de futuro para Aveiro parecem claras para Auzelle:

“Aveiro goza de uma situação excepcional, não só pelas valiosíssimas condições naturais de que dispõe, como também pelas larguíssimas possibilidades de progresso económico que lhe conferem as instalações portuárias, em pleno desenvolvimento, e a vasta superfície industrialmente aproveitável que lhe está anexa. São elementos fundamentais que o Plano Regional de Aveiro não deixará certamente de ter em atenção, ao procurar estabelecer as linhas mestras do desenvolvimento económico e de valorização de toda a Região.”⁷

Torna-se, então, evidente a necessidade da elaboração de um programa síntese que preveja o futuro da região. Nesse sentido, Auzelle reforça a ideia de que, para a obtenção de resultados, é decisiva uma boa organização do programa síntese, *“fundamentalmente, com o estabelecimento das linhas mestras do desenvolvimento económico e social que englobem todos os interesses vitais da região.”* (1964, p.7)

⁶ Ao mesmo tempo que se redigia o Plano Director, estava em estudo o Plano Regional de Aveiro. Todas as determinações do Plano Director procuravam *“estabelecer as linhas mestras do desenvolvimento económico e de valorização de toda a Região”* (Auzelle, 1964, p.11). Após os estudos referentes ao aglomerado principal, o Plano Director prevê também a realização de estudos idênticos que se aplicassem a toda a região.

⁷ Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, p.7.



20 | Zonas portuárias e industriais, existentes e propostas | Plano Director da Cidade de Aveiro | 1964

Estudos do Plano Director

Os estudos realizados pelo Gabinete do Plano Director incidem sobre temas como o desenvolvimento portuário da cidade, a expansão industrial previsível na mesma, bem como incidem sobre o problema da habitação na cidade e dos seus equipamentos públicos.

Os primeiros estudos apresentados sobre o tema do desenvolvimento portuário mostram algumas das qualidades da cidade de Aveiro nesta matéria. Mas não só da cidade: identifica-se algumas dessas qualidades em toda a região. Os estudos realizados mostram que o porto de Aveiro pode ser mais bem aproveitado no futuro, tal tem vindo a ser o progressivo desenvolvimento portuário da região. De tal forma que o Plano Director coloca em hipótese a possibilidade do porto de Aveiro integrar uma futura *“federação dos portos do norte do País englobando Viana do Castelo, Porto e Aveiro, dada a limitada capacidade do porto de Leixões.”* (Auzelle, 1964, p.7) O tempo, bem como a evolução económica e urbana posterior à elaboração do Plano Director, confirmam em parte esta questão. É curioso observar que passados cerca de 50 anos, o porto de Leixões ocupa o lugar do porto de Viana do Castelo no grupo dos “portos do norte do País”.

Os estudos do Plano Director prevêm que a expansão industrial seja uma realidade, mas que tendencialmente se faça junto da cidade (Auzelle, 1964, p.8). Torna-se então necessário uma regulação, coordenada, do tratamento das diferentes áreas da cidade, de modo a que o seu aglomerado principal seja bastante denso. Subentende-se a intenção de recuperar uma das características mais fortes da cidade, a de centro de actividade terciária, mas nunca descurando os espaços de lazer e repouso, tão importantes para o bom funcionamento da cidade: *“(…) é necessário, torna-se mesmo indispensável e cada vez mais assim será, dispor de condições para descanso e variadas distrações que caracterizam a nossa civilização contemporânea”* (Auzelle, 1964, p.8). A cidade apresenta capacidade para a inclusão de actividades relacionadas com o lazer e desporto, fundamentalmente, pelas características excepcionais do canal principal. Pretende-se, em suma, dar qualidade aos períodos de lazer que as pessoas passam na cidade, mas também de fomentar e despertar o interesse turístico.



21 | Número de pisos das zonas urbanísticas existentes| Plano Director da Cidade de Aveiro| 1964

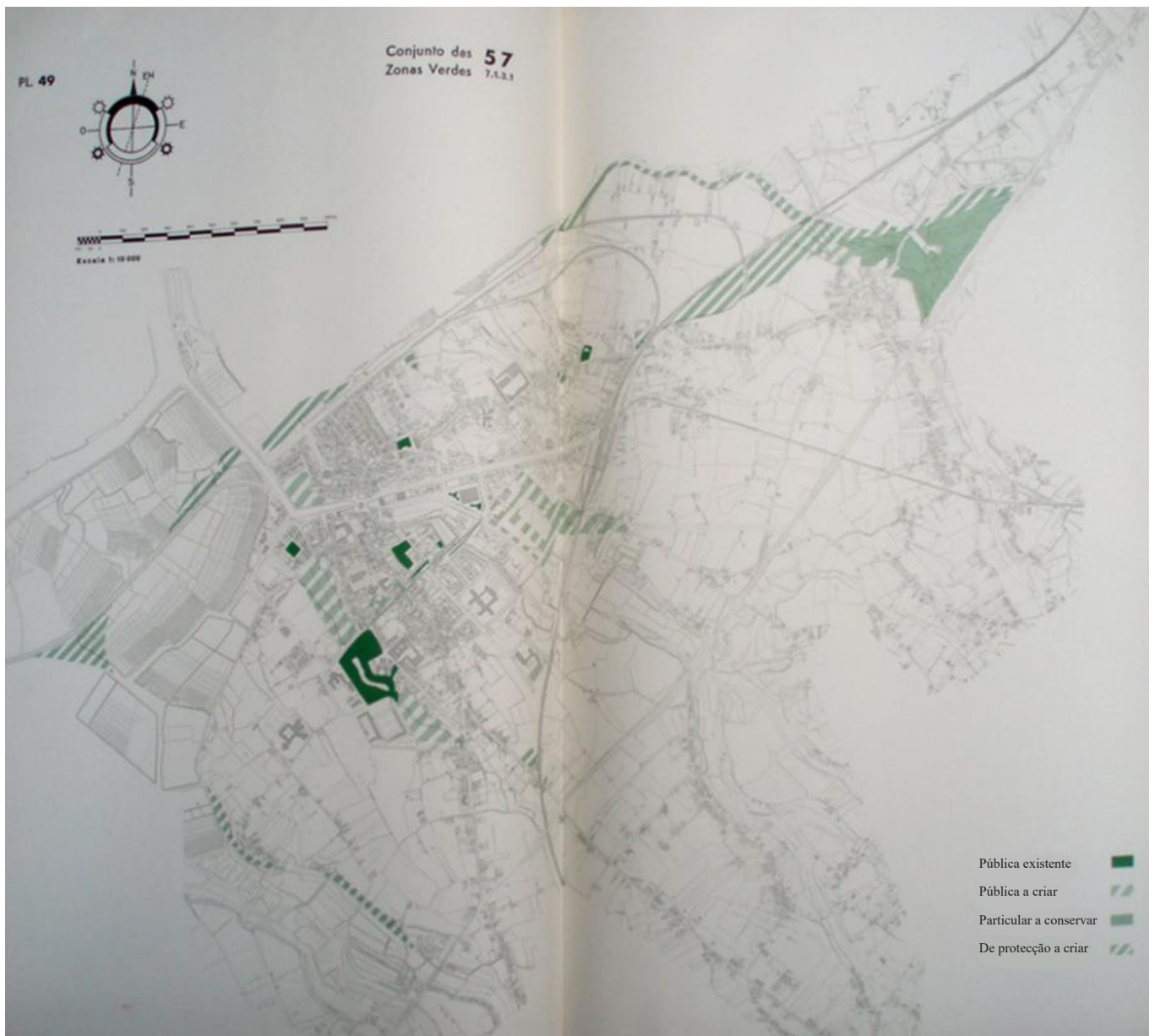
Em relação ao tema do “Habitat”, os inquéritos mostram a dificuldade de transformação das habitações antigas da cidade. E enunciam algumas razões para essa dificuldade: “*Ruas demasiado estreitas, aliadas a uma parcelar de reduzidas dimensões (...)*” (Auzelle, 1964, p.8). O objectivo patente parece ser o de preservar as habitações existentes no centro histórico. Trata-se, sobretudo, de conservar a arquitectura tradicional e marcante da cidade.

Para as novas habitações, os estudos realizados apontam para um “novo carácter”, com o aumento do número de pisos. No entanto, as novas habitações não devem ter demasiados pisos, porque “*a procura de habitações, determinada pelo desenvolvimento industrial e portuário, terá seguramente tendência para a habitação individual.*” (Auzelle, 1964, p.8) As habitações isoladas, geminadas ou ainda em grupos descontínuos, possibilitam comodidades e vantagens que normalmente só se encontram fora das grandes cidades. Estas vantagens, aliadas às condições naturais da cidade, podem ser trunfos para a fixação de novas indústrias, que podem ser atraídas para Aveiro.

Com os vários inquéritos realizados é possível determinar onde o planeamento urbano se pode fazer com maior intensidade: as áreas destinadas a novos edifícios; as zonas a completar com equipamentos urbanos e as áreas de edifícios existentes a remodelar.

Em relação ao tema dos *Equipamentos e serviços públicos*, levantam-se algumas questões de localização a ter em atenção. A sul da cidade localizam-se maioritariamente os edifícios de serviço público. A necessidade de construção dum espaço a sul que aglutine os vários serviços públicos parece inevitável, de tal forma que o Plano Director propõe a “*delimitação de uma zona que poderá vir a construir o Centro Cívico e Cultural (...)*” (Auzelle, 1964, p.8), bem como a expansão de alguns desses serviços para o novo Centro Cívico, casos dos Bombeiros, Polícia e CTT.

Os inquéritos realizados apontam ainda para uma elevada necessidade de desenvolver o sector do ensino primário. Desde logo no que diz respeito ao número de edifícios existentes. Existem poucas escolas, o número de salas em cada uma é insuficiente e faltam espaços adjacentes às salas, como pátios, espaços verdes, etc. As distâncias entre as habitações e as escolas são elevadas, tornando a vivência da população mais jovem pouco adequada e atribulada. O Plano Director aponta para a construção de alguns



22 | Conjunto das zonas verdes| Plano Director da Cidade de Aveiro| 1964

edifícios escolares, mas se a qualidade dos edifícios existentes o permitir, a sua renovação é prioritária.

O Plano Director prevê, também, a expansão dos edifícios hospitalares e dos cemitérios existentes na cidade. Reforça ainda a ideia de se aproveitar mais o parque da cidade, de modo a que este ofereça, quer às pessoas que estão de visita, quer aos habitantes, um lugar de lazer e repouso. Prevê ainda a criação de uma construção polivalente, simultaneamente de carácter desportivo e expositivo, que aproveite uma área desportiva existente e a presença do canal como elemento fundamental no desenvolvimento urbano da cidade. (Auzelle, 1964, p.8)

São lançados vários programas, dos quais damos o exemplo do estacionamento público, que deve surgir associado a edifícios de escritórios e a espaços comerciais, quer junto da área central, quer junto da área destinada ao Centro Cívico e Cultural. (Auzelle, 1964, p.8)

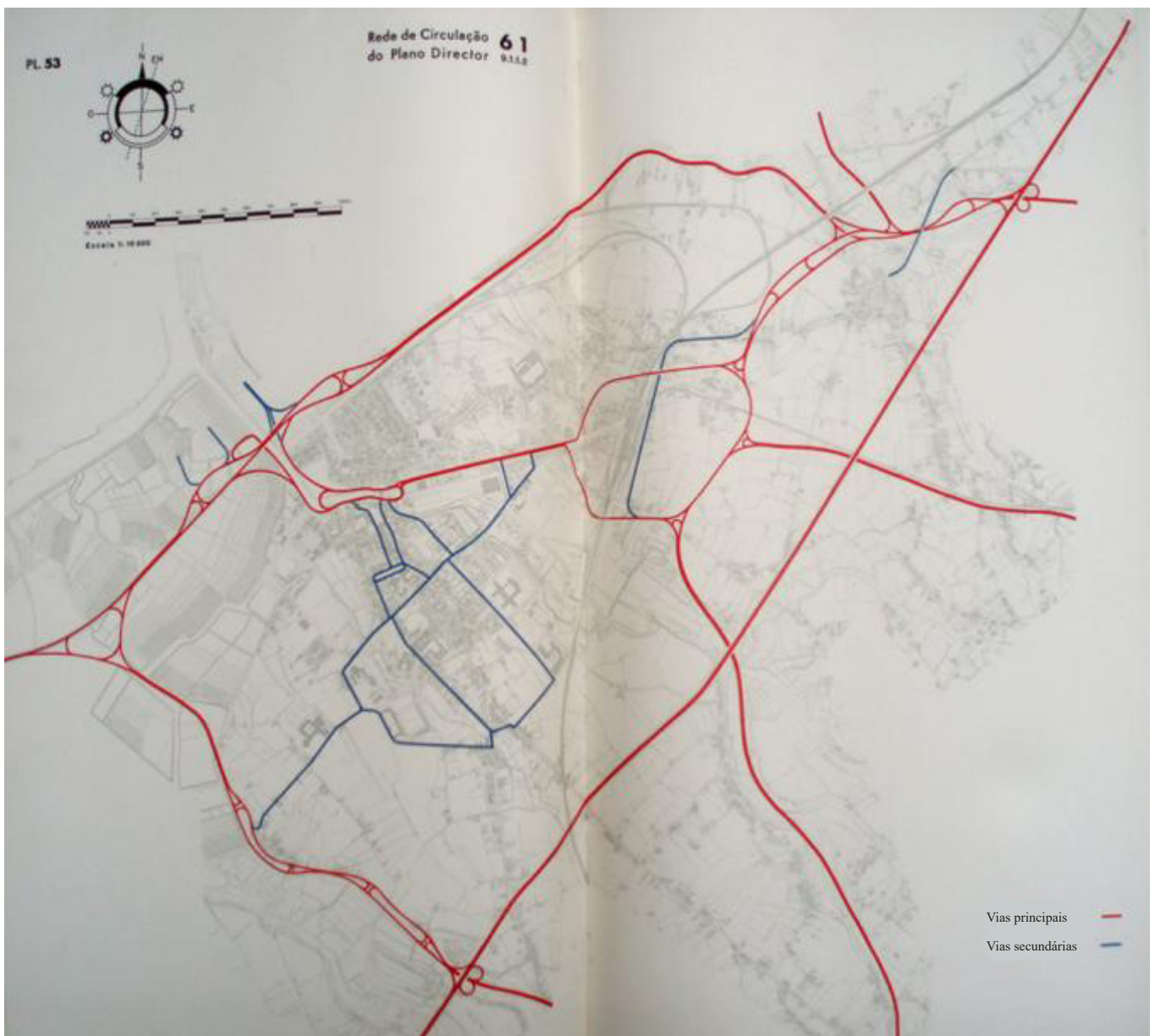
Os pedidos por parte de entidades privadas que chegam à Câmara Municipal de Aveiro (CMA), no que toca a novas construções, mostram uma tendência para se propagar um *“falso estilo de arquitectura contemporânea, que é ainda mais lamentável quando se verifica na zona antiga da cidade”* (Auzelle, 1964, p.8). De acordo com Auzelle (1964, p.8) é necessário regulamentar e aplicar alguns critérios para se construir na zona antiga da cidade. Fora desta área é preciso fixar o número de pisos, por exemplo, com a ajuda de um estudo mais alargado e um ajustamento aos diferentes casos concretos.

O Plano Director propõe algumas indicações gerais para cada zona de intervenção mas pede uma pormenorização de todos esses sectores. Não só tendo em conta os aspectos funcionalistas da cidade e de cada zona em questão. Em cada sector da cidade, *“os estudos de pormenor proporcionarão a elaboração de planos parciais e a definição do carácter arquitectónico.”* (Auzelle, 1964, p.8)

À semelhança do Ante-plano, os estudos e inquéritos realizados aparecem detalhados na documentação do Plano Director. Entende-se a importância dada aos mesmos. É capital, numa intervenção desta escala, compreender a população que lá habita. Compreender o seu dia-a-dia, sobretudo os problemas que enfrenta na deslocação para os vários edifícios públicos. Entender os problemas que existem nos arruamentos,

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

nas habitações, nos espaços públicos. Sendo crucial projectar o futuro, e, naturalmente, estudar quais os pontos em que a cidade pode ser ainda mais forte e qual o caminho que esta deve seguir para os potenciar.



23 | Rede de circulação proposta (Vias principais e Secundárias)| Plano Director da Cidade de Aveiro| 1964

2.2| “As grandes linhas do plano director”

Os limites de intervenção do Plano Director são: o Canal de Esgueira, a norte; a via Porto–Figueira da Foz (E.N.109), a nascente; a ria, mais propriamente o Canal de São Roque, a poente; o talvegue da Quinta do Crasto, a sul. A área de intervenção representa cerca de 5.55 Km². A população que habita nessa área de intervenção, à data de elaboração do Plano Director, é de cerca de 18.000 habitantes. O Plano Director prevê um aumento de 40% até 1985, muito por força da provável industrialização da planície e também pelo desenvolvimento portuário espectacular. (Auzelle, 1964, p.11)

O Plano Director tem como finalidade principal orientar o crescimento de uma cidade que se pretende Capital Regional da Beira Litoral (Auzelle, 1964, p.11). Para que a cidade cresça, os limites naturais da área a intervir têm de, forçosamente, ser alargados. Para não afectar o bom funcionamento da cidade, sobretudo na ligação entre zona industrial e cidade histórica, Auzelle privilegia as ligações exteriores ao aglomerado, tornando-as mais claras e independentes, de modo a assegurar que essas ligações sejam suportadas “*com uma independência completa, pelo exterior do aglomerado e sem necessidade de o atravessarem.*” (1964, p.11)

Segundo Auzelle (1964, p.11), os três factores que são capitais para o desenvolvimento urbano da cidade de Aveiro são: a Ria⁸, lugar de múltiplas actividades (salicultura e pesca) e o porto; a região e os seus estabelecimentos industriais; o aglomerado e o conjunto de serviços necessários para o seu funcionamento.

Durante a década de 60, bastantes automobilistas que passam por Aveiro ignoram o que existe dentro do aglomerado, devido à inexistência de acessos claros; os automobilistas acabam por não descobrir a cidade. O que o Plano Director propõe é uma maior clareza do traçado exterior, que permita uma visualização directa do aglomerado por parte das pessoas que chegam à cidade, a pé, ou de transportes públicos e privados (Auzelle, 1964, p.12). Em suma, fica patente uma ambição em que a legibilidade e a penetração na cidade fosse fácil e directa.

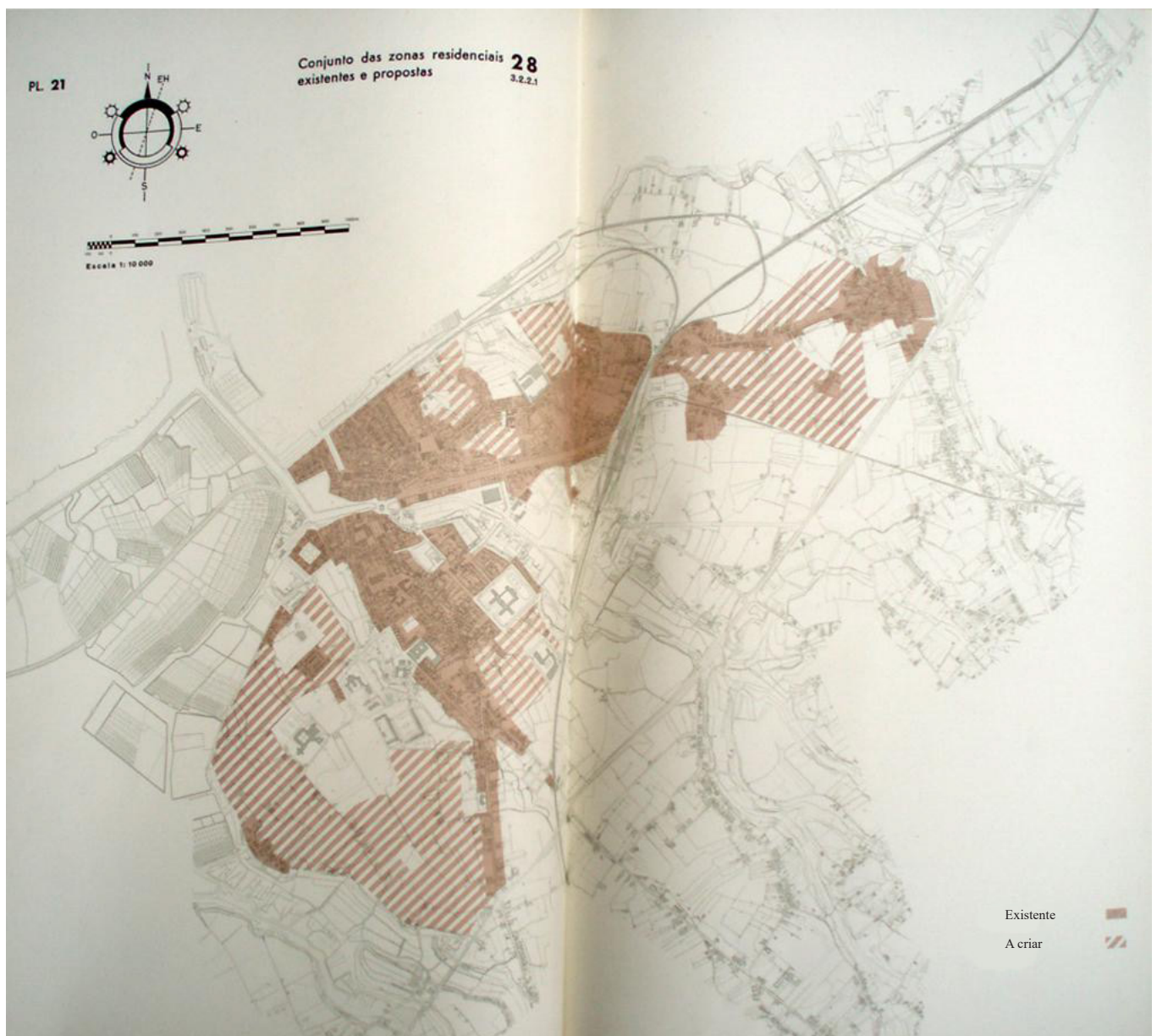
⁸ Segundo Auzelle (1964), a Ria de Aveiro é um lugar de múltiplas actividades como a salicultura e a pesca; é um lugar de repouso e de férias, atendendo às praias; é um lugar de distrações náuticas. No final de contas, a Ria de Aveiro é, no seu conjunto, um “*magnifico local turístico animado e variado.*”(p.12)

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

No âmbito das actividades industriais da cidade, o Plano Director tem em consideração todos os habitantes da cidade: o industrial, o operário, o comerciante e o funcionário. Estes agentes urbanos habitam normalmente fora do centro da cidade, residindo a leste da mesma. Deslocam-se maioritariamente de bicicleta ou a pé para os locais de trabalho. Assim, o Plano Director prevê “*um sistema de pistas para velocípedes e de caminhos para peões que reduzem as distâncias e dão maior segurança aos utentes*” (Auzelle, 1964, p.12). Pretende-se o aumento da rede de transportes colectivos, para melhorar a ligação entre as zonas industriais da cidade e os bairros periféricos. A infraestrutura rodoviária proposta permite ligações directas entre as grandes vias regionais /nacionais e o porto de Aveiro; estas ligações não têm, obrigatoriamente, de “atravessar” o centro da cidade.

Com intuito de melhorar a qualidade de vida, fundamentalmente, dos habitantes permanentes da cidade, o Plano Director propõe a criação de jardins e espaços arborizados, bem como de áreas desportivas para a prática de várias modalidades competitivas. A grande parte dos novos edifícios públicos propostos têm a sua localização a leste da cidade numa área de ligação entre os novos bairros e a Avenida Dr. Lourenço Peixinho⁹, onde se inclui o grande sector comercial da cidade (Auzelle, 1964, p.12).

⁹ A Avenida Dr. Lourenço Peixinho é a principal avenida da cidade de Aveiro que além de ser um espaço bastante importante na definição urbana da cidade, faz a transição da zona central da cidade para a estação de caminho- de- ferro. Na década de 60, a avenida é “*um espaço de grande centralidade, vitalidade e multifuncionalidade, com habitação, comércio de excepção, cafés, actividades liberais, equipamentos.*” (Cruz, 2011, p.21)



24 | Conjunto das Zonas residenciais existentes e propostas| Plano Director da Cidade de Aveiro| 1964

Áreas de intervenção

Tudo o que são propostas referentes à indústria da cidade representam cerca do triplo da área prevista para novas construções. As instalações industriais passam a ocupar cerca de um quarto da área total que o Plano Director abrange. As novas instalações industriais devem preferencialmente localizar-se à margem do aglomerado principal. As novas empresas, com importância comprovada são localizadas a norte. Segundo Auzelle (1964, p.12), o realojamento de explorações industriais existentes no centro da cidade, que têm de sair, é feito a leste da estação de caminho-de-ferro, numa área com pouca extensão. A sul da cidade destina-se uma área para expansão das indústrias cerâmicas.

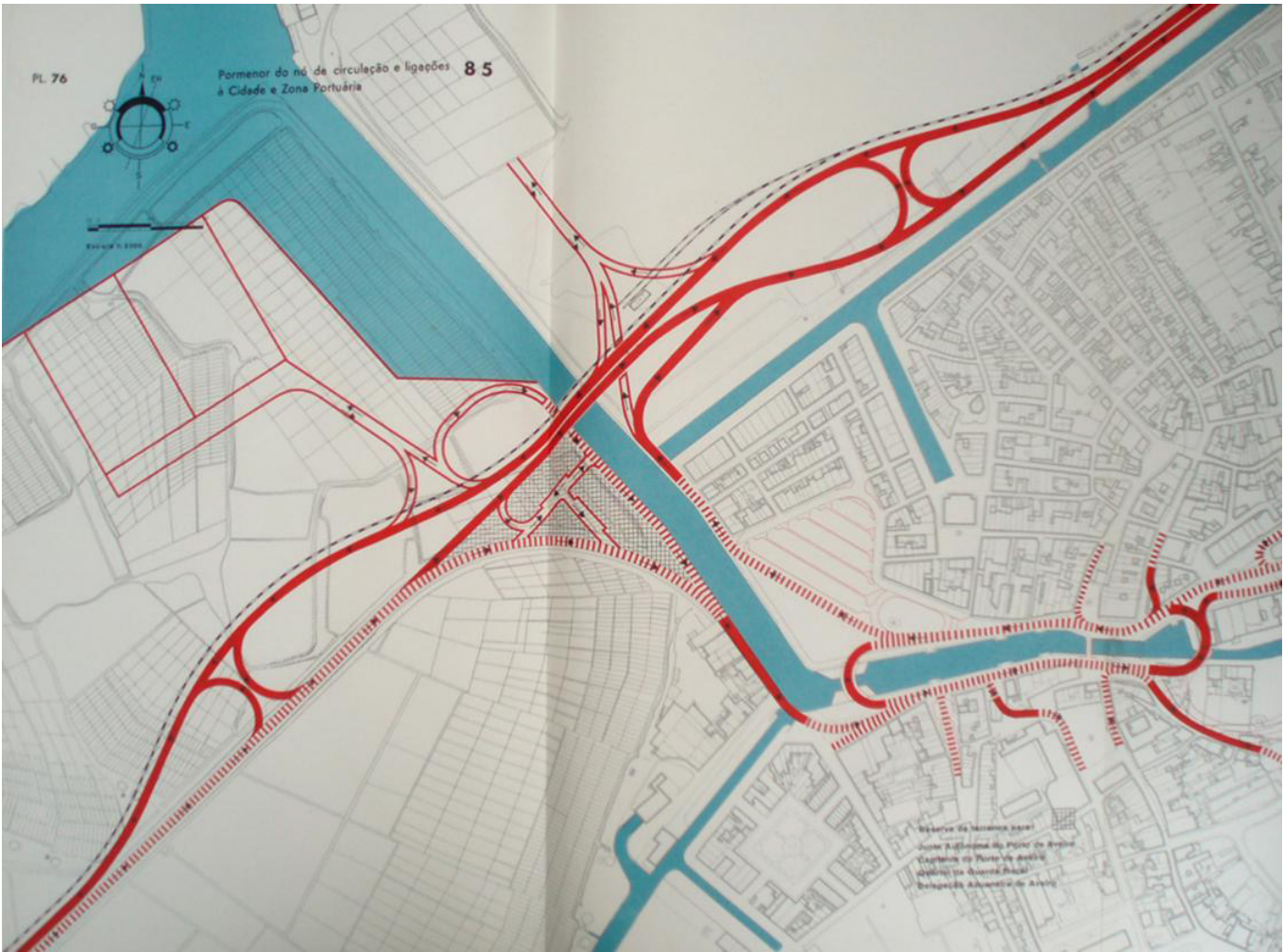
O Plano Director prevê que o número de habitantes da cidade aumente em cerca de 16.000. Por isso, indica programas que, em conjunto com as novas habitações a construir e as habitações a remodelar, permitem albergar cerca de 34.000 habitantes (Auzelle, 1964, p.13). Existe uma intenção clara do Plano Director de recuperar as habitações existentes da cidade, que ocupam sobretudo a zona central da cidade. Para os novos bairros, as áreas que são destinadas são zonas de expansão do aglomerado em direcção a Este e Sul.

Nas áreas destinadas às actividades terciárias da cidade é proposto o aumento do número de pisos nos edifícios, para que, por exemplo, os edifícios de escritórios tenham um desenvolvimento mais favorável. Estes edifícios devem ser construídos na Avenida Dr. Lourenço Peixinho (Auzelle, 1964, p.13).

Ainda nas actividades terciárias, o Plano Director propõe o arranjo da área compreendida pelo Canal do Cojo¹⁰, bem como “*a realização de uma vasta bacia que também permita exposições e, ainda, a construção de um pavilhão rectangular (...) para feiras, exposições e práticas de desportos.*” (Auzelle, 1964, p.13)

Alguns edifícios a construir com função administrativa têm a sua implantação numa área adjacente à Sé de Aveiro e ao jardim público da cidade. Algumas obras públicas de maior relevo tem a sua implantação junto da área central da cidade: um edifício destinado a albergar serviços públicos (projectado por Távora no projecto de requalificação da Praça

¹⁰ O canal do Cojo, canal também navegável, desenvolve-se para nascente da zona central da cidade de Aveiro, fazendo parte também da área de intervenção do Plano Director. Uma pequena parte do Canal do Cojo, o seu arranque, também está incluída na intervenção do Plano de pormenor do arquitecto Fernando Távora.



25 | Pormenor do nó de circulação e ligações à Cidade e Zona Portuária | Plano Director da Cidade de Aveiro | 1964

da República)¹¹; e uma construção em altura, panorâmica, de vários pisos. Percebe-se a importância do *edifício-torre* e o que pode trazer de novo à cidade: “ (...) *um importante edifício panorâmico onde serão instalados escritórios, hotel e restaurante e donde poderá disfrutar-se uma característica paisagem sobre a Ria.*” (Auzelle, 1964, p.13)

Segundo Auzelle (1964, p.14), as propostas de infraestrutura rodoviária devem isolar parcialmente a cidade, impedindo que as ligações do porto de Aveiro para Norte e Sul perturbem o tráfego urbano. Por outro lado, devem proporcionar à cidade ligações viárias estáveis e fáceis em todas as direcções. O esquema rodoviário proposto é, basicamente, uma via semi-circular que, ao passar por pontos de cota elevada, pode proporcionar vistas panorâmicas sobre a cidade. Havia todo o interesse em evitar os cruzamentos de vias do aglomerado; daí a proposta de criar um “*Sistema de plataforma giratória em grande escala*” (Auzelle, 1964, p.14). Auzelle propõe um sistema hierarquizado de vias; uma via de cintura para ligações regionais e portuárias em parte elevada e autónoma das vias urbanas.

De acordo com Auzelle (1964, p.4), a ponte-praça, que marca o arranque da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, deve dar lugar a um novo sistema viário. É claramente um gesto forte porque elimina uma construção com poucos anos, projectada no Antepiano de Urbanização (1960). Deixa de existir uma “barreira” que divide o canal em dois e prejudica o trânsito rodoviário. Nesse sentido, de forma a melhorar a fluidez do tráfego rodoviário, Auzelle propõe a organização de um “*sistema de circulação em sentido único, dum e doutro lado do canal.*” (1964, p.14)

São propostos alguns parques de estacionamento na zona central da cidade. Um deles, no Largo do Rossio, a poente do canal. A introdução de estacionamento público, nesta zona, impossibilita a utilização do Largo do Rossio para feiras e festas (como por exemplo a “Feira de Março” que enche o largo ano após ano). Este tipo de actividades têm de se situar em zonas onde a função terciária predomine.

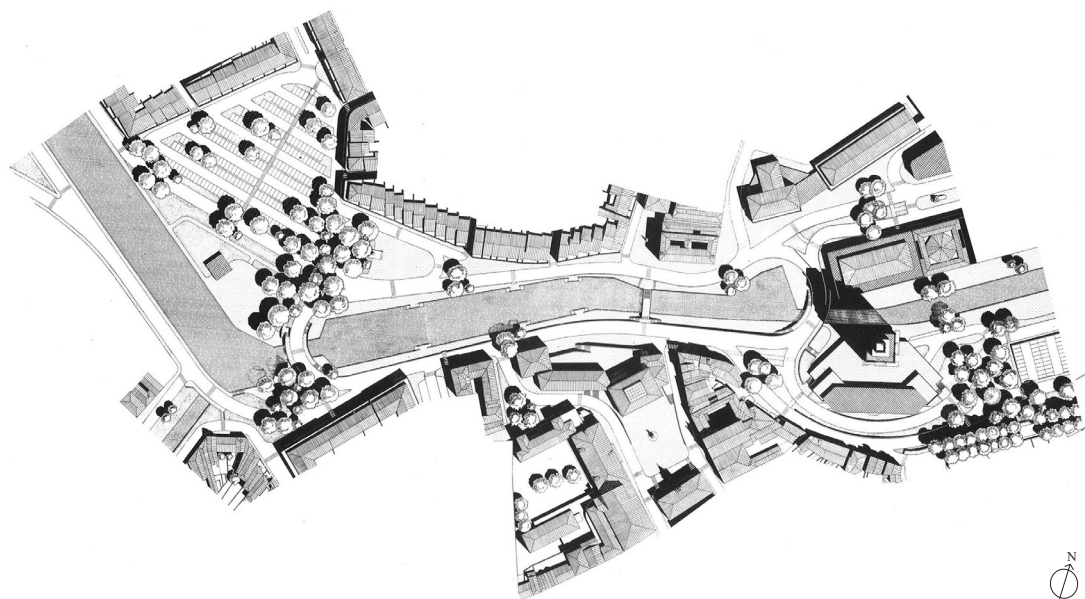
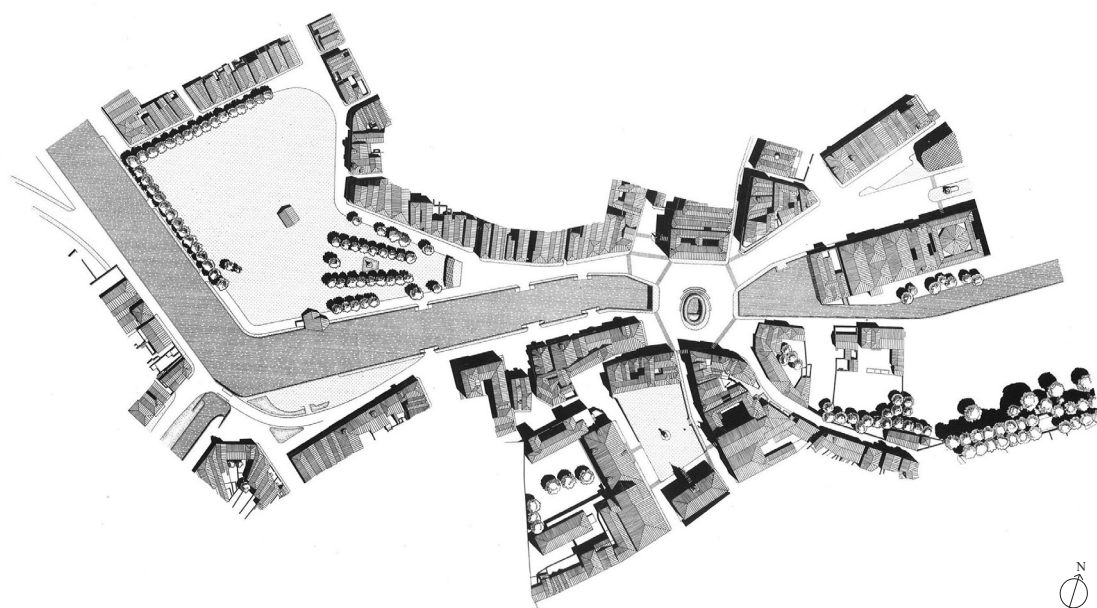
O Plano Director pretende, claramente, a afirmação da cidade como Capital Regional da Beira Litoral; que a cidade de Aveiro acautele as possibilidades de crescimento

¹¹ O *Edifício Municipal* acumula diversas funções públicas relacionadas com o turismo, finanças, mas também uma biblioteca.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

do aglomerado no perímetro urbano intervencionado. É perceptível que com as propostas do Plano Director se pretende expandir a actividade industrial, a actividade terciária e favorecer o papel de centro turístico da cidade; aumentar, em proporções adequadas à escala dos bairros, os serviços públicos da cidade, através da construção de vários equipamentos urbanos.

Mais do que estudos e determinações, o Plano Director da Cidade de Aveiro, de Auzelle, é marcado pela compreensão da cidade que tem por base e pelo sistema viário claro que propõe, que serve de ponto de partida para os planos de pormenor dos vários sectores da cidade. Dentro dos planos de pormenor, concretizam-se os seguintes: o plano de pormenor da área central (Távora) e o plano de pormenor da Avenida Lourenço Peixinho. Sente-se, em Auzelle, o desejo em que os planos de pormenor sigam as linhas base do Plano Director mas que possam ir mais além - que façam a definição arquitectónica do Plano Director.



26 | Planta do existente | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1964

27 | Planta da Proposta | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1964

3| Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)

O Plano de Pormenor da Zona Central de Aveiro, da autoria de Fernando Távora, é um dos vários planos de pormenor que, no seu conjunto, deriva das determinações do Plano Director. Nesta intervenção, Távora tem como colaboradores os arquitectos Alberto Neves e Joaquim Sampaio bem como o engenheiro civil Bernardo Ferrão¹² que desde cedo acompanha todo o processo de renovação da área central da cidade de Aveiro.

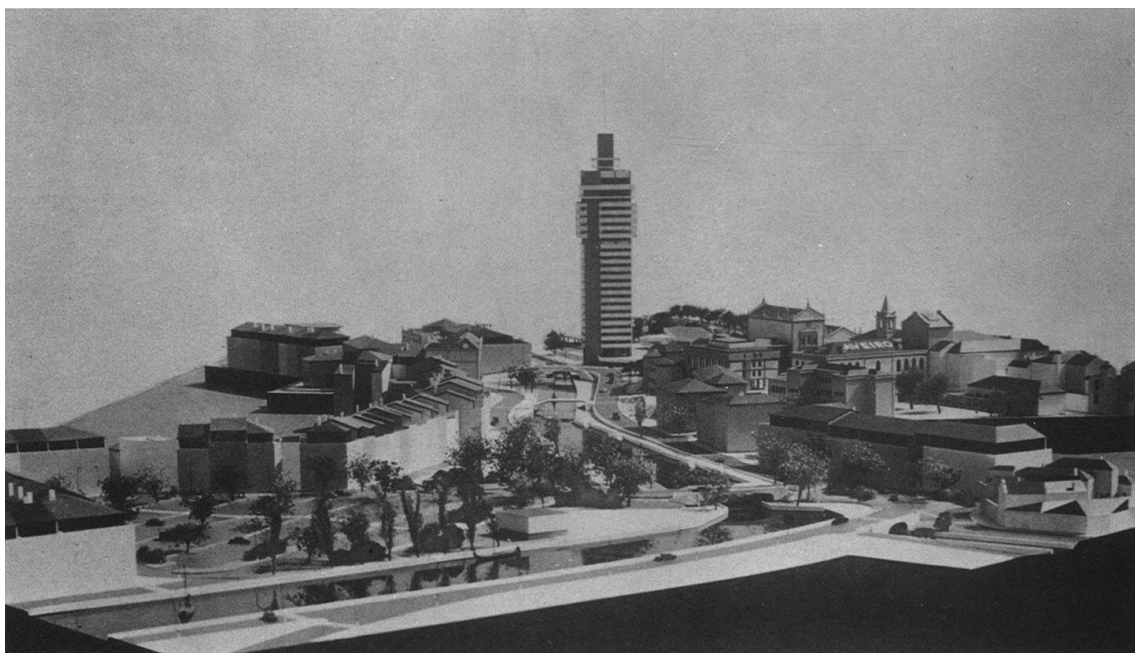
A área de intervenção é a zona central de Aveiro, com os seguintes limites: o Largo do Rossio, a Oeste; Praça da República, a Sul; a Praça Dr Joaquim de Freitas, a Norte e o início do Canal do Cojo, a Este. O Plano de Távora tem o canal central como grande “eixo” de organização, e é, pensamos, o mais importante dos planos de pormenor incluídos no Plano Director.

Ao contrário da maior parte das intervenções urbanas que até então são desenvolvidas em Portugal, que “*continuamente persistiam na ideia de afirmar zonamentos artificiais nas periferias (que cresciam de forma espontânea, flexível e descontrolada aos parâmetros pelos próprios Planos)*” (Furtado, Macedo, 2013, p.181), o Plano de Távora não se guia pelas visões funcionalistas, nem de zonamento, mas define antes “*novos modelos arquitectónicos em espaço urbano consolidado que compreende o centro histórico de Aveiro.*” (Furtado, Macedo, 2013, p.181)

Trata-se de um plano de renovação urbana na sua plenitude. Távora tem uma intenção clara no que diz respeito ao tratamento do ambiente histórico de cidade. Para a maior parte dos edifícios existentes na área central Távora ajusta simplesmente as suas cêrceas, preservando o seu carácter histórico. Ou seja, mantém as formas urbanas sedimentadas ao longo da história. Ainda assim, não é posta em causa a nova identidade que Auzelle ambiciona para a cidade.

A estrutura geral do Plano de Távora gira em torno do centro da cidade e o sistema viário gira em torno do canal. A definição da infraestrutura viária vai condicionar

¹² Bernardo Ferrão de Tavares e Távora (1913-1982), irmão do arquitecto Fernando Távora, foi um engenheiro civil português. Formado pela Faculdade de Engenharia do Porto, começou a sua actividade profissional como funcionário da Direcção-Geral dos Serviços de Hidráulica e só mais tarde se dedicou à construção de obras públicas, tendo desenvolvido, em paralelo, actividade como profissional independente.



28 | Maqueta | Arranjo da Zona Central de Aveiro | Sem data

o desenho das ligações a outras partes da cidade, bem como o projecto dos edifícios a propor/renovar que dialogam directamente com a zona central. Desses edifícios a propor, o *Edifício-Torre* e a requalificação da Praça da República são os pontos mais fortes da intervenção de Távora.

Como base de trabalho, Távora apropria-se das propostas do Plano Director, nomeadamente as da área central de Aveiro. Távora refere-se ao conjunto das propostas relativas à área central através da palavra “Esquema”:

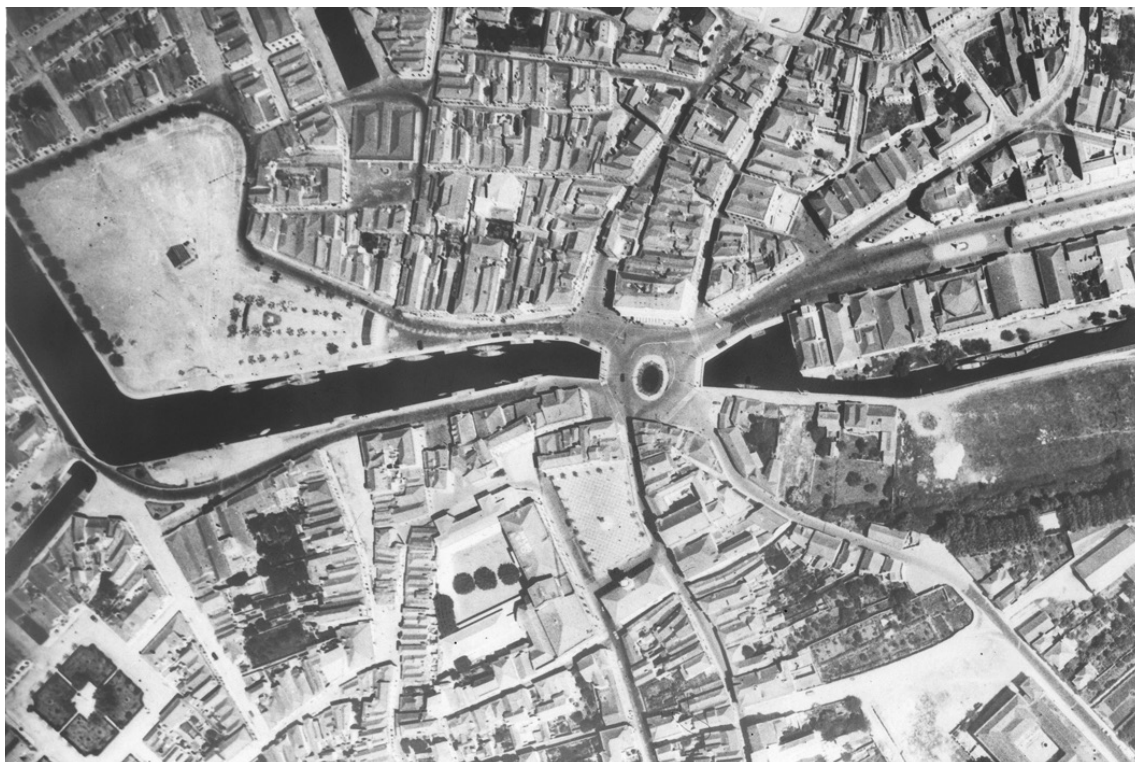
*“Serviu de base ao presente Estudo Prévio um Esquema fornecido pela Câmara Municipal de Aveiro e elaborado pelo Gabinete do Plano Director, o qual, tomando em consideração o estado actual do centro e os critérios de planeamento adoptados para o Plano Director da Cidade (...) pretende resolver os problemas mais agudos e de vária ordem que a zona central apresenta.”*¹³

O “Esquema” é importante, mas os estudos que fundamentam a sua concepção também são levados em consideração. Para Távora, o Plano Director “ *continha, na sua simplicidade, toda uma feliz e poderosa concepção do arranjo da zona central de Aveiro (...) provando-se assim, e mais uma vez, a necessidade e a vantagem de estudos básicos em termos de urbanismo para a definição e enquadramento de soluções arquitectónicas.*” (1963, p.3)

A estrutura base do “Esquema” da zona central, de Auzelle, não é posta em causa por Távora. Pelo contrário, a ideia presente é a de evidenciar a estrutura base e corrigir alguns aspectos menos conseguidos. É importante perceber, numa primeira instância, as propostas que agradam a Távora e quais as alterações que preconiza. Só assim é possível analisar, com mais pormenor, as propostas finais do Plano de pormenor da zona central de Aveiro.

¹³ Távora, F. (1963). *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo arquitectónico e urbanístico da zona central - Estudo Prévio*, p. 2.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



29 | Vista sobre a Ponte-Praça e arranque do quarteirão da Praça da República à direita| 1952

30 | Edifícios existentes na frente norte da Praça da República| 1963

31 | Área central de Aveiro| Cerca de 1960



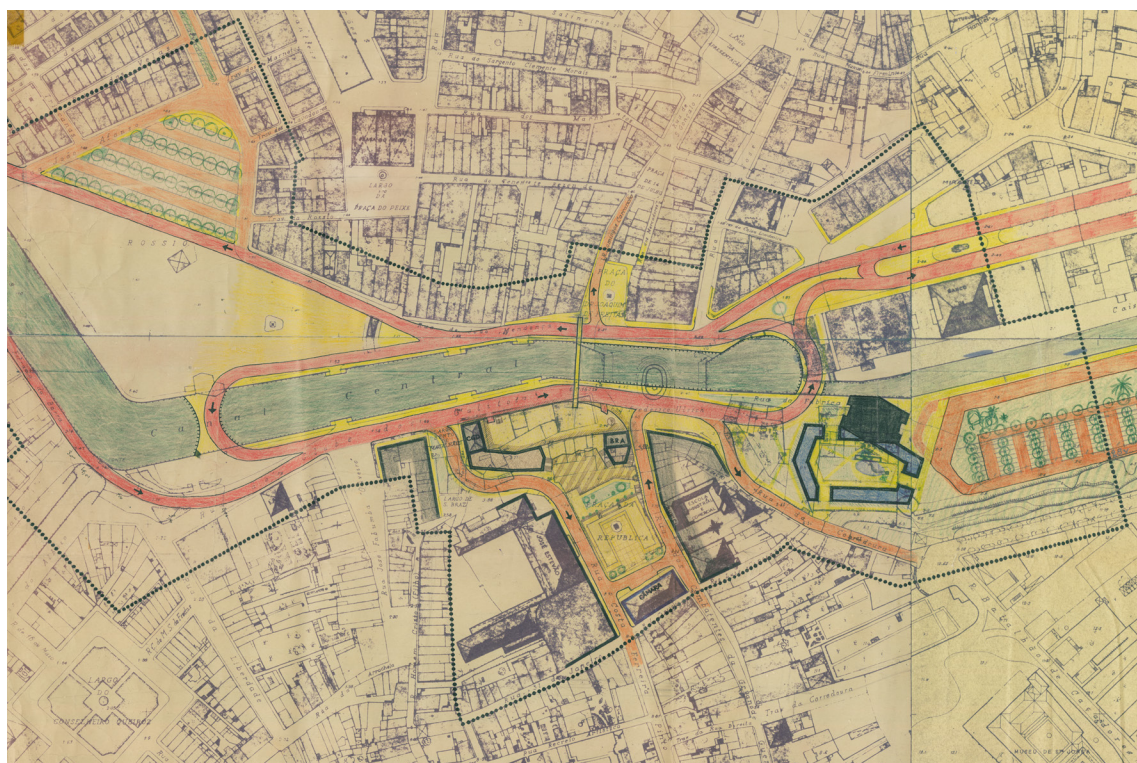
3.1| O “Esquema” do Plano Director

O “Esquema” apresentado pelo Plano Director relativo à área central da cidade é bastante claro. Em certa medida o Plano Director gira em torno do canal da zona central. O “Esquema” propõe um *sistema giratório*: duas vias de sentido único que circundam todo o canal central da cidade e o atravessam, através de duas novas pontes, que reflectem os limites do sistema viário. Para além disso, essas duas pontes são essenciais na ligação da área central a três direcções principais da cidade: Barra, a poente; Praça da República, a sul; Avenida Dr. Lourenço Peixinho, a nascente.

A Ponte-praça é uma barreira à leitura do canal de água, pensado como elemento estruturante do espaço urbano. Assim, o “Esquema” da área central propõe a substituição da Ponte-praça para dar lugar ao sistema viário contínuo em torno do canal. Outra demolição proposta é a do edifício da Capitania, em função da sua deslocação para a zona portuária. Por forma a completar o sistema viário, aponta-se para a possibilidade de construção de estacionamentos de superfície nos extremos da área de intervenção, a nascente e a poente.

Sobre os percursos pedonais, e porque este *sistema giratório* proporciona um aumento excessivo dos mesmos, o “Esquema” aponta para “*uma ligação, entre as Praças Dr. Joaquim de Freitas e da República, sobre o canal e sobre as artérias de trânsito pelo que a sua cota teria de ser, necessariamente, elevada*” (Távora, 1963, p.1). Pensamos que esta ligação, cuidadosamente desenhada posteriormente por Távora, tem como principal função a união de dois espaços públicos bastante importantes da área central. Unir as duas praças através de uma ponte pedonal significa levar as pessoas a atravessar o canal, valorizando as duas praças e o canal, com as pessoas a poderem usufruir de espaços ao ar livre, de lazer e de repouso, ao mesmo tempo que usufruem dos equipamentos que os locais públicos podem oferecer.

Em relação ao quarteirão entre o Canal e a Praça da República, o “Esquema” aponta para a demolição de vários edifícios da frente norte da Praça da República (fig.30), de maneira a abrir a praça em direcção ao canal; só o edifício da Caixa Geral de Depósitos e o edifício do Banco Regional de Aveiro se mantêm. Por outro lado o “Esquema” propõe



32 | “Esquema” da área central de Aveiro | Plano Director da Cidade de Aveiro | Robert Auzelle | 1963



a criação de dois edifícios, ambos com o carácter de “anexo”, um para o edifício do Banco, outro para o da Caixa Geral de Depósitos.

A nascente, junto do Cais do Cojo, predominam construções em mau estado de conservação. Na estrutura do Plano Director referente à zona central, todas as construções são demolidas para dar lugar a um “edifício-torre”. Segundo Auzelle, o “edifício-torre” *“deve ser concebido como um edifício único, constituindo um sinal. Como consequência a sua altura deve ser função da paisagem de Aveiro. Visto da Ria ele deverá elevar-se ligeiramente mais alto que o reservatório de água (altura de 20 andares)”* (citado por Távora, 1963, p.2). Para ajudar a que este seja ainda mais dominante na paisagem, regulamentam-se as alturas de todos os restantes edifícios da cidade (8 pisos, no máximo).

Alterações ao “Esquema” do Plano Director

Fernando Távora e a sua equipa não efectuam modificações ao “Esquema” da área central da cidade que lhe altere a suas ideias fundamentais. São introduzidos alguns ajustes, que nos parecem decisivos para a consolidação das propostas para a zona central de Aveiro.

Em relação ao esquema viário proposto no “Esquema”, Távora sugere *“uma ligação mais perfeita entre os dois parques de estacionamento e a zona central, através da criação de faixas de retorno a esta, visto que as suas relações mútuas eram deficientes”* (1963, p.3). A ligação pedonal sobre o canal é simplificada, e também a sua cota, para obter uma solução mais económica e por ser impossível elevar a praça Dr. Joaquim de Freitas à altura necessária.

Sobre os edifícios a construir, é introduzida a alteração mais significativa ao “Esquema” de Auzelle. Távora contraria a ideia de abrir totalmente a Praça da República a Norte (em direcção ao canal) com a construção do *Edifício Municipal* que, em termos programáticos, veio satisfazer uma necessidade da Câmara Municipal de juntar alguns serviços públicos num só edifício. O *Edifício Municipal* tem a particularidade de ser vazado à cota da Praça da República. Assim, a ideia de relação íntima da Praça com o canal não se perde, tornando-se antes mais dinâmica e resolvendo uma questão programática e

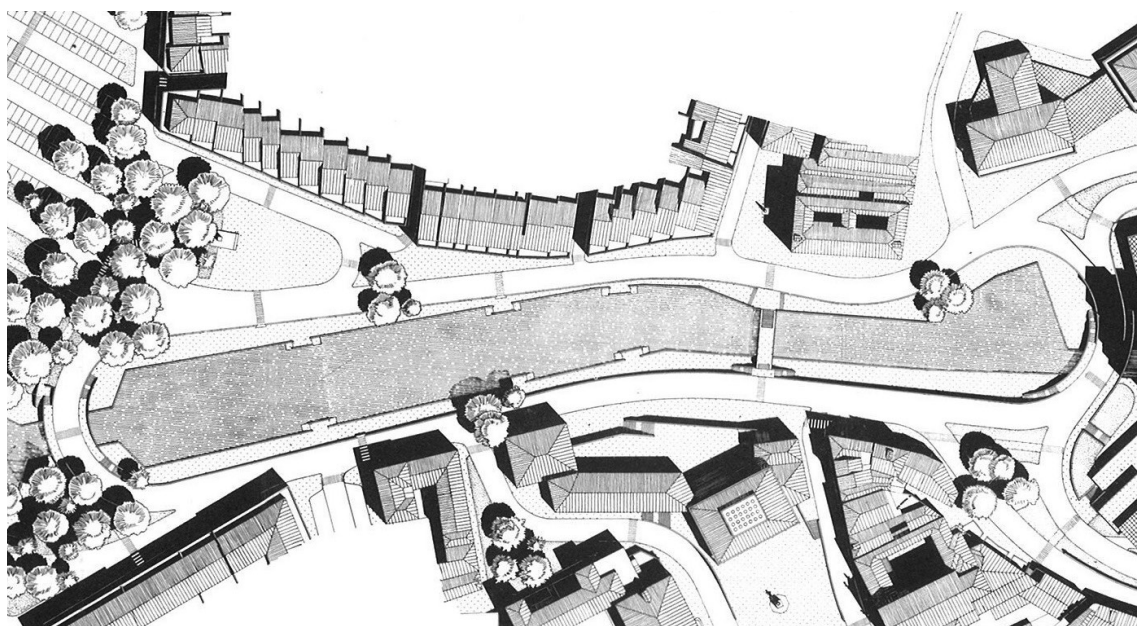
Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

de localização do edifício.

Em relação à localização exacta da Torre, Távora encara várias possibilidades, optando por fim por projectá-la entre a Rua do Batalhão de Caçadores e o Cais do Cojo. Já a área de implantação da Torre é diminuída, para valorizar a proporção vertical do edifício.

Por fim, Távora faz também alterações ao projecto de um dos parques de estacionamento previstos para a zona central. O parque de estacionamento, localizado a nascente do canal e da área da Torre, é “*transformado num parque em dois níveis, também consequência da topografia do terreno e da modificação local do sistema viário.*” (1963, p.4)

É possível afirmar que o Plano de Pormenor de Távora intensifica as determinações do Plano Director. O “Esquema” do Plano Director é conceptualmente claro, mas necessita de uma intervenção detalhada e precisa em vários pontos críticos. A intervenção de Távora caracteriza-se pelo desenho urbano: infraestrutura viária, requalificação de espaços públicos, localização de estacionamento, edifícios a demolir e a construir, estudo de cérceas; e pelo desenho arquitectónico: Torre e Centro Comercial e *Edifício Municipal*.



33 | Sistema viário duplo: rodoviário e pedonal | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1964



3.2| Infraestrutura viária

Definidas as linhas base do sistema viário que gira em torno do canal, com duas vias de sentido único em todo o seu percurso, Távora procura pormenorizar, e ao mesmo tempo regulamentar, algumas características do sistema viário. Salvo alguma exceção, as vias rodoviárias apresentam-se com 8m de largura e respeitam quer a cota das ruas transversais, quer a cota de soleira dos vários edifícios a manter e a recuperar. O sistema adoptado é um sistema duplo: rodoviário e pedonal, em que os percursos dos automóveis e dos peões são desnivelados.

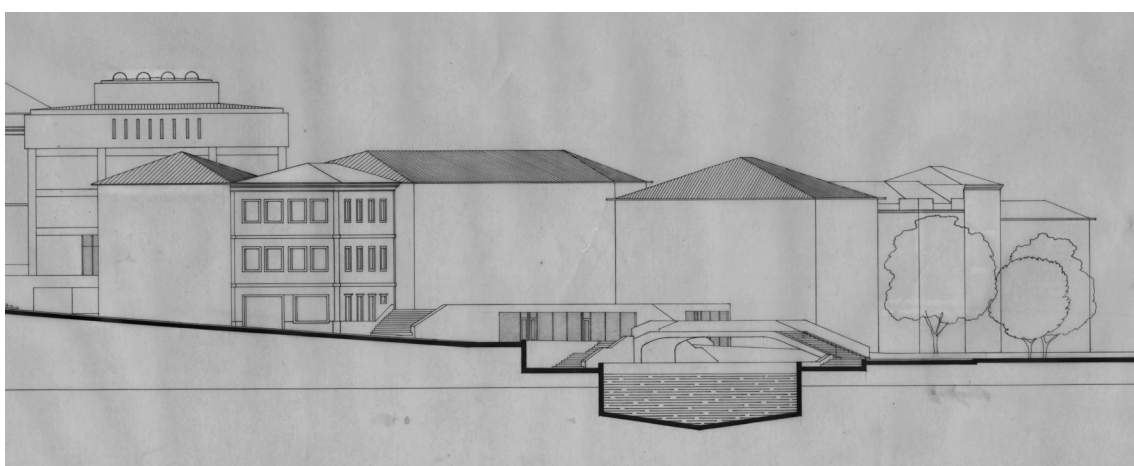
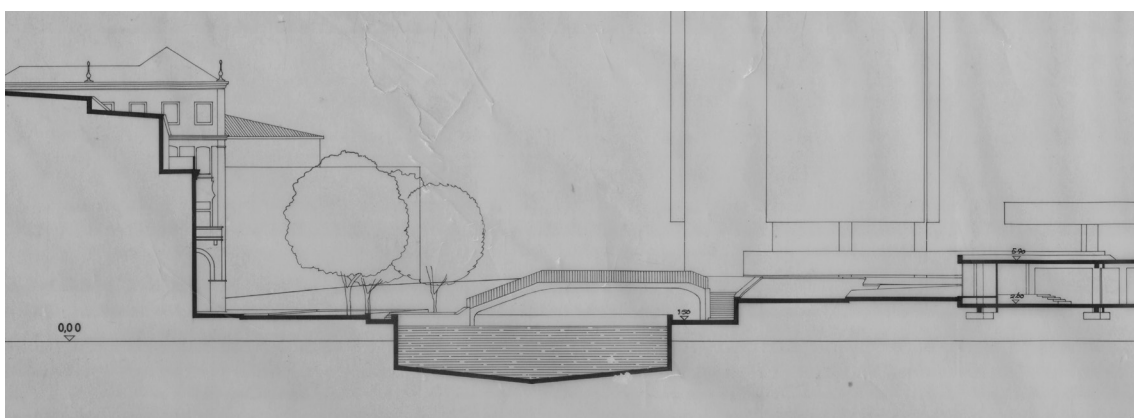
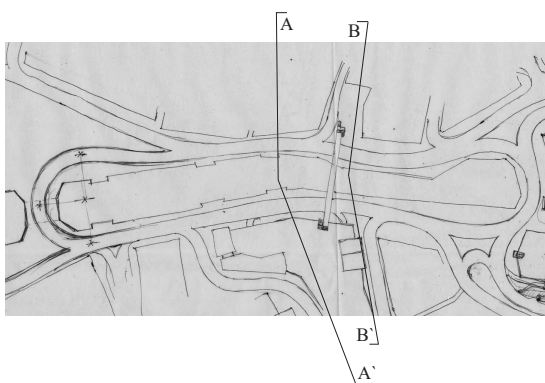
Távora evita o cruzamento dos peões com os automóveis e proporciona um percurso em torno do canal, circular e sem interrupções. Os dois extremos do sistema viário atravessam o canal - é necessária a criação de pontes. A ponte a poente localiza-se perto de uma grande torção do canal; provavelmente porque é mais simples fazer a curvatura das vias junto da torção do canal. A ponte a nascente do canal localiza-se para lá da Ponte-praça existente, sobre uma área, até à data da intervenção, ocupada pela Capitania. A ponte a nascente marca o início do Canal do Cojo.

Como as duas pontes fazem parte do sistema duplo: rodoviário e pedonal, contemplam um acesso pedonal, nos dois sentidos viários, através de escadas e rampas. A inclusão de percursos pedonais nas duas pontes permite a transição entre as margens do canal em dois pontos críticos da área central: o acesso pedonal a Este do canal marca a transição entre o início da Avenida e a área da Torre e Centro Comercial; o acesso pedonal a Oeste do canal faz a ligação entre o Largo do Rossio e um pequeno jardim público.

Sendo uma área da cidade quase totalmente plana, não são propostas vias com demasiada pendente. A exceção está nos acessos às pontes sobre o canal, onde *“um gabarit” obrigatório de 2,20 m acima da preamar, provocado pela passagem dos barcos, levou a artérias e cotas um pouco elevadas; no entanto as pendentes máximas atingidas nesses acessos são, na parte poente da ordem dos 7.2%.”* (Távora, 1963, p.5)

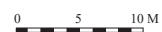
O sistema de construção das duas pontes (com vãos relativamente curtos) é um arco de *“betão armado, com paredes laterais em alvenaria rebocada, inserindo-se assim*

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



34 | Perfil A| Canal Central| Arranjo da Zona Central de Aveiro| 1963

35 | Perfil B| Canal Central| Arranjo da Zona Central de Aveiro| 1963



dentro da forma e materiais dos muros-cais existentes.” (Távora, 1963, p.5)

É uma intervenção suave, ao mesmo tempo que responde à necessidade de integração do sistema viário proposto. Ao se utilizarem os mesmos materiais dos muros do canal, é possível que a intenção de Távora seja a de dar unidade a todos os elementos: cais ou muros dos percursos (automóvel e pedonal) em continuidade com as pontes, num sistema único e contínuo. É uma intenção urbana e arquitectónica.

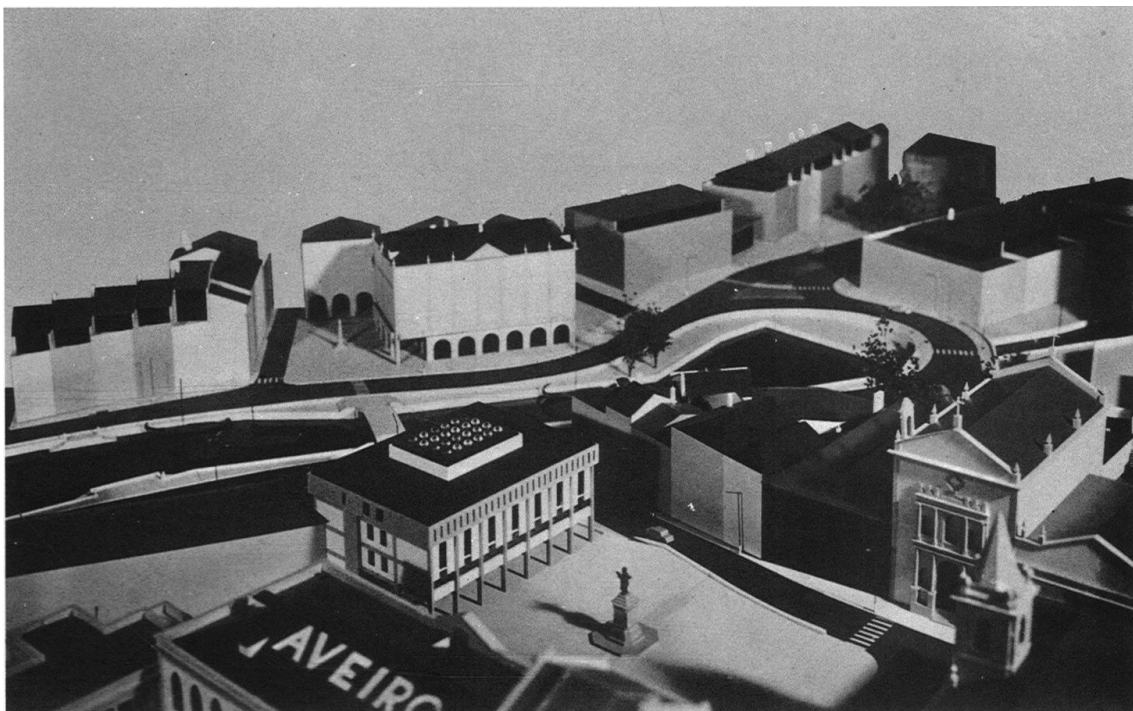
O percurso pedonal em torno do canal apresenta algumas variações ao nível da largura dos passeios. Alguns destes passeios ao longo do canal são tão alargados que *“transformaram-se em agradáveis zonas de estar e de convívio.”* (Távora, 1964, pl. 76).¹⁴ O percurso pedonal que gira em torno do canal desenvolve-se numa só cota, sem variáveis, ao contrário das vias automóvel cujo traçado apresenta algumas variações de cotas. Pode-se dizer que o percurso pedonal funciona como uma plataforma de nível, em redor da água, valorizando o canal.

Analisando todas as propostas de passagens e espaços exclusivos de peões, é clara a intenção de Távora de valorizar e favorecer a vida do peão, não só do ponto de vista quantitativo e funcional, *“mas também obtendo percursos dotados de agrado, beleza e variedade.”* (1963, p.10)

No Plano de Aveiro projecta-se a renovação das duas praças da zona central. É uma contribuição para a valorização dos espaços destinados unicamente aos peões. A praça Dr. Joaquim de Freitas, a norte do Canal, deixa de ter a sua área ocupada por estacionamento e passa ser uma praça exclusivamente pedonal, de estar e convívio. Em relação à Praça da República ela prolonga-se *“até ao canal, quer pela sua passagem sob o Edifício Municipal, fronteiro à Câmara, quer pelo aproveitamento da cobertura do Edifício Comercial, ligada por duas escadas ao passeio situado à cota da Rua.”* (Távora, 1963, p.9)

A ponte pedonal sobre o canal, que pretende ligar essas duas praças, apresenta-se com 5 m de largura, menos do que as pontes de tráfego automóvel previstas para os extremos do canal (com 8 m). Távora planeia esta ponte com muito cuidado, por um lado tendo em conta as passagens dos barcos ao longo da ria (o desenho do arco, a sua

¹⁴ Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro.*



36 | Maqueta | Vista sobre canal central com Praça Dr Joaquim de Freitas em fundo e Praça da República e *Edifício Municipal* em primeiro plano | Arranjo da Zona Central de Aveiro | Sem data

cota mínima em relação à superfície da água - o *gabarit*), por outro, tendo em conta a necessidade de diminuir a distância entre as duas praças sem prejudicar “*em nada, pela sua leveza, a leitura do canal para o que se procurou dar-lhe um carácter totalmente diverso do das pontes restantes.*” (1963, p.9)

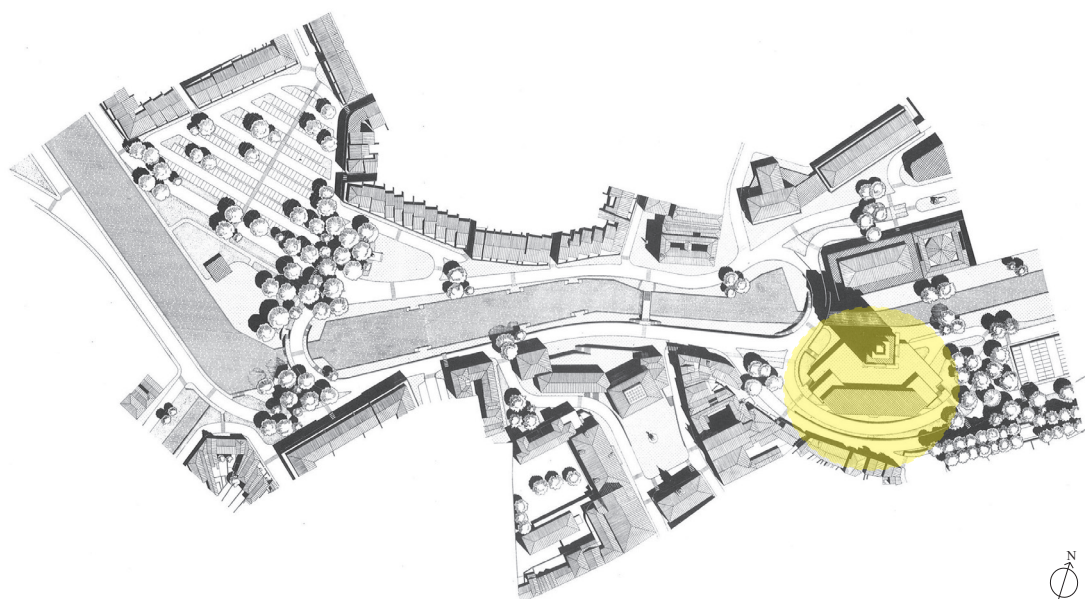
Os dois parques de estacionamento públicos desenhados por Távora têm capacidade para 280 veículos cada. O parque de estacionamento público, localizado a poente, ocupa grande parte do Largo do Rossio, onde, à data da intervenção, se realizava a anual Feira de Março. De acordo com Távora (1963, p.8), a Feira de Março foi transferida para outra área da cidade, pelo que a inclusão do estacionamento nesta área não traz nenhum obstáculo à cidade. Não são necessárias grandes infraestruturas neste estacionamento, procedendo-se apenas à pavimentação do espaço e à organização dos lugares de estacionamento. O desenho do Largo do Rossio comporta as ligações de acesso ao local; respectivas zonas de inversão do sentido de trânsito; e um pequeno espaço verde, com ligação à ponte a poente do canal, através de um percurso marcado por uma mancha de árvores.

Távora propõe, também, uma reformulação dos bairros do lado norte do canal, que se prolongam para oeste, contornando grande parte do Largo do Rossio. A intervenção de Távora consiste, sobretudo, no aumento do número de pisos e na uniformização das cêrceas dos edifícios que constituem estes bairros.

O parque de estacionamento público a nascente da área central, perto da bacia do Cojo, é pensado em dois níveis, por condicionantes do terreno. Segundo Távora (1963, p.8), o estacionamento em dois níveis implica mais que uma pavimentação e definição de acessos; implica uma construção.

Qualquer uma das propostas relacionadas com as infraestruturas viárias do canal e passagens pedonais não são construídas. De resto, de todas as propostas do arquitecto Távora em todo o plano de pormenor, só a requalificação da Praça da República se realiza na plenitude. Nem mesmo a ponte pedonal, sobre o canal, se constrói. Ao invés, mantém-se actualmente a Ponte - praça, já atrás referida, que funciona como rotunda. Com um buraco em forma de poço, sobre o canal, conjugado com o perfil irregular do seu pavimento, a Ponte-praça é uma barreira à circulação em torno do canal mas também à sua leitura.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



37 | Planta da proposta | Localização da Torre e Centro Comercial | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1964

38 | Maqueta | Vista sobre *Edifício-Torre* e Centro comercial, com canal central em plano de fundo.

Arranjo da Zona Central de Aveiro | Sem data

3.3| Torre e Centro Comercial

Sobre a Torre, Fernando Távora é bastante claro no que respeita ao propósito de tal edifício ser incluído no plano de pormenor para a área central de Aveiro. O projecto da Torre parte da ideia de Auzelle em incluir, na zona central, um edifício que domine toda a envolvente da cidade e seja um sinal no território. Távora prevê que os objectivos principais da Torre se cumpram após a sua construção: “*E à horizontalidade da Região, contrapor-se-á a verticalidade do edifício-torre que ficará a marcar, com um sinal, o esforço de Aveiro na recuperação do Centro.*” (1964, pl.76)¹⁵

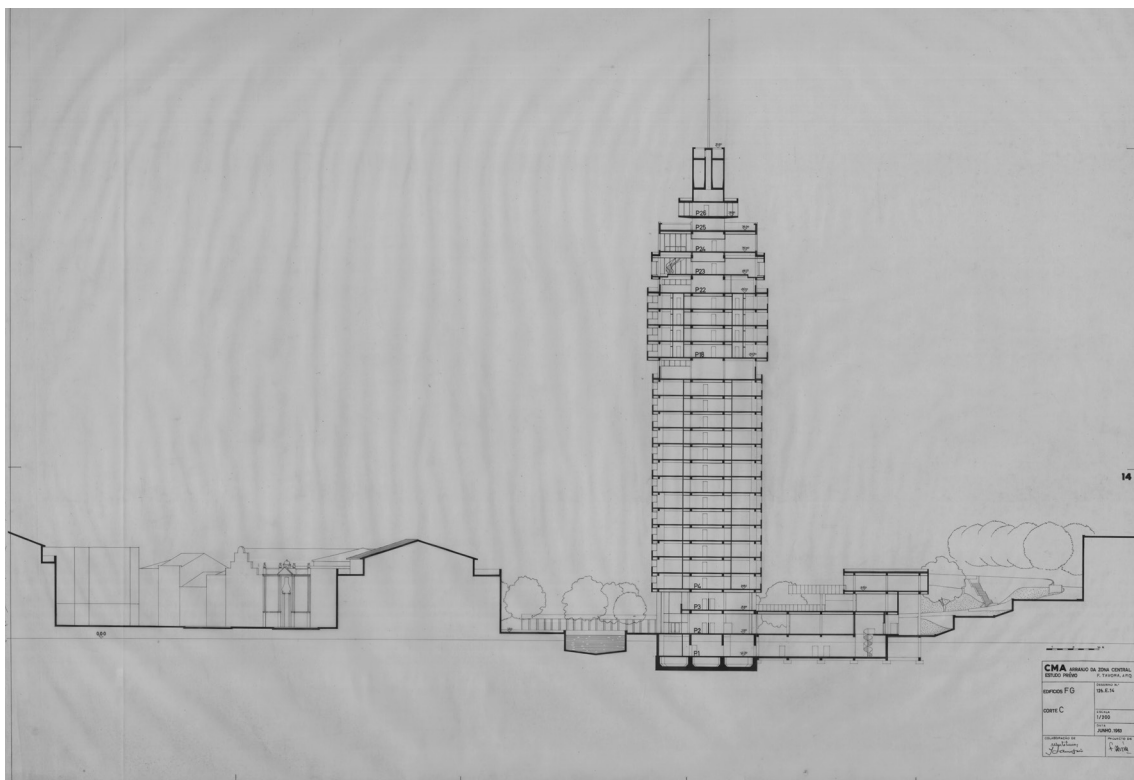
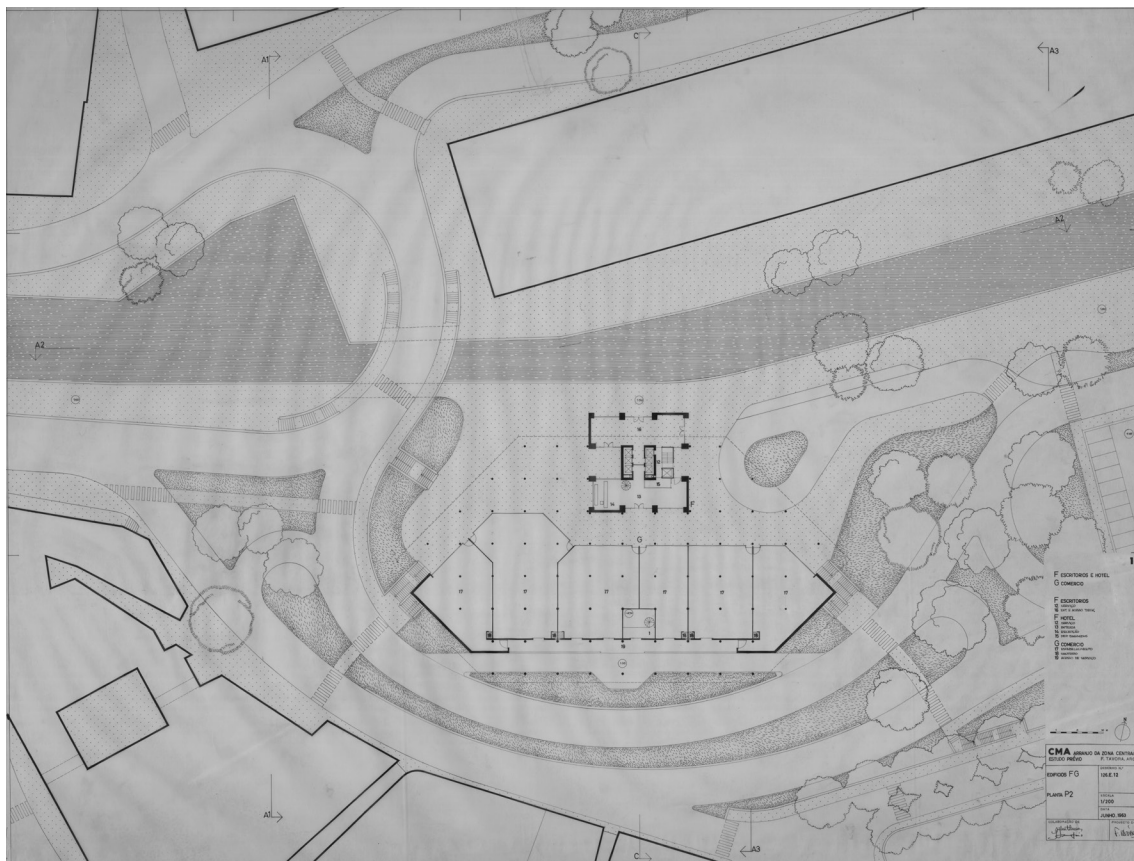
À Torre junta-se também o Centro Comercial. Estes dois edifícios formam um conjunto, uma unidade, cuja principal finalidade é a de aumentar a afluência de pessoas nesta área e desenvolver um novo complexo de atracção na cidade. O local de intervenção tem como limites a Rua do Batalhão de Caçadores, a sul, e o Cais do Cojo, a norte. Como já atrás referido, este era, à data, um local com edifícios em mau estado de conservação à espera de serem demolidos. O local apresenta perfis de implantação praticamente planos, mas o seu acesso a sul tem de ser feito a partir de uma cota superior. Este jogo de cotas vai ser resolvido com o projecto do Centro Comercial.

O Centro Comercial comunica directamente com a Torre, valorizando-a ainda mais. Desenvolve-se em três níveis, através de plataformas horizontais com planta em forma de “ferradura”. As plataformas horizontais são as próprias coberturas dos estabelecimentos comerciais e funcionam como zonas de passagem, de estar e de convívio. Os edifícios comerciais formam, em conjunto com a Torre, vários pátios de grandes dimensões. Um dos pátios é um prolongamento da cobertura de um edifício comercial. O pátio é multi-funcional pois serve de zona de estar mas também de acesso aos estabelecimentos comerciais e ao piso administrativo da Torre.

Na organização do núcleo urbano da Torre e Centro Comercial subentende-se a intenção de assegurar uma transição suave para a rua existente (situada numa cota elevada em relação à implantação da Torre), ao mesmo tempo que se faz uma harmoniosa transição de escala entre a Torre e os edifícios envolventes mais próximos.

¹⁵ Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
 Das influências teóricas às referências práticas



39 | Implantação da Torre e Centro Comercial | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1963

40 | Perfil norte - sul, pela Torre e Centro Comercial | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1963

Távora avança com a posição da Torre para norte, junto do Canal do Cojo, enquanto a posição do Centro Comercial recua para sul. Com este recuo, é desenhado um novo traçado rodoviário, paralelo ao arruamento existente. O novo traçado serve de acesso rodoviário ao Centro Comercial e à Torre, mas também ao parque de estacionamento a nascente. O Centro Comercial e os acessos pedonais às plataformas pretendem resolver o problema das diferença de cotas.

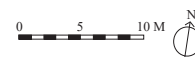
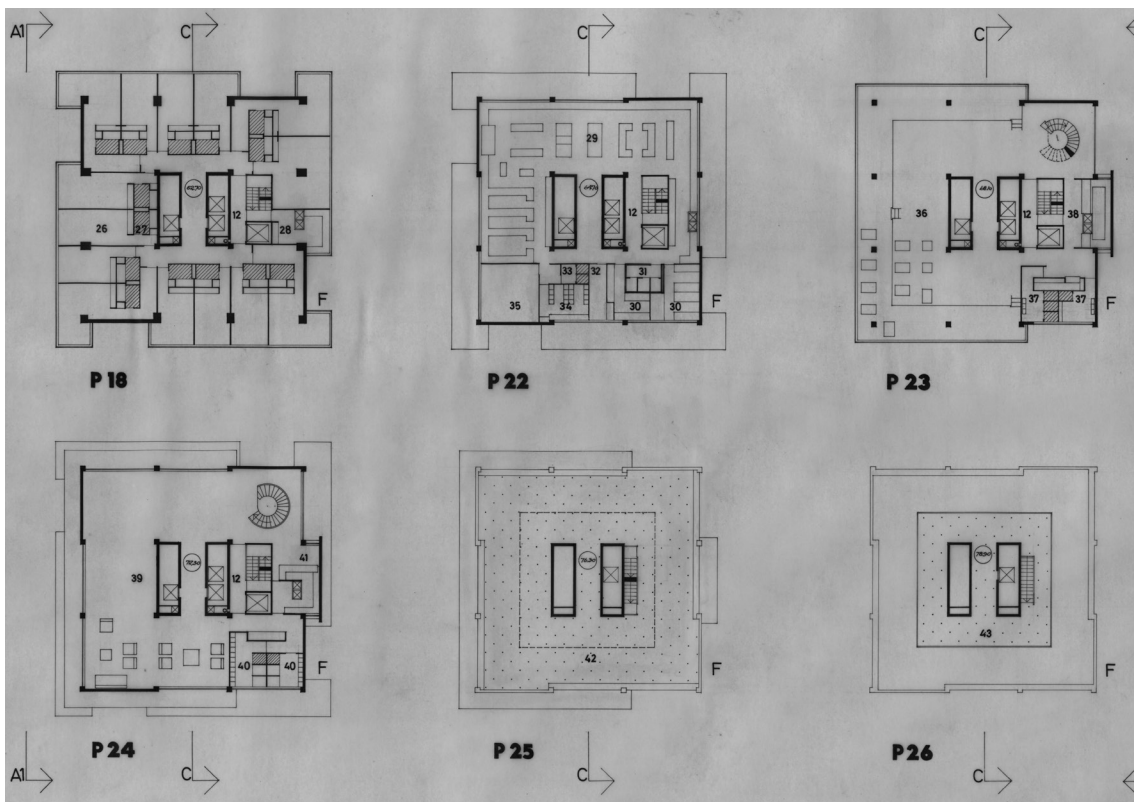
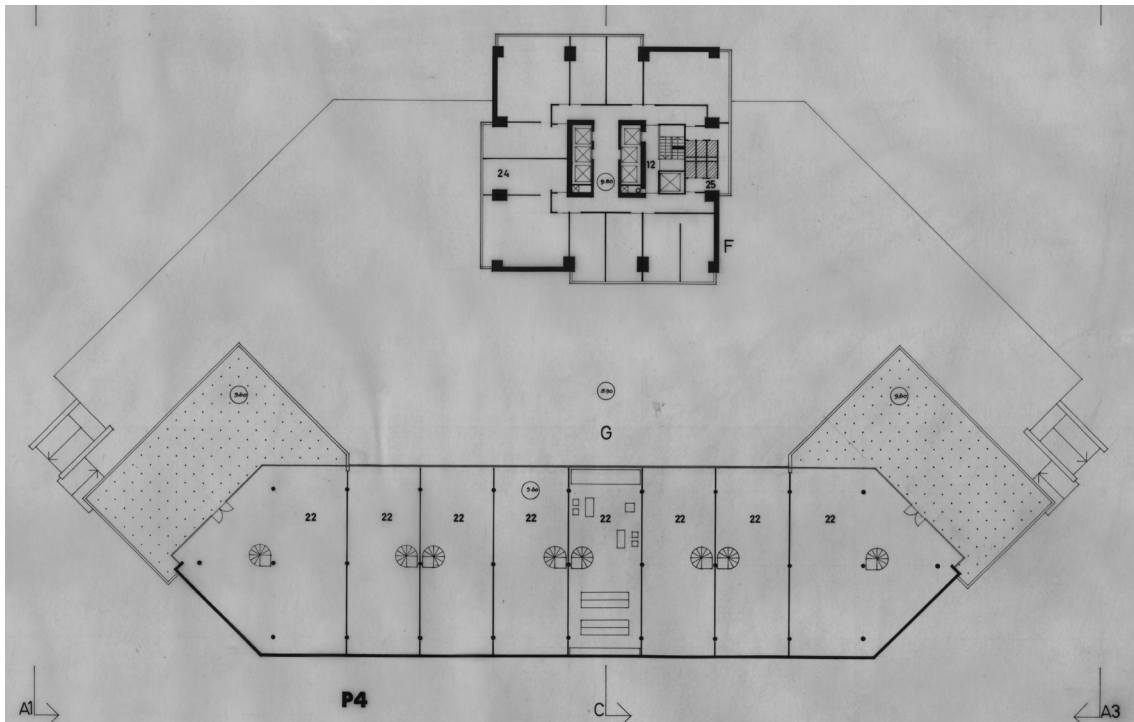
Em relação ao Centro Comercial, este tem o objectivo de representar um verdadeiro centro urbano, em conjunto com o edifício-torre. Távora (1963, p.18) projecta o Centro Comercial com 4.550 m² de área total, com dois terços dessa área destinados a estabelecimentos. A restante área é constituída por amplas esplanadas ao ar livre sobre o canal da Ria de Aveiro.

Com a intenção de albergar um programa bastante denso, a Torre apresenta vinte e seis pisos, num total de 10.000 m² de área. A sua altura total é de 90 m e em perímetro a Torre apresenta dimensões base de 18 m por 18 m. A Torre apresenta-se com uma base, de 2 pisos; 13 pisos de escritórios; um piso intermédio, estrutural; 4 pisos com quartos do Hotel; 3 pisos com programa de restauração do Hotel; e 2 pisos, no nível superior, panorâmicos. Para as ligações verticais, Távora projecta “*Um sistema de acessos (principal e de serviço, este com escada de recurso e de emergência), central, [que] satisfaz os dois sectores com a independência necessária.*” (1963, p.14)

A Torre tem duas entradas principais: é possível aceder pelo piso à cota do Canal do Cojo (fig.39), mas também se pode aceder pelo piso imediatamente acima, por uma das plataformas do Centro Comercial. O piso de entrada, à cota do Canal do Cojo, tem duas funções. Por um lado serve o sector dos escritórios, através de três elevadores e um “monta-cargas”. Por outro lado pode funcionar como “recepção” do Hotel e ligar-se ao piso administrativo, imediatamente acima, e aos quartos nos pisos superiores, através de mais dois elevadores e outro “monta-cargas”.

O piso-tipo dos escritórios apresenta uma área de cerca de 400m², devidamente acompanhado de instalações sanitárias. Qualquer um dos pisos de escritórios não tem uma organização programática fixa, permitindo-se “*uma grande maleabilidade de arranjo, de acordo com as necessidades de cada caso*” (Távora, 1963, p.14). Já o piso-tipo dos

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
 Das influências teóricas às referências práticas



41 | P4: Piso-tipo dos escritórios e plataforma superior do Centro Comercial | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1963

42 | Plantas do Sector do hotel e últimos dois pisos da Torre | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1963

Legenda: P18: Piso-tipo do Hotel | P22: Cozinha | P23: Restaurante | P24: Sala de estar e Bar |

P25: Terraço panorâmico | P26: "Deck" panorâmico

quartos do Hotel, apesar de não oferecer flexibilidade no seu programa, apresenta várias formas para a organização em planta dos quartos. Com cerca de 500 m² de área, cada piso apresenta 14 quartos, casa de banho privativa para cada um, e uma copa ligada à cozinha (que se situa num dos últimos pisos) por um “monta-cargas”.

Além do piso de entrada, comum aos dois sectores, é projectado um piso, em “cave”, com lavandaria e instalações próprias de suporte ao Hotel, funcionando também como entrada de serviço. A “cave” avança para a área do Centro Comercial, contemplando um acesso por uma das plataformas. O Hotel tem mais três pisos, no nível superior, com programa associado à restauração: cozinha num deles e o restaurante/bar que se desdobra em dois pisos, estes com ligação privada.

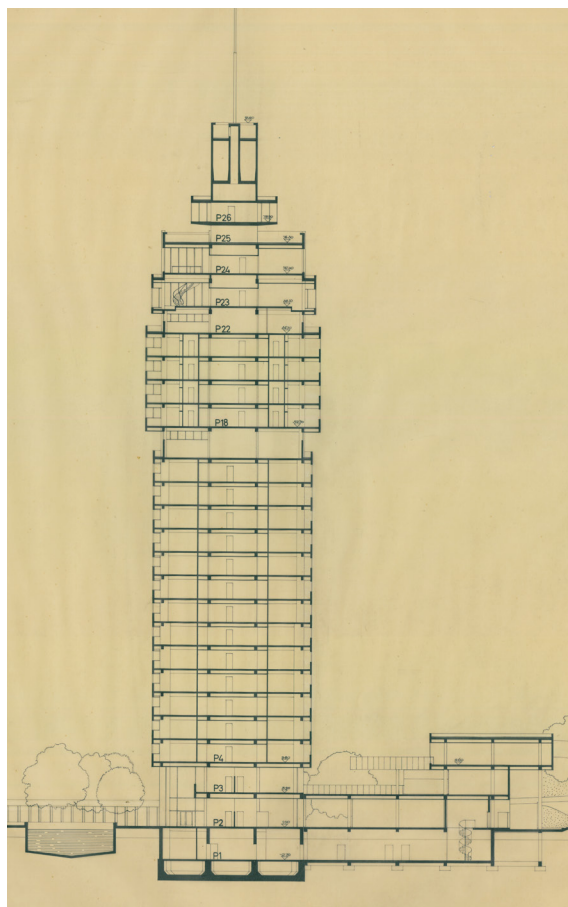
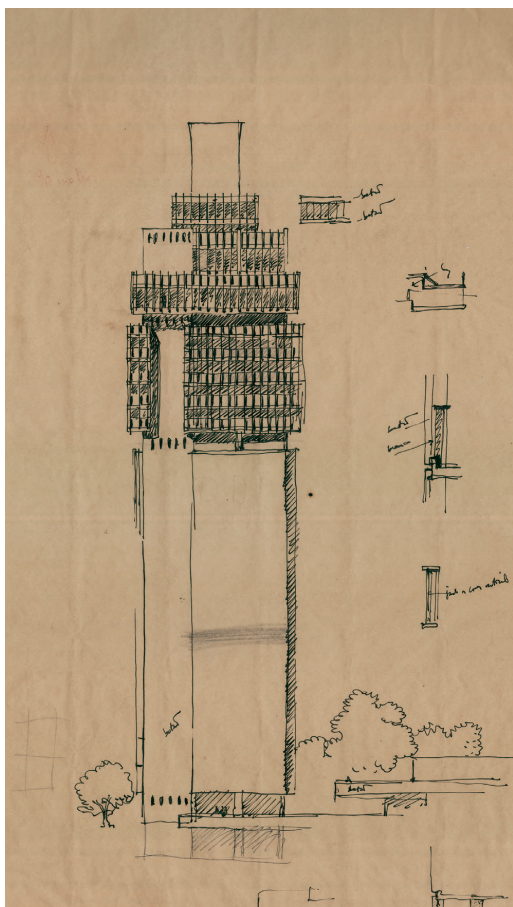
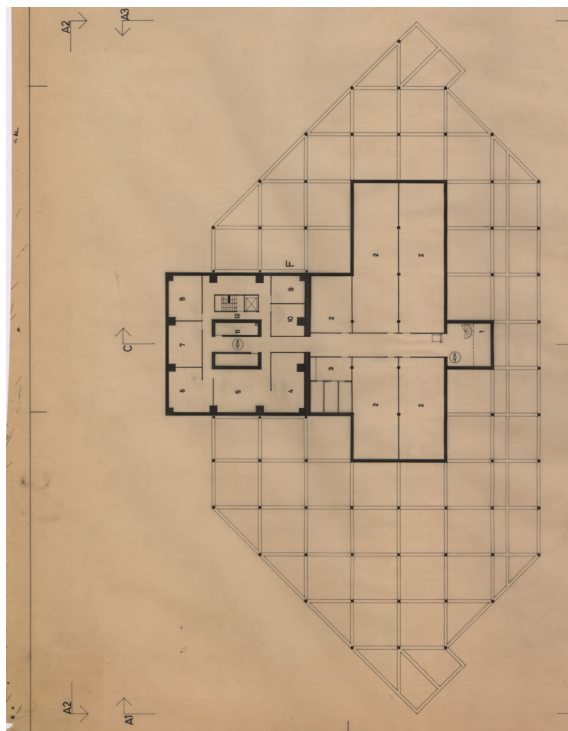
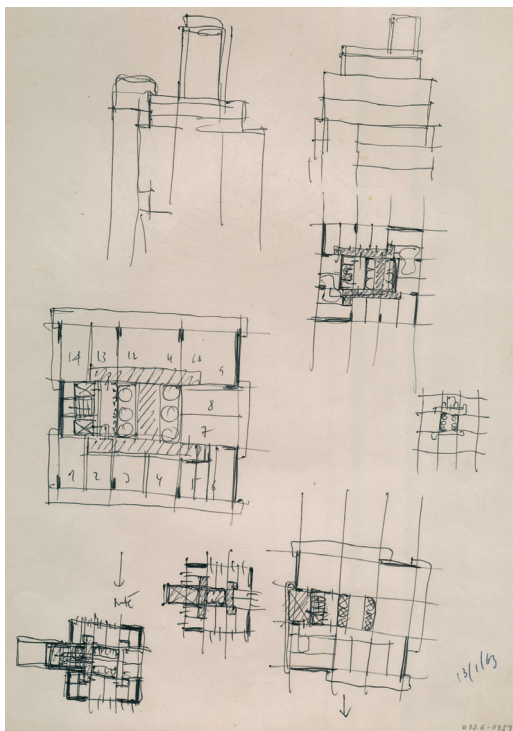
Os últimos dois pisos da Torre, no nível superior, são provavelmente os espaços mais interessantes do edifício. Sem se saber ao certo se é possível o acesso ao público em geral, estes dois pisos permitem contemplar a cidade de Aveiro de uma perspectiva que mais nenhum edifício pode oferecer. Para Távora, estes dois pisos “*são locais panorâmicos, indispensáveis num edifício desta natureza e situado neste lugar.*”(1963, p.14). Provavelmente, os dois últimos pisos não são para o Hotel mas para qualquer visitante.

Aspectos formais

Segundo Távora (1963), de todos os elementos propostos no plano de pormenor, a Torre é o elemento mais problemático, ao nível da definição arquitectónica, mas também construtiva. Esses problemas prendem-se com a relação de escala com a cidade, particularmente com a horizontalidade do seu canal. Além disso, falamos de uma torre com 90 metros de altura que faz frente a edifícios que não têm mais de 20 m de altura.

Assim, o desenho da Torre, quer em planta, quer em corte e alçado, sofre bastantes alterações ao longo do seu processo de projecto. É interessante verificar que embora a Torre se desenvolva a partir de uma ideia tão clara em planta – um quadrado – monotonia é o que ela não apresenta. Percebe-se a intenção de Távora em quebrar a ideia de simetria em planta: a planta do edifício só é simétrica estruturalmente. Os alçados da Torre

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
 Das influências teóricas às referências práticas



43 | Esquissos da Torre| Arranjo da Zona Central de Aveiro| 1963

44 | P1: Planta da “Cave” do Hotel| Arranjo da Zona Central de Aveiro| 1963

45 | Esquisso de Alçado da Torre| Arranjo da Zona Central de Aveiro| Sem data

46 | Corte transversal pela Torre e Centro Comercial| Arranjo da Zona Central de Aveiro| 1963

apresentam algumas variações que contribuem para deixar definitivamente para trás a ideia de simetria.

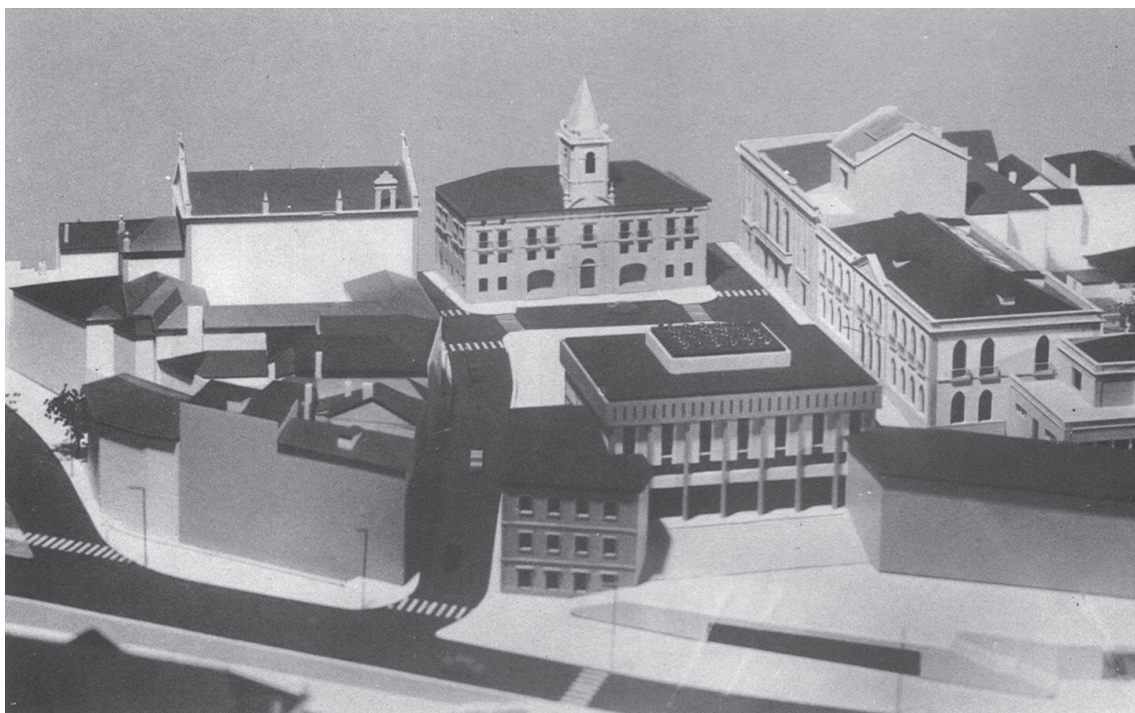
Numa analogia a uma coluna clássica, é possível dizer que a Torre apresenta formalmente: uma base (pisos de entrada); um “fuste”(pisos dos escritórios e do hotel) interrompido por um piso estrutural; e um capitel, através de dois pisos panorâmicos e do remate da “torre dos ascensores”. Os pisos dos escritórios e do Hotel não se apresentam coincidentes ao nível do contorno exterior do volume. Os 4 pisos do Hotel, fruto da relação forma-função presente na concepção da Torre, são mais salientes em relação aos pisos dos escritórios. Esta saliência volumétrica, que se sente na parte superior da Torre, lembra um pouco as torres medievais, cuja parte superior, na maior parte dos casos, tende a ter mais volume. A correcta disposição proporcional de todos os elementos faz com que a Torre não mostre monotonia, mas sim um dinamismo vertical assinalável.

O volume da Torre é constituído por 12 pilares (o dos cantos de secção quadrangular e os intermédios de secção rectangular) e por “*quatro paredes verticais, fechadas, [que] são os elementos que travam em altura as variações que, por efeito do arranjo interior, o edifício vai sofrendo*” (Távora, 1963, p.16). Os panos verticais opacos situam-se em cada canto da planta, funcionando também como prolongamento dos pilares em relação à fachada do edifício. Os panos verticais opacos definem os limites do volume, com as fachadas permeáveis a avançarem em relação ao edifício. As fachadas permeáveis mostram o que se passa no interior, ou noutra perspectiva, permitem uma relação visual constante das pessoas com a envolvente.

Um elemento da Torre crucial para o enriquecimento do seu perfil é o volume dos elevadores. Segundo Távora: “*A torre dos ascensores, peça fundamental na estrutura e na vida interna do edifício, perfurando-o em toda a sua altura, remata e enriquece o seu perfil.*” (1963, p.18)

Nem a Torre, nem o Centro Comercial passaram do papel. Razões económicas e algum cepticismo em relação à edificação de um edifício tão contrastante com a horizontalidade do território fizeram com que se perdesse uma das propostas mais importantes e simbólicas deste arranjo urbanístico.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



47 | Planta da proposta | Localização da Praça da República | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1964

48 | Maqueta | Praça da República e *Edifício Municipal* | Arranjo da Zona Central de Aveiro | Sem data

3.4| Requalificação da Praça da República

À data, este quarteirão tinha como limites: a Norte, um conjunto de edifícios-Caixa Geral de Depósitos, edifícios da responsabilidade da Empresa de Pesca de Aveiro, da Companhia Aveirense de Moagens e do Banco Regional de Aveiro; a Este, um edifício escolar/Liceu; a Oeste, a Rua de Coimbra (onde, entre outros, estavam construídos a antiga Escola Industrial e Comercial de Aveiro e a Igreja da Misericórdia); e, a Sul, o edifício principal da Câmara Municipal de Aveiro, ainda hoje existente. No centro deste quarteirão localizava-se a Praça da República, que se pretendia elemento distribuidor e de passagem entre todos os sectores desta área da cidade.

Távora começa por propor uma demolição quase total dos edifícios localizados a norte do quarteirão. Na análise dos esboços do projecto verifica-se uma primeira abordagem em que se mantém o edifício da Caixa Geral e também o do Banco Regional. No entanto, no projecto final, estes edifícios sofrem algumas modificações. Porque a Caixa Geral decide que quer um edifício maior, no projecto final o edifício existente acaba por se demolir para dar lugar a um novo, com maior área de implantação. Já o edifício do Banco Regional, por se encontrar em bom estado de conservação, mantém-se. Távora projecta, ainda, uma extensão do banco que se relaciona com o edifício principal do conjunto, o *Edifício Municipal*.

A solução adoptada para o novo desenho do quarteirão evidencia, particularmente em relação aos novos edifícios, além dos condicionamentos urbanísticos relacionados com a diferença de cotas e a materialização do *Edifício Municipal*, alguns condicionamentos “*de ordem económica, no sentido de se obter uma solução que fosse facilmente realizável, através de negociações com as principais partes interessadas*” (Távora, 1963, p.10).

Como a demolição de edifícios existentes no quarteirão e a criação de novos edifícios não trazem à Câmara Municipal quaisquer retornos financeiros imediatos, Távora propõe uma frente comercial à cota de uma das ruas principais do canal e um outro edifício com 5 pisos (também com programa em parte comercial), de forma a que esse retorno seja possível. Percebe-se, nestas propostas, que Távora não se restringe apenas às questões arquitectónicas para a definição deste área mas também leva em consideração as



49 | Implantação de conjunto | Praça da República | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1963
Legenda: A: Caixa Geral de Depósitos | B: Escritórios e Comércio | C: Edifício Comercial |
D: *Edifício Municipal* (Piso de Entrada) | E: Extensão do Banco Regional de Aveiro

várias questões económicas inerentes.

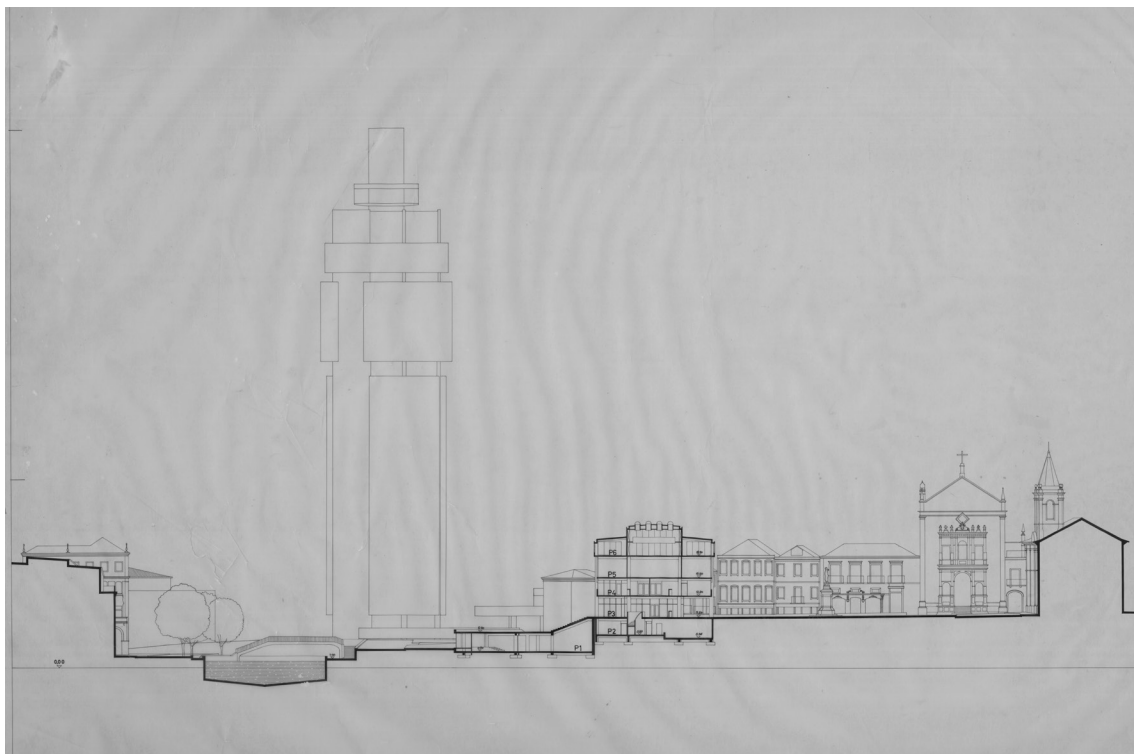
E é tendo em conta todos esses condicionamentos que Távora projecta o conjunto de edifícios para o quarteirão da Praça da República: um novo edifício da Caixa Geral de Depósitos (A), um edifício que alberga escritórios e comércio (B), um prolongamento do edifício do Banco Regional (E), uma frente comercial com cobertura acessível (C) e o *Edifício Municipal* (D).

Todos estes edifícios são pensados em conjunto, de tal modo que formam um novo núcleo urbano que funciona como transição entre duas cotas importantes da zona central - Praça e Canal Central. Ao mesmo tempo, com os programas que apresenta, este núcleo urbano funciona como um espaço lúdico e de serviço público. E o facto de as construções estarem todas interligadas faz com que cada edifício se transcenda e se valorize individualmente. Provavelmente, à excepção do *Edifício Municipal*, todos os outros edifícios, num outro local e com outras relações urbanas, não teriam o mesmo impacto.

Como já anteriormente referido, a diferença de cotas entre a Praça da República e o sistema viário em redor do Canal Central é notória e contrasta com o perfil de implantação da cidade que é, de forma geral, plano. Neste sentido, e respeitando a premissa do Plano Director de abrir a Praça da República ao Canal, parece evidente que uma das primeiras abordagens de Távora é no sentido de clarificar, numa primeira fase, a relação da Praça com a rua do Canal e, depois, o tratamento das ligações com a cota superior. Para isso, projecta uma frente comercial (C) virada para o canal. Aqui, mais do que fixar um programa específico, trata-se de propor um espaço de cariz comercial em que o seu programa fica ao critério da Câmara Municipal. No entanto, formalmente, esta frente comercial é definida totalmente por Távora, nomeadamente no que toca a sua cobertura acessível: “*A sua cobertura constitui um prolongamento da actual Praça da República, através da passagem sob o edifício D [Edifício Municipal], e vencidos os degraus que ligam as duas cotas respectivas.*” (Távora, 1963, p.12).

São estrategicamente colocadas duas escadas nos extremos da frente comercial (C) com relação directa ao passeio público, ligando as plataformas que prolongam a praça até ao canal. Os volumes das escadas são revestidos com painéis decorativos com

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



0 10 20 M



50 | Perfil pelo Canal Central, frente comercial, *Edifício Municipal* e Praça da República | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1963

51 | Plataforma da frente comercial (C) entre o *Edifício Municipal* e o Canal Central | 2015

materiais da região e com imagens elucidativas das vivências da população aveirense. Távora adapta uma antiga fonte pública, junto de um dos volumes das escadas.

A intenção de prolongar a Praça para o Canal é reforçada com o alargamento do passeio junto dos acessos à cobertura da frente comercial (C). A marcação destes dois momentos de transição, com zonas largas de paragem e estar, vai no sentido das propostas já analisadas para os percursos pedonais em redor do canal, de valorização do espaço público do centro de Aveiro.

Quanto aos dois edifícios construídos à cota do canal, o edifício da Caixa Geral de Depósitos (A) recua em relação ao existente, apresentando-se com quatro pisos. A escolha deste número de pisos garante que o segundo piso fica à cota da cobertura da frente comercial (C), que funciona como uma plataforma de transição para a Praça da República. Com os restantes dois pisos, o edifício A apresenta cerca de doze metros de altura, o que nos parece essencial para a criação de uma harmonia de escalas entre o *Edifício Municipal* e o edifício do Banco Regional.

O edifício que faz a extensão do Banco Regional (E) apresenta-se, formalmente, de forma condizente com o edifício existente: “*No seu aspecto exterior entende-se que o edifício E [Extensão do Banco Regional] deverá seguir a traça do edifício de que é complemento, constituindo ambos um todo que nada aconselha seja diferenciado exteriormente.*” (Távora, 1963, p.14). Pela proximidade entre edifícios, Távora faz um exercício de articulação entre o edifício E e o *Edifício Municipal* projectado; exercício este que envolve uma sobreposição dos dois edifícios.

Entre o edifício da Caixa Geral de Depósitos (A) e o *Edifício Municipal* (D) Távora desenha um edifício de escritórios e comércio (B), que tem, pensamos, dois objectivos principais. Por um lado o de aglutinar o conjunto e, por outro lado, fazer a transição de escala para o edifício chave na organização do conjunto urbano do novo centro de Aveiro. Távora propõe que o edifício B tenha cinco pisos, à semelhança do edifício A.

Para além do papel determinante na composição e organização formal, o edifício B inclui à cota da plataforma da frente comercial (C) um piso com programa comercial, com o objectivo de “*criar-se nesta zona um fulcro de interesse e de movimento que de outro modo não existirá.*” (Távora, 1963, p.12)

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



52 | *Edifício Municipal* | Vista sobre fachada Sul | 2015

53 | *Edifício Municipal* | Vista sobre fachada Norte | 2015

Nos dias de hoje, o movimento da plataforma (fig. 51) não é, nem de perto nem de longe, o esperado, porque o edifício B já não existe e foi substituído por outro. No entanto, a plataforma cumpre o objectivo que Távora teria desejado. Além de ser um espaço que continua a ajudar na transição das pessoas entre a Praça da República e o interior da cidade, acaba por ser um excelente miradouro sobre o Canal Central e outros núcleos importantes da zona central, como a praça Dr. Joaquim de Freitas.

Edifício Municipal

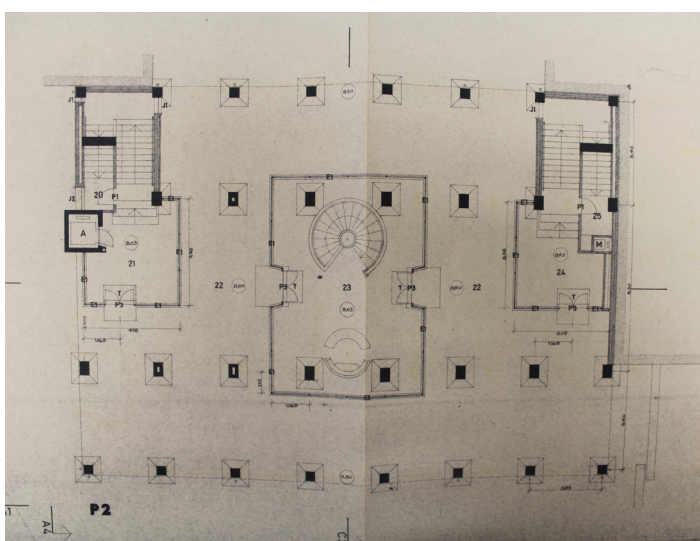
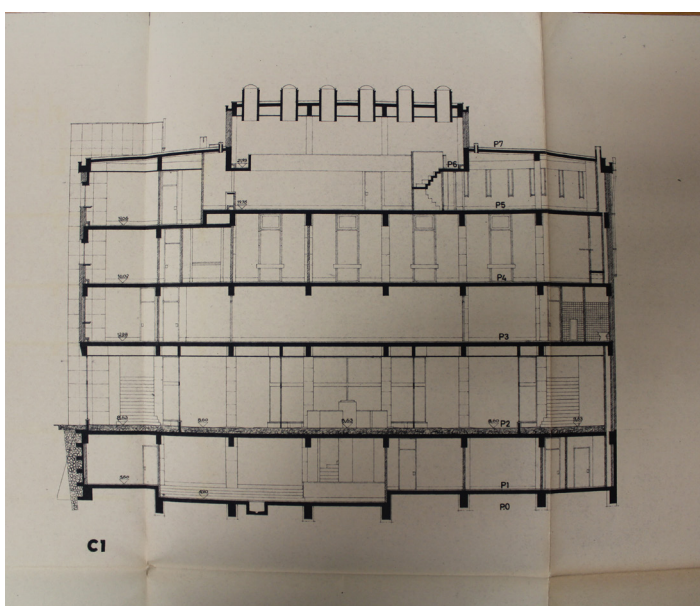
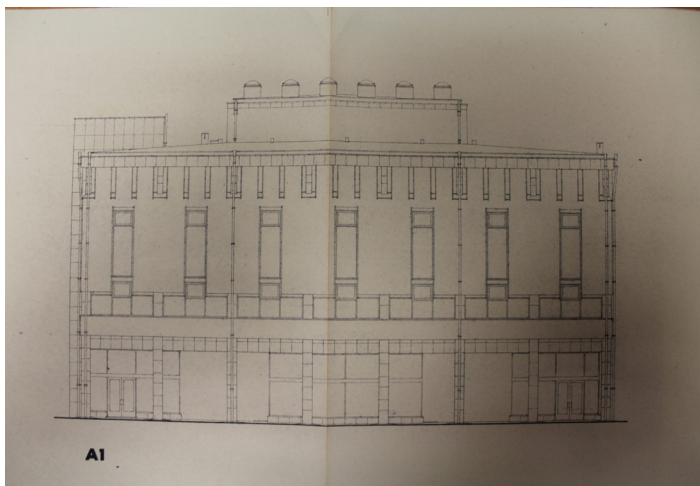
O edifício mais importante do projecto de requalificação da Praça da República acaba por ser o único que, no Plano de Auzelle, não tem prevista a sua edificação neste local. O *Edifício Municipal* pretende resolver questões de ordem urbana e programática. Por ser um edifício vazado à cota da Praça da República, a sua construção no centro da intervenção “*permite, aliás, uma melhor e mais clara definição do espaço actual, sobretudo no que se refere às duas fugas nascente e poente que de momento se apresentam desordenadas.*” (Távora, 1963, p.12)

Por outro lado, este edifício responde à necessidade da Câmara Municipal em ter um edifício que albergue um conjunto de serviços públicos. Daí se chamar, numa primeira fase, de *Edifício Municipal*. Desta forma se compreende também a escolha deste local para o edifício que, assim, fica na mesma Praça do edifício principal da Câmara Municipal. Os serviços que este edifício alberga são: Turismo; Secção de Finanças e Tesouraria da Fazenda Pública; Serviços Culturais e a Biblioteca do Município.

Devido a esta variedade programática, mas também devido à diferença de cotas entre a Praça da República e as ruas inferiores, o edifício organiza-se em cinco pisos, um dos quais, o primeiro, funciona em “cave” e tem relação directa com a Rua de Coimbra. O acesso principal ao edifício é feito pela Praça da República e o acesso secundário pela Rua de Coimbra. Através de uma escadaria que acompanha a fachada norte do edifício é possível transitar para o canal central sem se ter de utilizar qualquer dos arruamentos adjacentes à Praça da República.

O *Edifício Municipal* apresenta quatro pisos acima da cota da Praça da República

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



- 54 | Alçado Sul | *Edifício Municipal* | 1964
55 | Corte longitudinal | *Edifício Municipal* | 1964
56 | Planta Piso 2 (Entrada) | *Edifício Municipal* | 1964



por forma a evidenciar uma cêrcea ao nível do edifício da Câmara. O piso de entrada do *Edifício Municipal* forma uma galeria porticada para a Praça da República mas fecha parcialmente do lado do canal. São intenções urbanas, de valorização da Praça da República, que asseguram uma inserção harmoniosa de todos os edifícios propostos com os existentes do quarteirão.

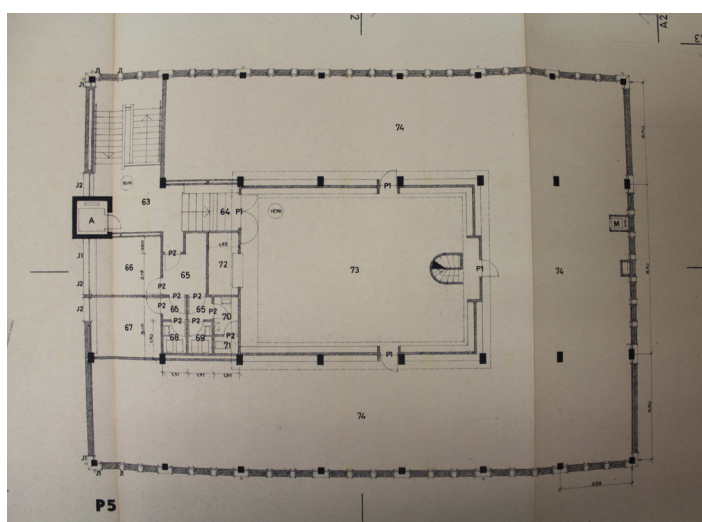
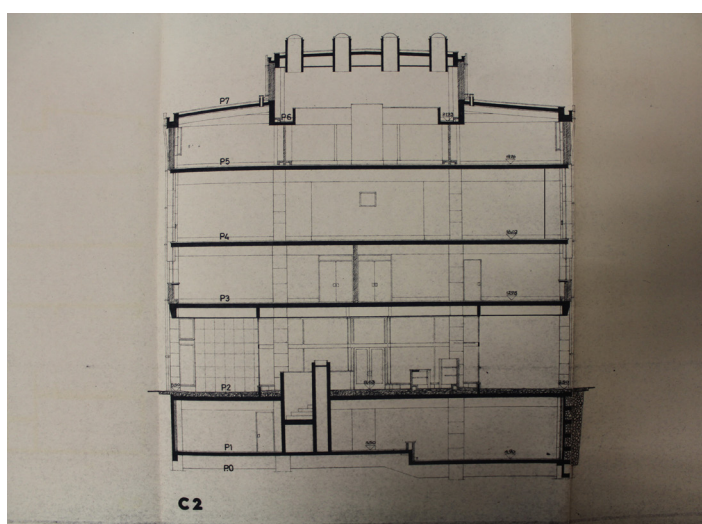
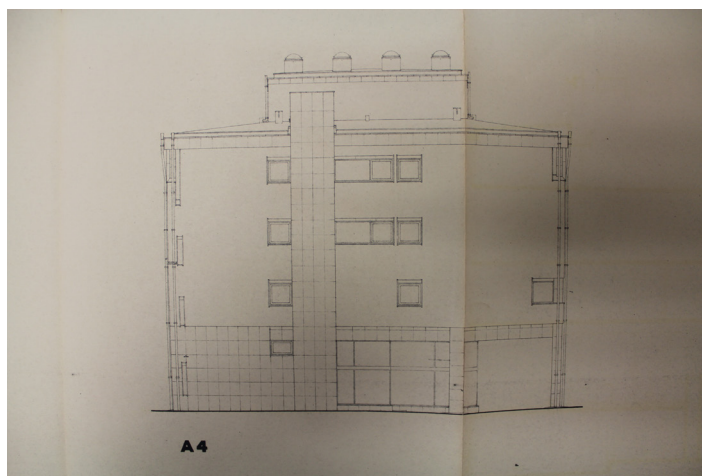
As ligações entre os vários pisos do *Edifício Municipal* são garantidas pelo seguinte sistema de acessos: duas escadas principais dispostas nas laterais do edifício, uma escada circular que une a cave ao piso de entrada, e um ascensor, situado na lateral esquerda do edifício. Este ascensor é peça importante na leitura exterior do edifício, visto que é o único elemento que é saliente em relação à planta base do edifício (rectangular). Tal como no projecto da Torre, em que Távora assume formalmente o volume de acessos no perfil do seu alçado, no *Edifício Municipal* este elemento vertical, embora sem a mesma relevância, é também assumido no seu exterior; faz parte da composição de uma das suas fachadas laterais.

O primeiro piso (cave) tem como programa: uma sala de exposições, o gabinete do Director, um arquivo, instalações sanitárias e uma “arrecadação”. Este espaço é, também, destinado ao depósito das bicicletas dos funcionários do edifício. É notório o cuidado de Távora em projectar espaços de extrema utilidade para os trabalhadores, mais ainda quando se analisa as propostas de acessos pedonais para a área central da cidade.

O sistema de acessos pedonais propostos para a cidade privilegia o peão, com percursos e espaços exclusivos deste. Um desses espaços é, já referido anteriormente, uma pista para velocípedes. Tendo isto em consideração, e também pelo facto de os estacionamento de automóveis estarem um pouco afastados da Praça da República, este espaço para depósito de bicicletas dentro do edifício pretende levar os funcionários a adoptar este tipo de transporte, levando assim a uma redução do tráfego automóvel nesta área.

O segundo piso marca a entrada principal do edifício. Este piso é, quase na totalidade, permeável em relação à Praça da República e às plataformas de acesso ao canal. Os únicos elementos que contrariam esta ideia são os pilares sobre o qual o edifício está assente, que fazem a sua estrutura principal, mas também os dois cantos mais a

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



- 57 | Alçado lateral (oeste) | *Edifício Municipal* | 1964
- 58 | Corte transversal | *Edifício Municipal* | 1964
- 59 | Planta Piso 5 (Biblioteca) | *Edifício Municipal* | 1964

norte que, pela inclusão dos acessos por escadas e ascensor, assumem a parte da fachada opaca. No centro do volume, Távora projecta um pequeno espaço, envidraçado em todo o perímetro, que se pretende multifacetado e que “*acumula as funções de recepção, informação e estar.*” (Távora, 1964, p.2). Este espaço contém ainda uma escada circular que comunica com o piso inferior.

Ao nível programático, estes dois pisos comportam as repartições do Turismo. A disposição destes serviços, nestes dois pisos de ligação directa com espaços públicos (praça e rua), resulta de uma ideia comum à plataforma de transição entre o *Edifício Municipal* e o canal, de gerar movimento pedonal e vida urbana. Com a permeabilidade que o segundo piso apresenta, não só as relações de percurso entre os espaços públicos são valorizados, como também são fomentadas as relações visuais entre o Canal Central e a Praça da República.

No terceiro piso localiza-se a Secção de Finanças e a Tesouraria da Fazenda Pública. Além dos acessos laterais para o público, este piso é fundamentalmente organizado com grandes salas e gabinetes, bem como os respectivos vestiários e instalações sanitárias. Destaque ainda para uma sala de espera e uma zona com balcão, destinada ao público.

O quarto piso, onde se localizam os serviços Culturais, oferece, em simultâneo, variações programáticas e formais. Em termos de programa fixo, apresenta dois gabinetes, um para a Secretaria, outro para o Director, com as respectivas instalações de apoio. Távora projecta ainda um espaço amplo, apenas com a marcação dos pilares, em que o programa não é previamente determinado. O espaço e o programa desta área pode ser organizado, a posteriori, pelos funcionários, que podem manter ou não a sua organização base.

No último piso, é projectada a Biblioteca Municipal, que se organiza da seguinte forma: “*Ao centro a sala de leitura, com galeria e iluminação superior, envolvida por três dos seus lados pelo depósito de livros (cerca de 90.000 volumes).*” (Távora, 1964, p.2). Além das necessárias divisões de apoio, esta Biblioteca tem ainda uma divisão que comunica com o piso em cave, através de um monta-cargas que ajuda a levar os livros de um piso para o outro de forma expedita.

Sobre a cobertura do edifício, Távora pretende que este local possa ter várias



60 | Pormenor da Fachada Sul (Virada para Praça da República) | *Edifício Municipal* | 2015

funções. Por um lado, pode ser um “*recinto de exposições de escultura ao ar livre, integrado numa zona verde.*” (Távora, 1959, p.4), mas também uma zona que sirva de “*prolongamento às zonas turística e cultural. Assim os turistas poderão deliciar-se perante a bela panorâmica que lhes proporciona a linda Veneza de Portugal, com os seus canais sinuosos que mais parecem querer abraçar aquela vasta planície.*” (Távora, 1959, p.3). Em princípio, esta intenção de Távora, não foi levada à prática. Actualmente o acesso à cobertura do edifício não é possível.

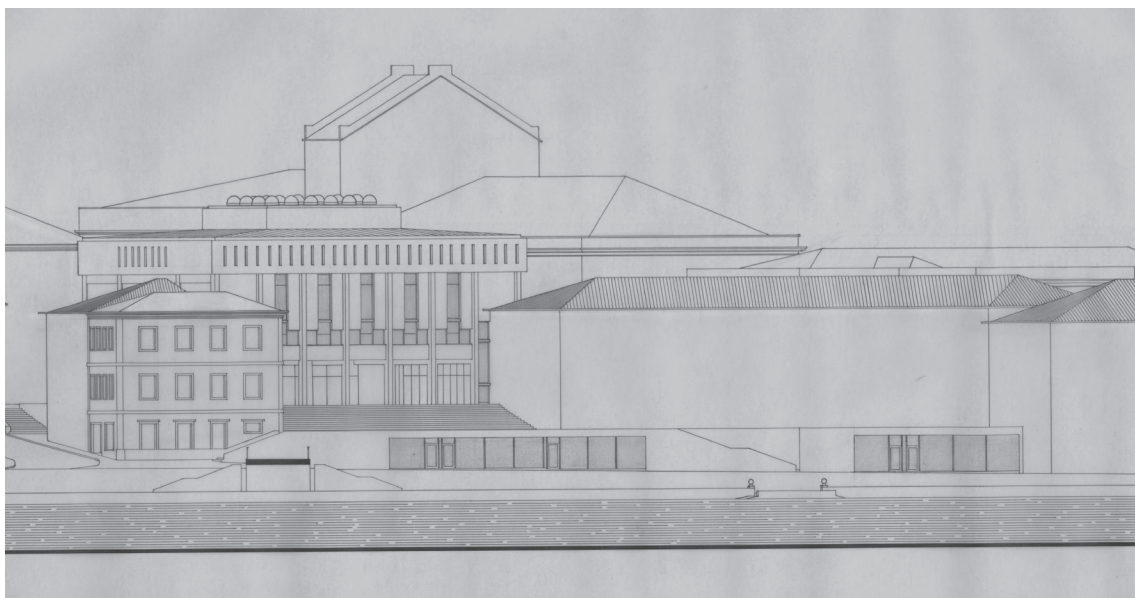
A estrutura principal do edifício é constituída por um sistema em betão armado (pilares, vigas e lajes). O “grosso” das fachadas exteriores são paredes estucadas, em que a cor aplicada é uma cor rosa. Os pilares, no exterior, são revestidos com placas de calcário (aplicadas segundo uma cuidada estereotomia), bem como a fachada do segundo piso, ascensor e cornija.

Em relação aos pavimentos, Távora propõe a utilização do vidro, nas zonas de maior movimento do edifício, onde se permite a passagem do público, “*de um modo geral em superfícies horizontais sujeitas, pela sua utilização ou pelo efeito do tempo, a um maior desgaste.*” (Távora, 1964, p.3). Uma das excepções a este material é o piso da biblioteca, em que o material escolhido para o seu pavimento é o linóleo. Em relação ao tratamento dos vãos do edifício, a proposta passa pela utilização de caixilhos exteriores em alumínio anodizado e as portas e caixilhos interiores em madeira.

Em cada piso do *Edifício Municipal* nota-se a preocupação de Távora em que a organização espacial não “atrapalhe” a composição exterior das fachadas do edifício. Távora vai mais longe e afirma que esse cuidado é importante no “*espírito geral do edifício a que se pretendeu dar uma certa presença, enquadrando-o, paralelamente, no clima geral dos edifícios e espaços existentes.*” (Távora, 1963, p.13).

As fachadas do edifício, particularmente as fachadas norte e sul, apresentam, ao nível dos vãos, um controlo da iluminação natural bastante interessante. Funciona quase como um “degradê” de rasgos de piso para piso. Se o segundo piso é praticamente vazado ao nível da fachada (só apresenta os pilares), o terceiro e quarto pisos apresentam rasgos em forma de “T” invertido na fachada. Já no último piso, o da biblioteca, porque este espaço exige um maior cuidado na apropriação da luz solar, podemos ver finos rasgos

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



61 | Alçado Norte do conjunto urbano da Praça da República| Arranjo da Zona Central de Aveiro| 1963

62 | Vista lateral sobre o *Edifício Municipal*| 2015

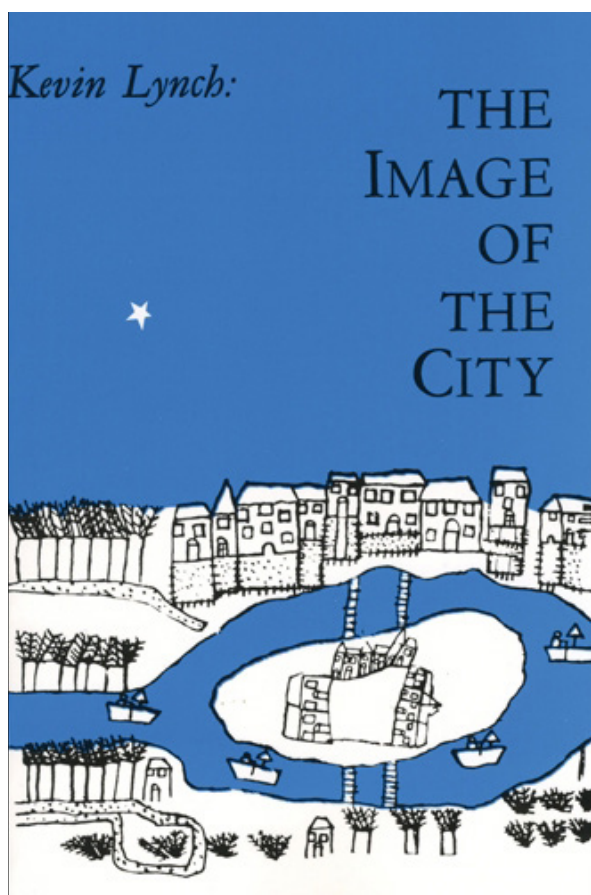
verticais, repetidos por todo o comprimento das fachadas Norte e Sul, num ritmo de quatro vãos entre pilares.

Numa análise da fig. 61, é possível verificar que a forma global do *Edifício Municipal* se alterou numa fase desenvolvida do projecto. Antes de assumir a forma final, o *Edifício Municipal* era marcado pelos pilares, prolongados até ao piso da biblioteca; marcado pela ausência da cornija e pela ausência de marcação exterior do volume dos ascensores, numa das fachadas laterais. Num olhar sobre a forma global final do *Edifício Municipal*, podemos observar que as fachadas laterais não seguem a mesma composição das fachadas principais; contudo, o desenho dos alçados laterais, embora tratados com um carácter secundário, não põem em causa a composição geral do edifício que é pensado como uma unidade, confirmada pelo desenho contínuo da cornija. Numa das fachadas laterais, a “torre” dos ascensores aparece marcada nos alçados, com um volume saliente, cuja composição da estereotomia é cuidadosamente desenhada.

Ao contrário do edifício-torre, o *Edifício Municipal* passou do papel e foi construído. Alguns dos serviços que actualmente apresenta não correspondem aos propostos na década de 60. Mantém a biblioteca no último piso e alguns dos serviços relacionados com o turismo, mas não o programa do piso de entrada. Pelo contrário, ao nível da Praça da República, a ideia de transparência é subvertida pela introdução de novos espaços que praticamente encerram este piso.

O *Edifício Municipal* tornou-se num dos edifícios públicos mais conhecidos da cidade, pela sua arquitectura, presença urbana, imponência e funcionalidade. Actualmente o edifício é conhecido de “Edifício Fernando Távora”, como homenagem ao autor.

Globalmente, as propostas de requalificação de todo o quarteirão da Praça da República representam de forma inequívoca um dos objectivos da arquitectura, que é a organização do espaço. Neste caso, esta intervenção de conjunto visa organizar um espaço público sem qualidade, fora do seu tempo e, acima de tudo, sem a dignidade que uma das praças mais antigas da cidade merece. É uma intervenção que deixa marca, pela presença de um edifício singular, mas também pela suavidade que se gera nas transições urbanas entre os vários edifícios, pela harmonia que se cria entre modernidade e tradição e pela relação visual, que se retoma, entre o canal central e a Praça da República.



63 | Capa da 1ª edição do livro *The image of the city* | Kevin Lynch | 1960

4| Das Influências teóricas às influências práticas

4.1| Kevin Lynch

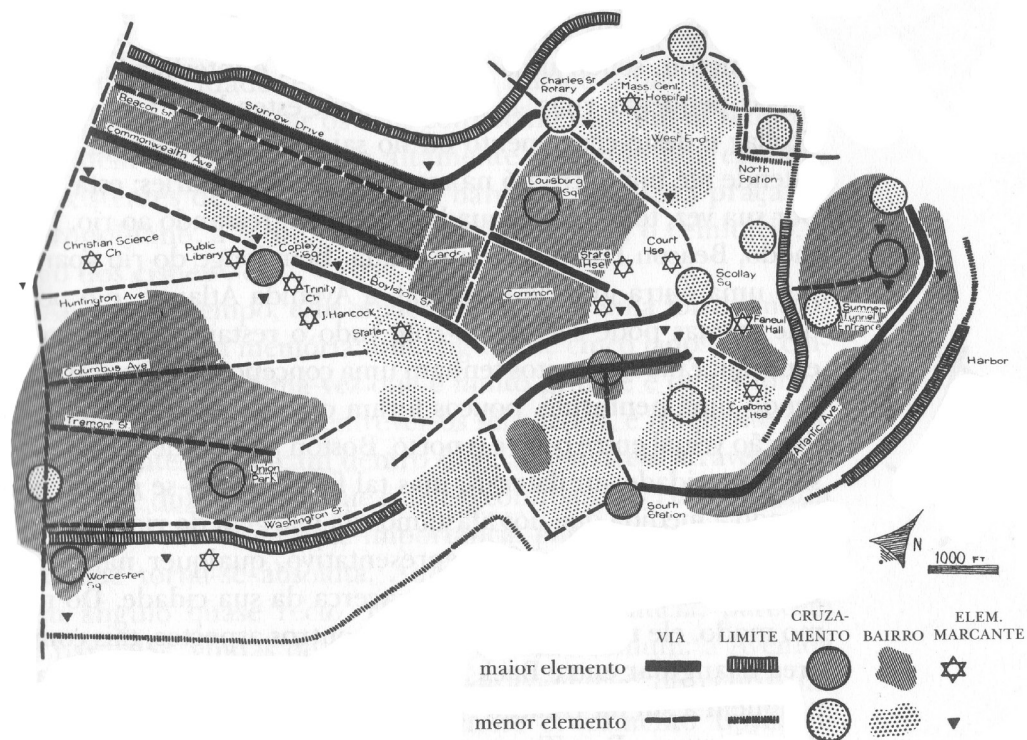
1960. Chega às bancas americanas o livro *The Image of the City* (A imagem da cidade) de Kevin Andrew Lynch.¹⁶ Esta obra, resultado de cinco anos de estudos e inquéritos intensos sobre três cidades americanas (Boston, New Jersey e Los Angeles) apresenta uma tentativa do autor em esboçar qual a *imagem mental* que os habitantes destas cidades tinham delas.

No estudo dos aspectos visuais da cidade americana, surgem alguns conceitos. O conceito de legibilidade: “*Com isto pretendemos designar a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente.*”(Lynch, 1960, p.10).

Uma cidade legível não é mais do que uma cidade cujos bairros (ou monumentos/edifícios marcantes), os seus limites e vias de circulação, são facilmente identificados e se integram de forma harmoniosa num esquema global de organização urbana. Numa cidade, a *legibilidade* é duplamente importante pois “*um meio ambiente característico e legível não proporciona apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana.*”(Lynch, 1960, p.12)

Lynch, um dos primeiros críticos da cidade do pós-guerra, insiste na ideia de *legibilidade* do espaço urbano, pela importância decisiva que esta assume na cidade, como factor básico de orientação. Nesse processo, é ainda importante a *imagem mental*, a representação generalizada do espaço exterior. A *imaginabilidade* que o Homem faz do lugar onde vive é produto de sensações imediatas e da memória de experiências. Só com essa memória é possível ao Homem organizar mentalmente o espaço e deslocar-se nele.

¹⁶ Kevin Andrew Lynch (1918-1984) foi um urbanista e escritor americano. Começa o seu percurso académico em arquitectura na Yale University (1935). Entre 1937-39 estuda em Taliesin (no atelier de Frank Lloyd Wright). Em 1947 forma-se em planeamento urbano e logo no ano seguinte começa a leccionar no MIT onde é docente durante mais de trinta anos. Em 1978, funda, juntamente com Stephen Carr, um atelier de design urbano. É autor de várias publicações relacionadas com o planeamento urbano, com destaque para *A imagem da Cidade* (1960) e *A boa forma da Cidade* (1981).



64 | Forma esquemática de Boston, como é observada no local | *A imagem da cidade* | 1960

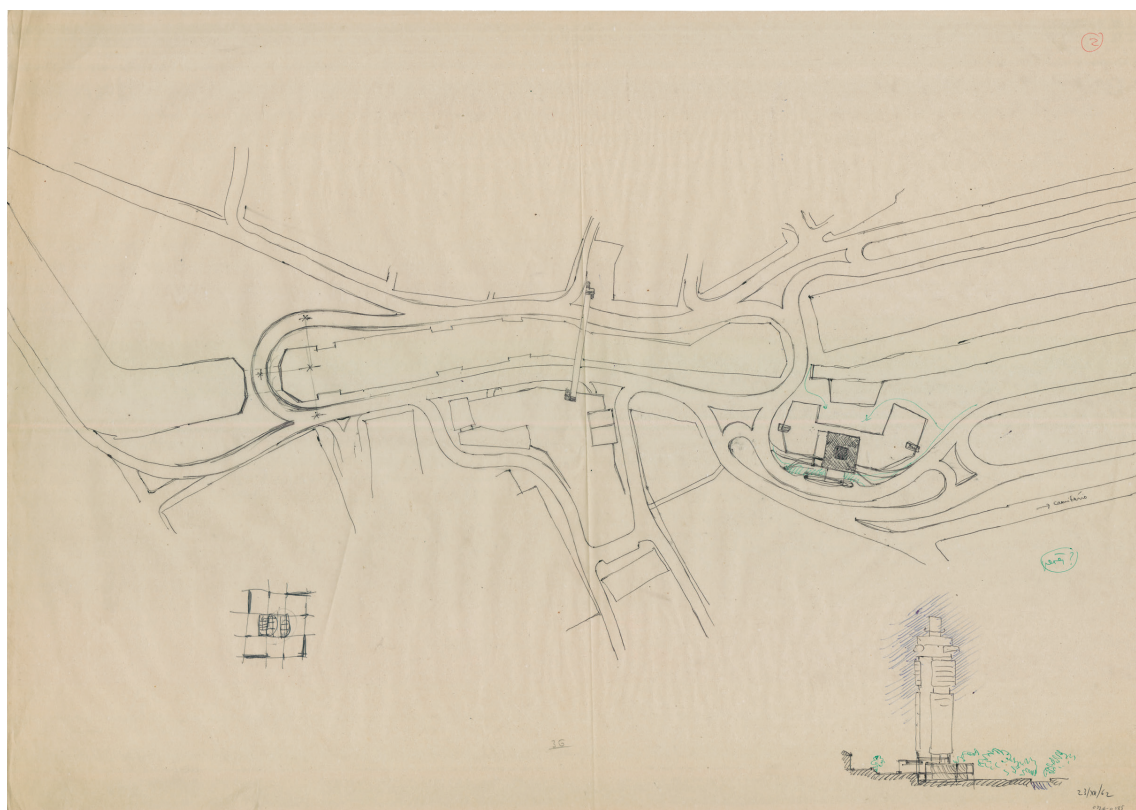
O mais importante não é fazer um estudo exaustivo sobre os casos concretos das três cidades: se as cidades em questão têm ou não uma leitura urbana clara; se a *imagem mental* que criam nos habitantes é difusa, ou até caótica; se estas têm ou não uma identidade territorial definida. O interesse em estudar Lynch, na presente dissertação, está na importância das intervenções específicas ao nível dos cinco elementos da cidade comuns aos espaços urbanos, que Lynch evoca no livro, (vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos de referência), elementos que podem garantir que exista familiaridade com o espaço em que vivemos.

A imagem de uma cidade apresenta-se difusa se as suas vias mais importantes são dificilmente identificáveis ou se estas se confundem com as vias secundárias. A ideia de continuidade é crucial para que uma via seja identificável; “*As pessoas estão, normalmente, dependentes desta qualidade. A exigência fundamental é que o actual percurso ou o lugar do pavimento continue, a continuidade de outras características é menos importante.*”(Lynch, 1960, p.57).

A ideia de continuidade é importante, mas também é necessário que os limites das vias sejam claros: “*Ruas com origens e fins claros e bem conhecidos tinham identidades mais fortes, ajudavam a manter a cidade como um todo e davam aos observadores a sensação de orientação, quando estes por elas passavam.*”(Lynch, 1960, p.59).

Os limites são elementos lineares que, em alguns casos, configuram quebras na continuidade do espaço urbano, e em outros casos, funcionam como elementos aglutinadores, marcando eixos ou direcções. Apresentam-se sobre a forma de vazios urbanos, viadutos, infraestruturas, muros, lagos, etc. Segundo Lynch (1960), os limites não devem ser impenetráveis; ainda assim, porque muitas vezes os limites são uma “costura de união”, é crucial que sejam dotados de visibilidade e continuidade.

Os elementos marcantes ou pontos de referência são elementos urbanos singulares que são variáveis em tamanho. Quanto mais diferenciados dos restantes edifícios de uma cidade, mais probabilidade existe de o observador identificar os elementos marcantes. Diz Lynch que “*No caso de terem uma forma, os elementos marcantes tornam-se, ainda, mais fáceis de identificar; isto verifica-se, igualmente, quando contrastam com o cenário de fundo ou se localizam espacialmente num local predominante.*”(Lynch, 1960, p.83).



65 | Esquissos| Planta de conjunto e Torre e Centro Comercial| Arranjo da Zona Central de Aveiro| 1962

Távora utiliza os conceitos e a metodologia utilizada em *A Imagem da Cidade*, para, assim, trazer à cidade de Aveiro a consolidação de uma *imagem mental* que se vem perdendo. É dada especial atenção, no Plano de Aveiro, a alguns dos elementos urbanos da cidade. De forma natural, Távora idealiza para o sistema duplo em redor do canal um circuito uniforme, identificável e contínuo. A ideia de continuidade é de extrema importância, sobretudo em relação às vias da cidade. Neste sentido, é projectado para o sistema em redor do canal central de Aveiro uma plataforma pedonal contínua com o mesmo tipo de pavimentação e com um perfil contínuo. Pretende-se, claramente, tornar estas vias únicas na cidade. Para tornar claros os limites das vias, uma das primeiras intervenções é decidir as localizações dos dois extremos do sistema rodoviário e pedonal do canal central.

Importa, assim, tornar estas vias únicas, com os extremos (duas pontes) marcantes, e proporcionar às pessoas uma experiência que possa ser memorizável. Em Aveiro, Távora aproveita a requalificação da Praça da República para, nas fachadas viradas para as vias principais, proceder ao “*emprego de materiais da região associados a painéis decorativos que elucidarão o visitante.*” (Távora, 1959, p.2)

Sobre a ideia dos limites visuais, de Lynch, no caso do centro de Aveiro, é imediata a relação da água com a cidade, mais ainda na sua área central. O canal da cidade, que atravessa o centro histórico, é, como já se disse, um eixo crucial no desenvolvimento do plano de Távora, mas é também um limite, ainda assim, não impossível de penetrar.

Távora procura unificar as duas margens do canal e alarga partes do percurso pedonal em seu redor. Alguns desses espaços são tão largos que funcionam como zonas de paragem. Na zona central, Távora projecta uma ponte pedonal que faz a ligação entre as duas margens. Tudo propostas que valorizam o canal, a sua visibilidade e continuidade.

Como já referido anteriormente, é projectada uma Torre, numa área em redor de um dos extremos do canal, muito perto do arranque da Avenida Central. Se numa primeira abordagem ao local se pode pensar em manter, formalmente, a escala do lugar, a intervenção mostra o contrário, indo ao encontro da reflexão de Lynch. As opções formais que se tomam em relação à Torre são o contraste absoluto em relação ao existente. Em contraste com a planície e a horizontalidade de Aveiro, a Torre introduz uma ideia de

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

verticalidade. Assim, a Torre pode ser claramente identificada de vários pontos da cidade e do território, não só pela sua escala, mas pelo seu carácter formal único e diferenciado.

O interesse está no modo como Távora trabalha e faz a interligação de todos os elementos arquitectónicos e urbanos do centro de Aveiro que, tratados de forma leviana e individual, em nada contribuem para a clarificação da “*imagem do meio ambiente à escala urbana.*”(Lynch, 1960, p.86)

A suavidade com que Távora intervêm em todos os pontos críticos do projecto mostra o seu foco na criação de uma nova *imagem mental* sobre a cidade. Cada elemento arquitectónico e urbano é pensado em relação com a envolvente próxima ou distante. A Torre é pensada como elemento referencial no território e na cidade, mas também na relação com o sistema viário do canal. Por sua vez, o *Edifício Municipal* é pensado em relação com a Praça da República e o canal, com a permeabilidade que o edifício apresenta a contribuir, também, para a criação de uma nova *imagem mental* sobre a cidade. Trata-se, pensamos, de uma intenção: unificar e cozer uma zona desordenada e com algumas barreiras para o dia-a-dia das pessoas. O conjunto é projectado do geral (território e cidade) para o particular (zona central de Aveiro) e não o inverso.

Podemos, assim, considerar que o Plano de Aveiro, de Fernando Távora, tem como um dos objectivos fundamentais a ideia de identidade do lugar. Todo o desenho do plano contém esta preocupação, visível na procura de *legibilidade* e caracterização de todos os elementos arquitectónicos e urbanos presentes na área de intervenção.



4.2| Veneza

“Assim os turistas poderão deliciar-se perante a bela panorâmica que lhes proporcionava a linda Veneza de Portugal, com os seus canais sinuosos que mais parecem querer abraçar aquela vasta planície.”¹⁷

Se no plano das ideias Kevin Lynch tem um papel importante no Plano de Aveiro, já no plano de projecto, Távora utiliza como uma referência directa a cidade de Veneza, em Itália. Nesta citação acima transcrita, sobre a relação visual entre a cobertura do *Edifício Municipal* e a cidade, é assumido por Távora que a organização morfológica de Aveiro é muito semelhante à de Veneza. Mais do que isso, subentende-se a ambição, por parte do arquitecto, em dotar o centro da cidade de Aveiro de uma organização urbana clara, própria da cidade de Veneza.

Num olhar sobre a cidade de Veneza, percebemos que o elemento dominante e organizador da sua morfologia é a água, o que também acontece com a cidade de Aveiro. Situada numa porção lagunar do nordeste de Itália, a cidade de Veneza apresenta, em planta, 177 canais que convergem entre si. O principal é o “Grande Canal” que penetra a cidade, a sul, e a percorre num “S” invertido de onde se distribuem todos os canais secundários.

Ao contrário de algumas cidades, a organização urbana de Veneza não sofre, ao longo da sua história, alterações de maior, nem em relação aos edifícios, nem em relação à estrutura urbana compacta moldada pelos vários canais.

A cidade apresenta dois núcleos: a praça de São Marcos, que começa por ser o centro político, situada a sul da cidade, na foz do “Grande Canal”; outro em Rialto, núcleo comercial da cidade. Estes dois núcleos inserem-se, então, numa rede de canais aquáticos que organiza a cidade, essenciais para o tráfego de mercadorias e pessoas. É uma rede que

¹⁷ Távora, F. (1959). *Memória Descritiva e Justificativa do Ante-Projecto*, pp. 3-4.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas



67 | Ponte de Rialto | Veneza | 1875

68 | Esquisso da Ponte Pedonal | Arranjo da Zona Central de Aveiro | Sem data

“penetra em toda a cidade, que é uma massa compacta, como as cidades orientais; nela se distinguem os centros secundários: as igrejas paroquiais e os espaços abertos (...)”
(Benevolo, 1983, p.285)

Além do interesse natural sobre uma cidade claramente organizada por um canal aquático (o que acontece também em Aveiro), parece que o mais importante para aplicar no plano de Aveiro é o estudo do desenho dos dois núcleos urbanos de Veneza e o entendimento sobre o modo como estes se relacionam com a malha da cidade e contribuem para a sua afirmação no território.

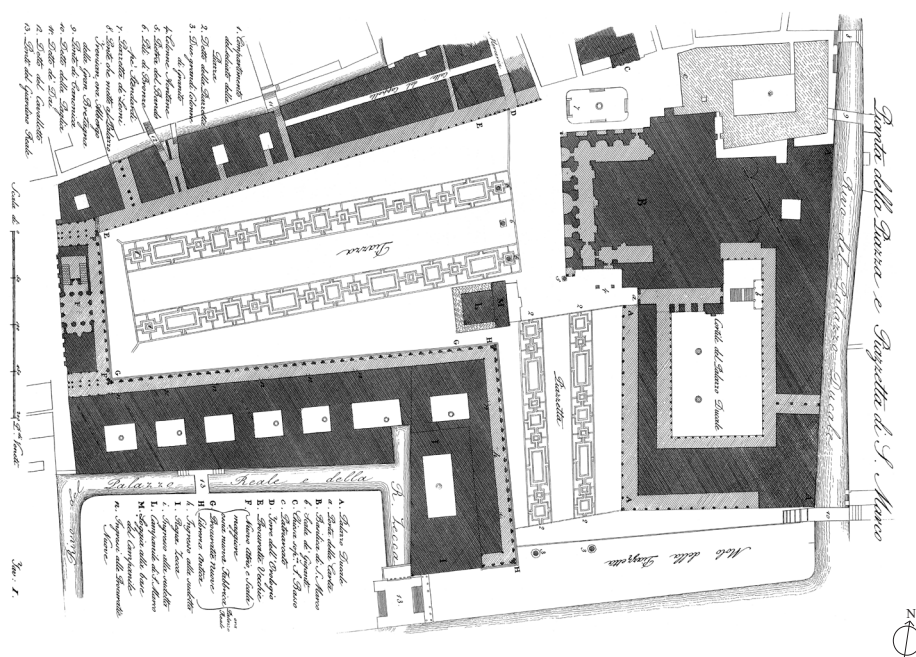
Até à década de 60, do século XX, o “Grande Canal” é atravessado por três pontes. A ponte de Rialto é a primeira ponte que se constrói, com o propósito de ligar dois distritos da cidade: San Marco e San Polo. Esta é uma ponte-monumento, ou seja, é mais do que uma simples estrutura para atravessamento pedonal. Inaugurada em 1591, é formada por duas rampas inclinadas, com lojas em cada lado, cobertas por um pórtico. Além de ligar duas praças cujo programa é predominantemente comercial, a ponte é ela própria um espaço de comércio.

No plano de Aveiro parece existir uma apropriação da organização urbana da cidade de Veneza. Em Aveiro, Távora depara-se com a necessidade de reestruturar as vias de atravessamento entre o Canal Central. E após clarificação dos limites do canal, o desenho da única ponte pedonal que o atravessa, não prejudica a sua leitura. Neste caso, a localização desta ponte é crucial porque une também dois espaços importantes da área central (Praça Dr Joaquim de Freitas e Praça da República), o que acontece também em Veneza.

As opções tomadas no plano de Aveiro reflectem o olhar do arquitecto sobre a intervenção da Ponte de Rialto, monumental em si mesma, mas suave na sua relação com a envolvente mais próxima e com a ideia de continuidade presente no “Grande Canal”.

A Praça de São Marcos encaixa-se no tecido urbano formando uma massa compacta que visava, aquando da sua construção, a defesa da cidade. Funciona como uma porta para o interior da cidade a quem se aproxima dela pelo “Grande Canal”. Tem a sua implantação localizada no início da penetração deste Canal em direcção à malha urbana. É a partir deste ponto que se fica com a sensação de que se vai entrar num espaço definido

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
 Das influências teóricas às referências práticas



69 | Planta da Praça de São Marcos| Veneza| 1831

70 | Vista sobre a Praça de São Marcos| Veneza | 1970

e claramente delimitado.

Esta Praça, aberta em relação ao canal, mas ligeiramente recuada em relação ao mesmo, é definida: a norte pela Antiga Procuradoria; a oeste pela Ala Napoleónica; a sul pela Nova Providência; e a este pelo Palácio Ducal e Basílica de São Marcos.

A entrada na Praça é feita pela “Piazzeta” (uma espécie de eixo-norte sul do conjunto) que liga o “Grande Canal” ao interior da Praça, marcada neste espaço pelo Campanário, torre com cerca de 100m de altura, cuja verticalidade se contrapõe à horizontalidade do conjunto.

É esta ideia que Távora desenvolve na concepção do conjunto dominado pela Torre de Escritórios e Hotel, em Aveiro, elemento considerado um dos mais importantes na renovação urbana do centro da cidade. Aqui não se trata de replicar o programa dos edifícios da Praça de São Marcos, particularmente do Campanário. Nem da apropriação do desenho e organização das fachadas. O interesse está na provável reflexão de Távora sobre a ideia do Campanário como elemento sobretudo de afirmação territorial (além do carácter simbólico inerente); no limite, a verticalidade deste elemento em contraponto à morfologia de Veneza, cidade plana, rodeada por água e com uma malha de edifícios muito densa. Este Campanário parece responder à necessidade de existir um elemento de referência, marcante e diferenciado na paisagem. Ideia crucial transportada para o Plano de Aveiro, por forma a garantir a afirmação territorial da cidade.



71 | Fernando Távora | Fotografias tiradas por Eduard Sekler, "Harvard, end of March 1960"

4.3| Viagem aos EUA (1960)

Após a recomendação do arquitecto Carlos Ramos, Távora candidata-se, em 1959, a uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian para a realização de uma viagem de estudo aos Estados Unidos da América. Esta viagem alarga-se posteriormente ao Japão, de modo a complementar um convite feito a Távora para a sua participação na World Design Conference de Tóquio, entre 11 e 16 de Maio de 1960, onde participam, entre outros, Louis Kahn e Peter e Alison Smithson.

Durante os quatro meses de viagem, Távora regista toda a sua actividade, impressões, observações, opiniões, em diário que o próprio designa de Diário de “bordo”¹⁸. Este registo não é feito só com a escrita, mas também com o desenho, que “*é mais uma forma de aproximação e análise que vai intercalando ao captar objectos que se destacam ou grandes perspectivas, mas que também pode ser interpolada no próprio discurso verbal, com pequenos esquemas que insere no correr da escrita.*” (Távora, 2012, p.14)

O interesse em estudar o conteúdo do Diário de “bordo”, no âmbito das influências do Plano de Aveiro, assenta em dois pontos essenciais.

O primeiro tem que ver com a data da viagem, realizada no espaço temporal que antecede o Plano de Aveiro, quase dois anos antes. Esse espaço temporal é demasiado curto para que não se tente estabelecer uma relação entre os dois, de modo a descobrir ideias “frescas” que podem ter sido aplicadas no Plano de Aveiro.

O segundo ponto essencial está relacionado com o propósito inicial da viagem aos EUA, a exploração dos sistemas de ensino da arquitectura e urbanismo nas universidades americanas. A viagem permite a Távora conhecer as cidades americanas e perceber quais as consequências urbanas da aplicação dos sistemas de planeamento. Távora estuda as organizações urbanas e sociais de várias cidades, mas também as metodologias de ensino, ao nível do urbanismo e da arquitectura. É uma consequência natural, decorrente “*das*

¹⁸ O Diário de “bordo” é uma compilação de reflexões e desenhos. Foi transcrito em 2012, obra coordenada por Álvaro Siza Vieira e editada por Rita Marnoto. Sobre a Viagem aos EUA e ao Japão, ver: Mesquita, A. (2007). *O melhor de dois mundos, A Viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960.*

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

suas funções como arquitecto e professor Assistente da E.S.B.A.P., desde 1958 e da sua actividade como profissional liberal ou a trabalhar para as Câmaras de Porto e Gaia, onde tinha estado ligado à área do urbanismo e do planeamento.”(Mesquita, 2007, p.49).

Távora visita cidades como New Haven, Boston, Cambridge, Chicago, S. Francisco, Washington, Filadélfia, Nova Iorque e Detroit. (Mesquita, 2007, p.42-43)

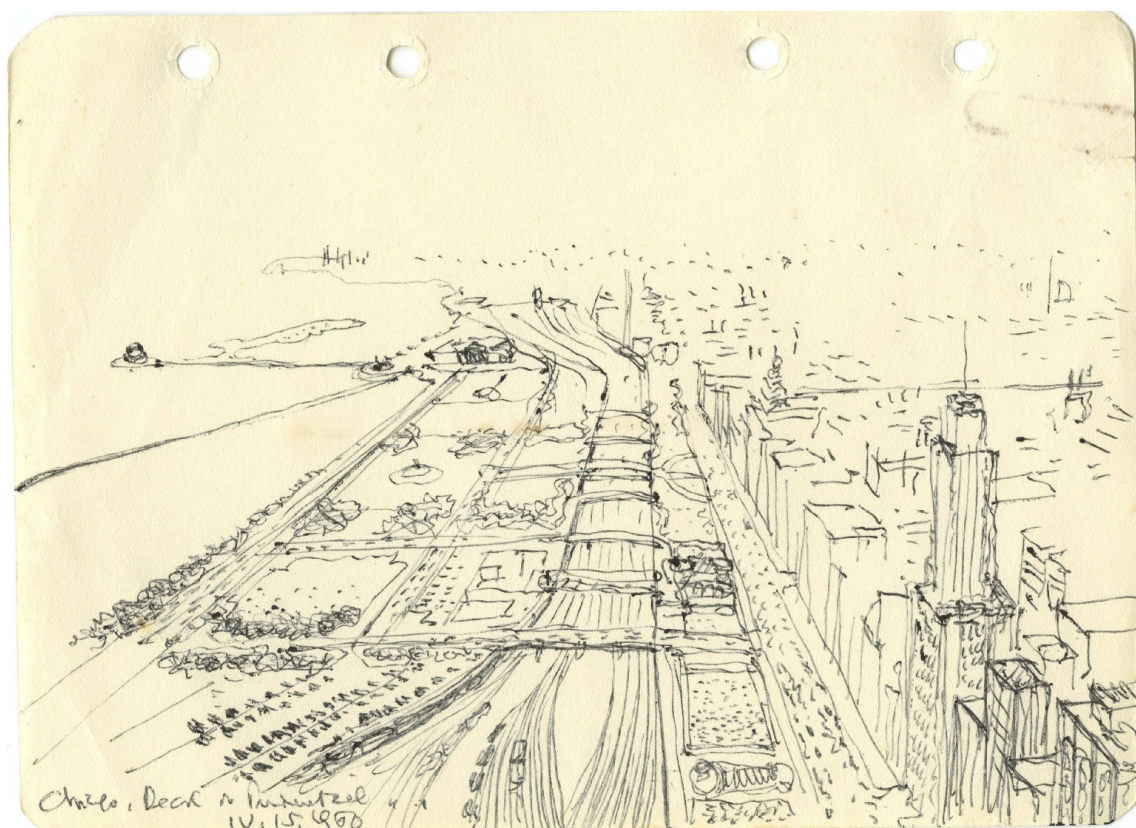
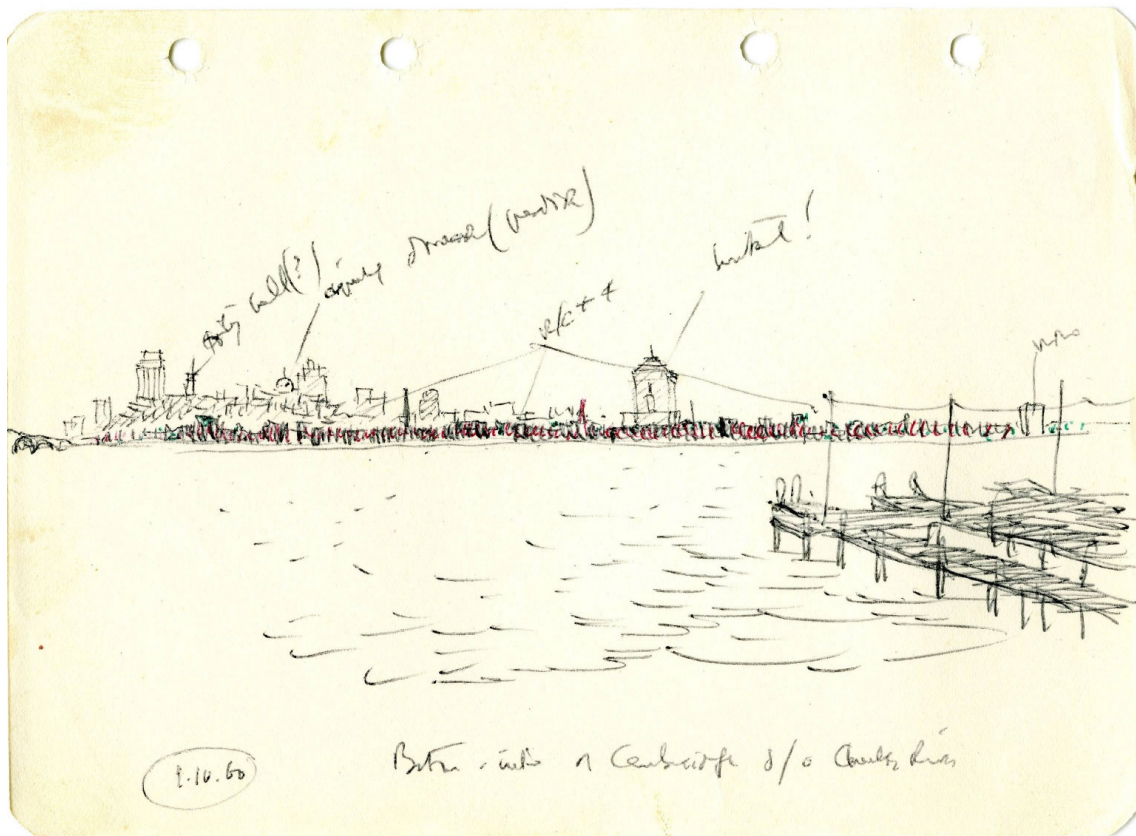
Começa pelas escolas e instituições ligadas à arquitectura e urbanismo. Aqui é confrontado com uma realidade diferente da portuguesa. Ao nível do planeamento urbano, os EUA apresentavam um grau de desenvolvimento e de experiência muito especializado. *“Em Portugal davam-se os primeiros passos, nos EUA Távora observa, então, os resultados de uma experiência de 30 anos de planeamento multidisciplinar.”* (Mesquita, 2007, p.65)

O contexto é o de um elevado nível de investigação nas áreas do urbanismo e de várias tentativas de concretização, no terreno, de projectos elaborados. As experiências realizadas nem sempre foram bem sucedidas, é certo, mas pelo menos, saíram do papel.

Além disso, o que também impressiona Távora é a quantidade, mas também qualidade, dos estudos, inquéritos e estatísticas, realizados não só em instituições de planeamento urbano, mas também em universidades. Após visitar a “Westchester Country Department of Planning” em Nova Iorque, Távora é claro em relação à qualidade do material aí presente: *“as bases de trabalho desta gente são magníficas: bons censos, bons levantamentos, boas cartas de análise de terrenos, etc., e até, coisa curiosa, um Inquérito às Construções de todos os aglomerados feito por uma companhia de seguros, inquérito que é actualizado por funcionários da companhia todos os anos!”* (Távora, 2012, p.101)

Os planos de pormenor vão sendo implementados em várias cidades americanas, com os resultados mais visíveis a surgirem relacionados com os sistemas viários. Távora contacta ainda com algumas personalidades americanas do urbanismo, como por exemplo Christopher Tunnard, que lhe apresenta algumas bases para a publicação de estudos mais abrangentes sobre a relação dos grandes eixos viários com a paisagem. (Mesquita, 2007, p.72)

Estas questões sobre os sistemas viários interessam muito a Távora. Sobretudo os



72 | Desenho da frente ribeirinha de Boston | Fernando Távora | 1960

73 | Desenho da frente marítima de Chicago | Fernando Távora | 1960

estudos que levam às propostas finais. No Plano de Aveiro sente-se a importância dada pelo arquitecto ao desenho do sistema viário em redor do canal, bem como aos estudos e inquéritos realizados no âmbito do Plano Director. O modo como Távora trabalha o lugar da intervenção (com a escolha do tipo de via, de sentido único; o desenho dos passeios e passagens para velocípedes e peões, etc) vai ao encontro das necessidades dos vários estudos realizados, mas sem nunca abdicar da relação harmoniosa que pretende que exista com a envolvente mais próxima (canal) e a paisagem urbana.

Na visita a algumas cidades, sem estar confinado a visitar as instituições, destaca-se o olhar crítico em relação aos problemas urbanos que elas evidenciam.

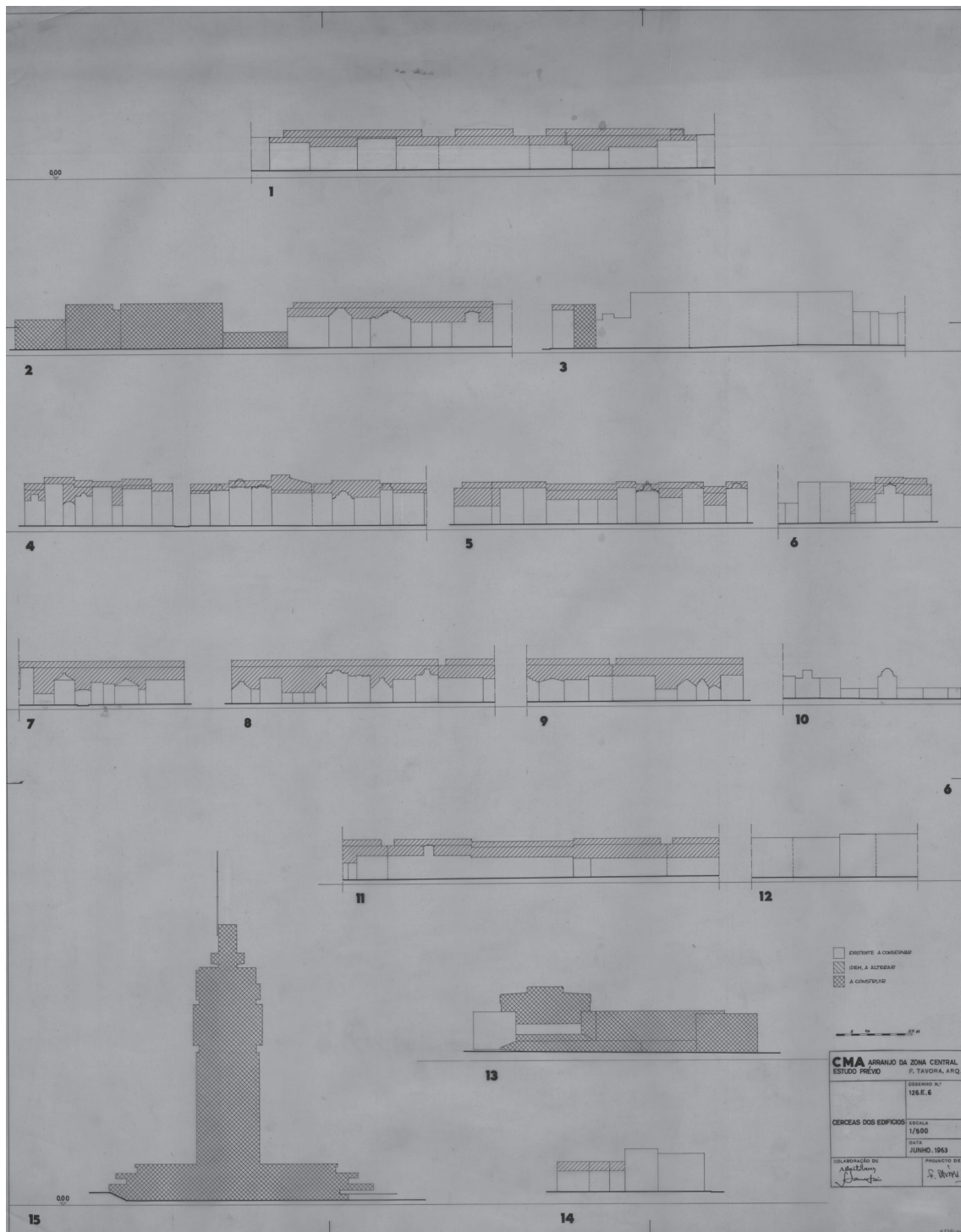
Um exemplo é a crítica ao “skyline” de Boston. Num passeio pela frente ribeirinha da cidade, alvo de reconstruções, Távora percebe que o crescimento desregulado de alguns edifícios começam a “poluir” o perfil da margem da cidade. O arquitecto ainda sente uma linha ténue de edifícios de escala menor em primeiro plano e um plano mais recuado de edifícios mais imponentes, no interior da cidade. No entanto, *“A reconstrução da margem (...) com uma cêrcea alta e certamente a construção de outros edifícios altos nos centros afectará toda a escala do perfil. Mais uma paisagem urbana que vai para o galheiro!”* (Távora, 2012, p.199)

Távora visita a cidade de Chicago onde também se debruça sobre os seus problemas urbanos. Num esboço que faz, apresenta-nos uma representação de uma vista sobre a frente marítima da cidade, alvo de tantos estudos ao longo dos anos. Nesta área da cidade *“A malha de arranha-céus, de pequena escala, a linha da State Street que faz frente para um emaranhado de sistemas viários e ferroviários, a frente marítima e o estacionamento automóvel de dimensões extraordinariamente grandes alternado por grandes “greens” ainda por construir.”* (Mesquita, 2007, p.144)

Ainda assim, essa malha de arranha-céus é demasiado contrastante com a horizontalidade dos sistemas viários e ferroviários da zona. Sistemas esses algo caóticos.

Parece clara a forma como o arquitecto olha para os estes dois exemplos (Boston e Chicago); para as duas frentes marítimas: como exemplos a não seguir e a não repetir no Plano de Aveiro. A presença do elemento água exige uma clarificação e ordenação de tudo o que é contrário à ideia de horizontalidade que esse elemento significa. As propostas

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
 Das influências teóricas às referências práticas



74 | Cércas dos edifícios do centro de Aveiro | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1963

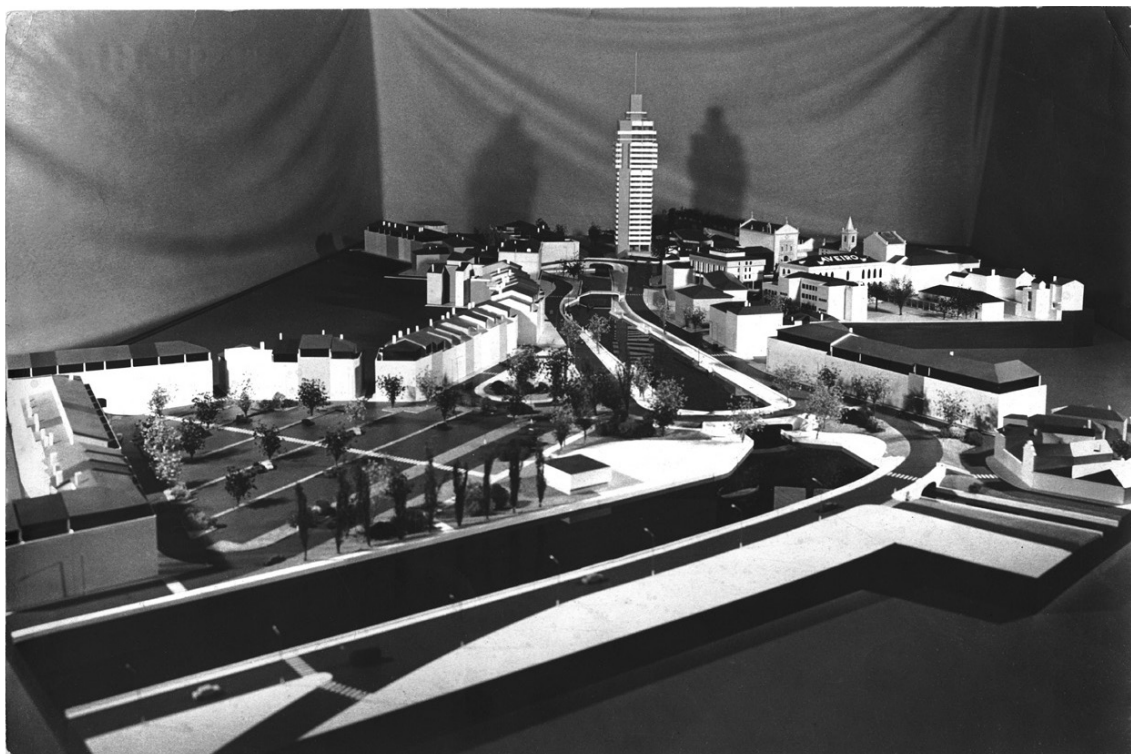
Legenda: Existente a conservar

Existente a alterar

A construir

de Távora passam pelo estabelecimento de cêrceas máximas para os edifícios existentes e limitação do número de edifícios a construir que podem significar uma excepção, de modo a não afectar a paisagem urbana.

No plano de Aveiro percebe-se a ideia do arquitecto em uniformizar o perfil do aglomerado edificado da zona central, de modo a se controlar o “skyline”; em desenhar um sistema-viário simples, respeitando a sua envolvente mais próxima- o canal central; e em projectar o *Edifício-Torre*, com a sua escala de ruptura, único elemento de excepção que pretende, no fundo, confirmar a regra.



75 | Maqueta | Arranjo da Zona Central de Aveiro | 1962

Considerações Finais

O *Arranjo da Zona Central de Aveiro* surge num ambiente de reflexão e debate, a nível mundial, sobre as questões de intervenção urbana. Obras escritas como *Townscape* (1961), de Gordon Cullen, *Território da Arquitectura* (1966), de Gregotti, *A arquitectura da cidade* (1966), de Aldo Rossi, e *A Imagem da Cidade* (1966), de Kevin Lynch, são exemplos que reflectem sobre novos modos de pensar a cidade e novas formas de fazer cidade. Reforçam a ideia, muito discutida à época, da necessidade de repensar o papel do desenho arquitectónico no âmbito da intervenção urbana.

O Plano de Távora para Aveiro, referência nacional no que diz respeito a propostas de renovação urbana, insere-se neste ambiente de reflexão, apresentando uma certa diversidade conceptual, própria dos planos experimentais em Portugal durante a década de 60, como referem Furtado, Macedo (2013, p.181). O Plano de Távora conjuga suavemente duas ideias distintas: a preservação do ambiente histórico da cidade de Aveiro e em simultâneo a sua transformação, com o objectivo de se modernizar e criar uma nova identidade.

O diálogo entre as influências no processo de planeamento, o modo projectual de Távora e o Plano Director de Auzelle, é o que define e caracteriza as propostas do Plano de Aveiro. O “peso” de todas as partes surge bem hierarquizado e as propostas finais reflectem isso mesmo.

Távora é pronto em assumir as ideias do Plano Director de Auzelle como base. (Távora, 1963, p. 2). Embora não tenha trabalhado directamente com o urbanista, “bebe” muito das suas propostas para o ordenamento de cidades (Aveiro e Porto por exemplo). A partir desta altura, Távora utiliza os inquéritos e estudos (característicos das intervenções de Auzelle) como parte indispensável na abordagem ao planeamento urbano.

Embora considere praticamente todas as ideias de Auzelle como boas, subentende-se, sobretudo, o interesse de Távora na ideia de recuperar a memória da cidade e de exultar a sua história. Por isso é possível afirmar que Távora vai mais além da proposta de Auzelle - vai mais além de inquéritos, estudos e determinações. O caminho escolhido

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

é o do desenho, pois, para Távora, é através desta ferramenta que é possível alcançar a unidade entre forma urbana e forma arquitectónica; e o caminho da aplicação de uma “*arquitectura contemporânea como plataforma de valorização e afirmação do conjunto de elementos pertencentes ao passado e afirmados nas nossas cidades num contínuo prolongamento temporal.*” (Furtado, 2013, p.189)

É neste contexto que as influências sobre o processo de planeamento assumem principal relevo. Entender como os dois tipos de influências (teóricas e práticas) dialogam entre si é crucial para diminuir o grau de especulação que sempre existe na tentativa de descortinar como elas estão integradas no Plano de Távora.

As influências de índole mais teórico são bastante absorvidas no desenho e não deixam um “rasto” demasiado evidente. Porque também não é o objectivo. A sua finalidade é que contribuam para a clareza global da proposta, para que esta funcione e resolva os problemas da cidade. Influências como as de Kevin Lynch são importantes numa primeira abordagem aos problemas da cidade; são cruciais para consolidar as ideias do arquitecto para a criação de uma imagem mental clara, que não existia em Aveiro.

Os exemplos de cariz mais prático assumem-se com mais evidência no Plano de Távora; são por isso mais identificáveis. Os “não exemplos” de algumas cidades americanas são decisivos para que não se cometam os mesmos erros em Aveiro. Num pólo oposto, a cidade de Veneza e os seus núcleos urbanos são cruciais para a boa organização da cidade de Aveiro e sua afirmação no território.

Existem também alguns exemplos que são muito literais no Plano de Távora. Muito por força de uma ideia que está presente no plano, a ideia de valorização do objecto arquitectónico em si mesmo. Esses objectos no Plano de Aveiro identificam-se pela Torre e pelo *Edifício Municipal*. Para que estes objectos sejam únicos, identificáveis mas também imponentes, fica-se com a sensação que as influências têm de ser o mais literais possíveis.

Parece clara a intenção do arquitecto em trazer para Aveiro a sofisticação e os “anos à frente” das cidades americanas. A Torre, além do seu aspecto formal algo wrightiano, a nível programático, refugia-se no modelo dos arranha-céus, por exemplo, de Nova Iorque, com a inclusão de programas como Hotel e Escritórios.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

No *Edifício Municipal* a influência italiana é, também, muito literal. Por exemplo na utilização, nas fachadas, das cores amarela e sobretudo rosa, cores muito presentes na cidade Veneza.

Mas a influência do moderno também está presente no *Edifício Municipal*, na aplicação de alguns dos cinco pontos de Le Corbusier para afirmação de uma nova arquitectura moderna. O edifício é projectado sobre *pilotis*, libertando grande parte desse piso para circulação pedonal; em alguns pisos é utilizada a *planta livre*, possibilitando maior diversidade dos espaços internos e flexibilidade na sua articulação. A cobertura do edifício é projectada não como uma cobertura tradicional, mas sim como um *terraço habitável*. Formalmente, sente-se um contraste entre a arquitectura moderna do edifício e a arquitectura tradicional existente na cidade, ligada mais intensamente à habitação.

Os conceitos que se absorvem no desenho e os exemplos mais ou menos literais mostram a riqueza de um Plano que exulta a arquitectura contemporânea em continuidade harmónica com a cidade histórica; que pretende a renovação e afirmação urbana de uma cidade marcada, desde a sua fundação, pela água; que afirma a simultaneidade e interdependência do desenho urbano e do desenho arquitectónico.

Apesar da incompleta concretização do Plano de Aveiro, a reorganização do centro de Aveiro, com a requalificação da Praça da República e desenho de todos os edifícios do conjunto, deixou uma marca significativa na cidade. Não é possível prever com exactidão como a cidade reagiria à materialização de todas as propostas, mas é inegável o impacto que teriam na transformação da sua paisagem urbana.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

Bibliografia

Monografias

Ascher, F. (1995). *Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade*. Lisboa: Celta Editora.

Ascher, F. (2001). *Novos princípios do urbanismo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Auzelle, R., Jankovic, I. (1952). *Encyclopédie de l'urbanisme*. Paris: Vincent.

Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*. Aveiro: Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal de Aveiro.

Benevolo, L. (1983). *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva.

Benevolo, L. (1984). *A cidade e o arquitecto*. Lisboa: Edições 70.

Bandeirinha, J. (2012). *Fernando Távora: Modernidade Permanente*. Guimarães: Associação Casa da Arquitectura.

Choay, F. (2007). *A regra e o modelo - Sobre a Teoria da Arquitectura e do Urbanismo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Choay, F. (2011). *As questões do património: antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70.

Corbusier, L. (1946). *Manière de Penser L'Urbanisme*. Boulogne-sur-Seine: Éditions de l'Architecture d'Aujourd'hui.

Corbusier, L. (1971). *Princípios de Urbanismo (La charte D'Athènes)*. Espanha: Ediciones Ariel.

Costa, A. (2007). *Textos Datados*. Coimbra: Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC.

Cullen, G. (2015). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.

Esposito, A., Leoni, G. (2005). *Fernando Távora: opera completa*. Milão: Electa.

Fernandez, S. (1988). *Percurso da arquitectura portuguesa 1930-1974*. Porto: FAUP.

Ferreira, A. (1995). *Aspectos da organização do espaço português*. Porto: FAUP Publicações.

Gregotti, V. (1994). *Território da arquitectura*. São Paulo: Perspectiva.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

- Lynch, K. (2008). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Lôbo, M. S. (1995). *Planos de Urbanização - A Época de Duarte Pacheco*. Porto: FAUP.
- Montuori, M. (1988). *Lezioni di progettazione :10 maestri dell'architettura italiana*. Milão: Electa.
- Mumford, E. (2000). *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Portas, N. (2008). *A arquitectura para Hoje*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Portas, N. (2011). *A cidade como arquitectura: apontamentos de método e crítica*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Rossi, A. (1999). *La arquitectura de la ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Távora, F. (1947). *O Problema da Casa Portuguesa*. Cadernos de Arquitectura nº1. Lisboa: Editorial Organizações.
- Távora, F. (2007). *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações.
- Távora, F. (1963). *Memória Descritiva e Justificativa do Arranjo arquitectónico e urbanístico da zona central - Estudo Prévio*. Porto: Fundação Marques da Silva.
- Távora, F. (S. D.). *Memória Descritiva e Justificativa do Ante-Projecto*. Aveiro: Arquivo Histórico de Aveiro.
- Távora, F. (1964). *Memória Descritiva do Edifício Municipal-Projecto*. Aveiro: Arquivo Histórico de Aveiro.
- Távora, F. (2012). *Diário de bordo*, coord. Siza, A. Porto: Associação Casa da Arquitectura.
- Silva, D. M., Silva, M. M. (1960). *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro: Peças desenhadas*. (33 plantas). Porto : [s.n.].
- Silva, D. M., Silva, M. M. (1948). *Anteplano de Urbanização da Cidade de Aveiro: Peças escritas*. Porto : [s.n.].

Artigos

- Amorim, I. (1997). Cartografia Antiga da Cidade, *Boletim Municipal de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, pp.117-124.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

Dias, J., Ferreira, Ó., Pereira, A (1994). Estudo Sintético de Diagnóstico da Geomorfologia e da Dinâmica Sedimentar dos Troços Costeiros entre Espinho e Nazaré. pp. 189-205. Recuperado em 22 de Junho, 2016 em http://w3.ualg.pt/~jdias/JAD/ebooks/EsaminAveiro/9_CAveiro.pdf

Furtado, G., Macedo, R. (2011). *Reabilitação urbana e intervenção em centros históricos: Alguns desafios e evolução de paradigmas em Portugal*. XX-XX. Recuperado em 15 de Janeiro, 2015 em <http://pt.scribd.com/doc/75714924/11-Goncalo-Furtado-Rosa-Macedo#scribd>

Furtado, G., Macedo, R. (2013). Continuar Inovando. Novos paradigmas contemporâneos de renovação urbana. *AGIR - Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas*. 1(5), 171-199. Recuperado em 4 de Fevereiro, 2015, de https://www.academia.edu/10193407/Continuar_Inovando._Novos_paradigmas_contempor%C3%A2neos_de_renova%C3%A7%C3%A3o_urbana

Juncal, M. (2012). Robert Auzelle e o urbanismo francês dos meados do século XX no Plano Director da Cidade do Porto de 1962. *Cadernos - Curso de Doutoramento em Geografia*. 4, 61-74. Recuperado em 11 de Dezembro, 2014, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9962.pdf>

Távora, F. (1968, Março). O Arranjo da Zona Central de Aveiro. *Arquitectura*. (102), pp.59-63.

Vitória, J. (1995). *Arquitecto Francês Robert Auzelle*. Recuperado em 15 de Junho, 2014 em <http://www.vitoria.com.pt/node/428>

Teses e Dissertações

Almeida, D. (2011). *Vila Nova de Aveiro: formas urbanas reguladas*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, FCTUC, Portugal.

Cruz, S. (2011). *Aveiro, a avenida: bases para um plano*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, FCTUC, Portugal.

Figueira, J. (2009). *A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60-Anos 80*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, FCTUC, Portugal.

Ferreira, S. (2003). *Aveiro no Estado Novo- Cidade idealizada versus cidade operacionalizada*. Dissertação de Mestrado em Planeamento Urbano e Regional, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

Fonseca, A. (2011). *Aveiro- cidade- Universidade: desenvolvimento e políticas urbanas da segunda metade do séc. XX ao presente*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, FCTUC, Portugal.

Martins, C. (2014). *O Programa das Obras Públicas para o Território de Portugal Continental, 1789-1809. Intenção Política e Razão Técnica - o Porto do Douro e a Cidade do Porto*. 2 vol. Tese de Doutoramento em Arquitectura, Universidade de Coimbra, Portugal.

Mesquita, A. (2007). *O melhor de dois mundos, A Viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Território e Memória, Departamento de Arquitectura, FCTUC, Portugal.

Pina, J. (2014). *A cidade do sal. Um contributo para a integração das salinas no espaço urbano de Aveiro*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, FCTUC, Portugal.

Silva, J. (2010). *O Monumento e o Lugar. Relação entre o espaço público e o monumento na intervenção patrimonial contemporânea*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura em Núcleos Urbanos, FAUTL, Portugal.

Webgrafia

<http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/04/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos.html>

<http://zappiens.pt/Z2381>

<http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/aveiro06.htm>

<http://www.prof2000.pt/users/secjeste/Aveiroarte/Anual2006/Page050.htm>

<http://www.vitoria.com.pt/node/426>

<https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/13/veneza-a-praca-de-sao-marcos-analise-da-forma-urbana/>

<https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/03/10/veneza-as-cidades-medievais-leonardo-benevolo/>

Filmografia

Areias, R. (2013). *1960*.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

“Funcionalismo Orgânico – Robert Auzelle e o Plano Director da Cidade do Porto”: Conferência Internacional Jacques Gréber – Urbanista e Arquitecto de Jardins (20/04/2012). Disponível em <http://zappiens.pt/Z2381>

Documentário: Fernando Távora (23/12/2001) Disponível em <http://www.rtp.pt/arquivo/?article=687&tm=22&visual=4>

Data do último acesso a todos os links mencionados: 24 de Julho de 2016.

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

Fontes das Imagens

- 1| Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim31/page05.htm>
- 2| Ferreira, S. (2003). *Aveiro no Estado Novo- Cidade idealizada versus cidade operacionalizada*, p.13
- 3| Disponível em http://www.aderav.com/quemsomos/registos/revista-patrimonios/patrimonios-n-1/as-muralhas-da-vila-de-aveiro-em-1692-segundo-o-tombo-da-casa-de-aveiro/#.VxUhb_krKJA
- 4| Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/FMSarmento/Aveifoto160.htm>
- 5| Disponível em http://www.aderav.com/quemsomos/registos/revista-patrimonios/patrimonios-n-1/as-muralhas-da-vila-de-aveiro-em-1692-segundo-o-tombo-da-casa-de-aveiro/#.VxUhb_krKJA
- 6| Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/aveiro11.htm>
- 7| Dias, J., Ferreira, Ó., Pereira, A (1994). Estudo Sintético de Diagnóstico da Geomorfologia e da Dinâmica Sedimentar dos Troços Costeiros entre Espinho e Nazaré, p. 205
- 8| <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/Aveiro04.htm>
- 9| Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/aveiro11.htm>
- 10| Pina, J. (2014). *A cidade do sal. Um contributo para a integração das salinas no espaço urbano de Aveiro*, p.26
- 11| Ferreira, S. (2003). *Aveiro no Estado Novo- Cidade idealizada versus cidade operacionalizada*, p. 46
- 12| Cruz, S. (2011). *Aveiro, a avenida: bases para um plano*, p.16
- 13| Cruz, S. (2011). *Aveiro, a avenida: bases para um plano*, p.16
- 14| Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/Aveiro05.htm>
- 15| Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/aveiro04.htm>
- 16| Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/FMSarmento/Aveifoto140.htm>
- 17| Disponível em <http://arquivoatom.up.pt/index.php/arquiteto-carlos-ramos>

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

- 18| Cruz, S. (2011). *Aveiro, a avenida: bases para um plano*, p.22
- 19| Cruz, S. (2011). *Aveiro, a avenida: bases para um plano*, p.26
- 20| Fonseca, A. (2011). *Aveiro- cidade- Universidade: desenvolvimento e políticas urbanas da segunda metade do séc. XX ao presente*, p.48
- 21| Cruz, S. (2011). *Aveiro, a avenida: bases para um plano*, p.26
- 22| Fonseca, A. (2011). *Aveiro- cidade- Universidade: desenvolvimento e políticas urbanas da segunda metade do séc. XX ao presente*, p.48
- 23| Fonseca, A. (2011). *Aveiro- cidade- Universidade: desenvolvimento e políticas urbanas da segunda metade do séc. XX ao presente*, p.44
- 24| Fonseca, A. (2011). *Aveiro- cidade- Universidade: desenvolvimento e políticas urbanas da segunda metade do séc. XX ao presente*, p.50
- 25| Fonseca, A. (2011). *Aveiro- cidade- Universidade: desenvolvimento e políticas urbanas da segunda metade do séc. XX ao presente*, p.46
- 26| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.68
- 27| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.68
- 28| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.69
- 29| Disponível em <http://osmeuscantinhos.blogspot.pt/2011/03/os-meus-locais-de-antigamente-por-onde.html>
- 30| Ferreira, S. (2003). *Aveiro no Estado Novo- Cidade idealizada versus cidade operacionalizada*, p.13
- 31| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-02-0025
- 32| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0111_1-2
- 33| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.68
- 34| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0019
- 35| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0017
- 36| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.69
- 37| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.68
- 38| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.69
- 39| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0020
- 40| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0022

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

- 41| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0021
- 42| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0021
- 43| Bandeirinha, J. (2012). *Fernando Távora: Modernidade Permanente*, p.305
- 44| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0021
- 45| Bandeirinha, J. (2012). *Fernando Távora: Modernidade Permanente*, p.304
- 46| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0022
- 47| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.68
- 48| Auzelle, R. (1964). *Plano director da cidade de Aveiro*, pl.69
- 49| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0015
- 50| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0017
- 51| Fotografia do autor da dissertação
- 52| Fotografia do autor da dissertação
- 53| Fotografia do autor da dissertação
- 54| Arquivo Histórico de Aveiro: Desenho nº 129. A4
- 55| Arquivo Histórico de Aveiro: Desenho nº 129. A4
- 56| Arquivo Histórico de Aveiro: Desenho nº 136. P4
- 57| Arquivo Histórico de Aveiro: Desenho nº 129. A4
- 58| Arquivo Histórico de Aveiro: Desenho nº 136. P4
- 59| Arquivo Histórico de Aveiro: Desenho nº 129. A4
- 60| Fotografia do autor da dissertação
- 61| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0019
- 62| Fotografia do autor da dissertação
- 63| Disponível em <https://segd.org/image-city>
- 64| Lynch, K. (2008). *A imagem da cidade*, p.25
- 65| Bandeirinha, J. (2012). *Fernando Távora: Modernidade Permanente*, p.303
- 66| Disponível em <https://www.raremaps.com/gallery/enlarge/28947>
- 67| Disponível em <http://bowshrine.com/photos-of-19th-century-venice-italy/>

Arranjo da Zona Central de Aveiro, de Fernando Távora (1962-67)
Das influências teóricas às referências práticas

- 68| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0008
- 69| Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Piazza_San_Marco#/media/File:Quadri-Moretti,_Piazza_San_Marco_\(1831\),_01.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Piazza_San_Marco#/media/File:Quadri-Moretti,_Piazza_San_Marco_(1831),_01.jpg)
- 70| Disponível em <http://www.allnumis.com/postcards-catalog/italy/venice/venice-aerial-view-1970-8165>
- 71| Mesquita, A. (2007). *O melhor de dois mundos, A Viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960*, p.77
- 72| Mesquita, A. (2007). *O melhor de dois mundos, A Viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960*, p.103
- 73| Mesquita, A. (2007). *O melhor de dois mundos, A Viagem do arquitecto Távora aos EUA e Japão - Diário 1960*, p.114
- 74| Arquivo Fundação Instituto Marques da Silva: FIMS_FT_0126-pd0014
- 75| Bandeirinha, J. (2012). *Fernando Távora: Modernidade Permanente*, p.303

Data do último acesso a todos os links mencionados: 24 de Julho de 2016